

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Memória, constituição e discursivização de G Magazine:
*a homofobia, o assumir-se gay e a militância***

THIAGO ALVES FRANÇA

Vitória da Conquista
Dezembro de 2010

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Memória, constituição e discursivização de G Magazine:
*a homofobia, o assumir-se gay e a militância***

THIAGO ALVES FRANÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Memória, Discurso e Narrativas.

Orientadora: Profa.. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva
Co-orientador: Prof. Dr. Edson Silva de Farias

Vitória da Conquista
Dezembro de 2010

F814m	<p>França, Thiago Alves</p> <p>Memória, constituição e discursivização de G Magazine: a homofobia, o assumir-se gay e a militância / Thiago Alves França; orientadora Maria da Conceição Fonseca-Silva; co-orientador Edson Silva de Farias _ _</p> <p>Vitória da Conquista, 2010. 1423f.</p> <p>Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2010.</p> <p>1. Memória discursiva. 2. Revista G Magazine. 3. Homossexualidade. 4. Homofobia. 5. Militância. I. Fonseca-Silva, Maria da Conceição. II. Farias, Edson Silva de. III Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.</p>
-------	--

Título em inglês: Memory, constitution and discursivization of G Magazine: the homophobia, the assume himself gay and the militancy.

Palavras-chaves em inglês: Discourse memory. Periodical G Magazine. Homosexuality. Homophobia. Militancy

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.


Banca examinadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (orientadora); Prof. Dr. Edson Silva de Farias (co-orientador); Edvania Gomes da Silva (membro titular); Prof. Dr. Sírío Possenti (membro titular); Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida (Uesb) (suplente), Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (suplente)

Data da defesa: 16 de dezembro de 2010.

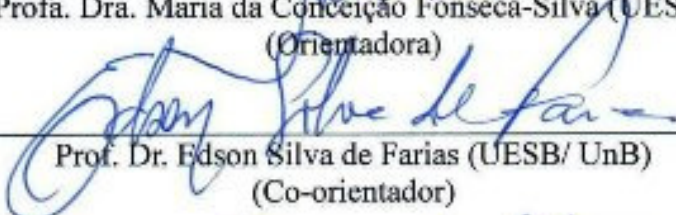
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

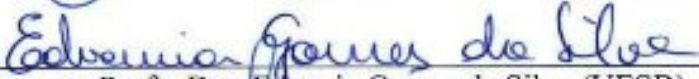
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB)
(Orientadora)



Prof. Dr. Edson Silva de Farias (UESB/ UnB)
(Co-orientador)



Profa. Dra. Evania Gomes da Silva (UESB)



Prof. Dr. Sírio Possenti (UNICAMP)

Suplentes

Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida (UESB)

Profa. Dra. Tânia Alkmim (Unicamp)

Local e Data da Defesa de Dissertação: Vitória da Conquista, 16/12/2010

Resultado: Aprovado

Há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar de forma diferente da que se pensa e perceber de forma diferente da que se vê é indispensável para continuar a ver ou a refletir.

(FOUCAULT, 1983, p. 187)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva, minha orientadora, por acreditar em meu trabalho, pela oportunidade de crescer ao seu lado e por me ensinar a ver. Agradeço ao Prof. Dr. Edson Silva de Farias, meu co-orientador, pela presteza, sabedoria e conversas francas.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por financiar esta pesquisa.

Agradeço ao Programa de Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade por ter oportunizado a minha formação em nível de mestrado.

Agradeço à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

Agradeço aos professores membros da Banca de Qualificação. Agradeço, especialmente, ao Prof. Dr. Nilton Milanez, pelas preciosas sugestões.

Agradeço aos membros da Banca de Defesa: agradeço, de maneira especial, ao Prof. Dr. Sírio Possenti e à Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva, como titulares, e também ao Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida e à Prof. Dra. Tania Alkmim, na condição de suplentes.

Agradeço ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Agradeço a Mirian, Guilherme e Naiana, funcionários do Programa em Memória: Linguagem e Sociedade, pelo sorriso nosso de cada dia.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis), pela possibilidade da realização deste trabalho

Agradeço aos colegas e amigos do mestrado, pelos momentos compartilhados, pela angústia dividida, pelas risadas e tão bons momentos. Agradeço, especialmente, à Thiaquelliny, Sara, Rogério, Clara, Tulio, Polliana, Celma e Cecília.

Talvez seja insuficiente tudo o que eu disser, porque há coisas que não podem ser mensuradas, nomeadas, definidas. Mas ainda que eu corra o risco de diminuir com minhas palavras o que é, por natureza, grande e belo, assumo o risco e agradeço aos meus pais por todos os momentos de aprendizado, de sabedoria, de respeito, de confiança... Pela criação a mim dedicada, pelo carinho, pela admiração, por vibrarem a

cada conquista, e, às vezes – na verdade, tantas vezes –, por acreditarem mais que eu, a ponto de me fazerem ver que é possível ser feito. Por me ensinarem o amar, e por todo o resto que vem a partir disto, agradeço imensamente e sem fim.

Agradeço aos meus irmãos por vibrarem tantas vezes na mesma frequência, e também pela compreensão e amizade! Agradeço por estarem comigo, por torcerem por mim, por dividirmos nossos momentos, por participarem comigo deste processo.

Agradeço a Tayron pela paciência, pela companhia, pelo cotidiano e sonhos compartilhados.

Agradeço à minha cunhada pelo carinho e amizade, e à minha sobrinha, pela luz em nossas vidas.

Agradeço aos meus parentes, em especial à minha avó – Gina – por todas as orações.

Agradeço a Du, Murillo, Cassi, Kinha, Kati, Angélica, Gueu, Emily, Iana, Marcela, Sandra, Ana Marta, Otávia, Nay, Kathy, Léo, Rick, Chico, Thiago, Oliviana, Tai, Lu. Obrigado, meus queridos amigos, pela presença e por participarem de momentos fundamentais da minha vida!

Agradeço ao Grupo Liberdade, Igualdade e Cidadania Homossexual (GLICH) e a Enézio, por disponibilizarem as primeiras *G Magazine* para constituição do *corpora*.

Agradeço ao Prof. Dr. Edward MacRae e ao seu assistente, Joey, pela disponibilização de material acerca da militância homossexual no Brasil.

Agradeço a todos que contribuíram, que torceram, que acompanharam. Muito, muito obrigado!

Por fim, agradeço a Deus, pela coragem concedida, pelos caminhos que se abrem e pelos pés aptos a trilhar.

RESUMO

A pesquisa que resultou neste trabalho teve como objetivo analisar o processo de constituição e discursivização da revista *G Magazine*. Para tanto, o *corpus* foi constituído de formulações de edições da revista que circularam de outubro de 1997 a dezembro de 2009. Tentamos responder a seguinte questão: Ao se constituir como segmento de mercado, em que a revista *G Magazine* se diferencia de outras revistas? Para responder essa questão, tentamos comprovar a hipótese de que, no jogo de memória discursiva, a *G Magazine*, ao se constituir, diferencia-se de outras revistas pela regularidade da discursivização sobre a homofobia, o assumir-se gay e a militância. A partir da perspectiva multidisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, ao qual está vinculado este trabalho, para tentarmos responder a questão e comprovar a hipótese levantada, mobilizamos, na análise do *corpus*, postulados teóricos de diferentes áreas do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Memória discursiva. Revista G Magazine. Homossexualidade. Homofobia. Militância

ABSTRACT

This research aimed to analyze the periodical *G Magazine's* constitution and discoursivization process. For this, the *corpus* was comprised of formulations from editions that circulated from October 1997 to December 2009. We try to answer the following *question*: How does *G Magazine* differs from others magazines and - by doing this - constitutes itself as a market segment? To answer this question, we try to prove this hypothesis: by constitution in discursive memory game , the *G Magazine* is differentiated from other magazines through the regularity of discoursivization of the homophobia, of the assume himself gay and of the militancy. Following a multidisciplinary perspective wich also is the perspective of the Graduate Program in Memória: Linguagem e Sociedade (which this work is linked to) we try to answer the question and prove the hypothesis. In the analysis of the corpus we mobilized theoretical postulates from different areas of knowledge.

KEYWORD

Discourse memory. Periodical G Magazine. Homosexuality. Homophobia. Militancy

SUMÁRIO

1 Introdução	10
1.1 Considerações iniciais	10
1.2 O caminho para a constituição do <i>corpus</i> e dos pressupostos teóricos analíticos ...	12
1.2.1 Considerações sobre a constituição do <i>corpus</i>	12
1.2.2 Algumas questões sobre o referencial teórico-analítico	13
1.3 Organização dos capítulos	17
2 <i>G Magazine</i> : Constituição e Discursivização	18
2.1 A explosão discursiva e a imprensa homoerótica brasileira	18
2.2 A imprensa nacional dos “entendidos”	19
2.3 De <i>Bananaloca</i> à <i>G Magazine</i>	22
2.4 <i>G Magazine</i> : uma breve apresentação	25
2.4.1 Os cuidados com o corpo	27
2.4.2 O turismo: uma amostra do sujeito de desejo	30
2.5 A imagem antecipada dos corpos nas capas e além delas	33
2.6 Considerações finais	42
3 A homofobia discursivizada em <i>G Magazine</i> : de homo para homo	44
3.1 Considerações sobre a homofobia: um recorte de memória	44
3.2 A homofobia em <i>G Magazine</i> como componente da arquitetura do preconceito....	50
3.3 A homofobia específica em <i>G Magazine</i>	53
3.4 Formas de homofobia em <i>G Magazine</i>	55
3.4.1 Enrustidos e violentos	55
3.4.2 A homofobia do “meio”	69
3.4.3 A homofobia internalizada	75
3.5 Psicanálise e <i>G Magazine</i>	78
3.6 Vitimismo e imobilidade: implicações na militância	81
3.7 Considerações finais	84
4 Discursivização do assumir-se gay em <i>G Magazine</i>	86
4.1 A ordem é: saiam do armários	86
4.2 Efeitos de sentido do assumir	91
4.3 Assumir-se: um ato “solidário”.....	99
4.3 Assunção como confissão: efeitos do mesmo dispositivo	106
4.4 Assunção e militância	110
4.5 Considerações finais	113
5. O ativismo em <i>G Magazine</i> : um convite/ uma intimação à militância.....	114
5.1 O movimento gay do Brasil: um breve histórico	114
5.2 Lutar é a palavra de ordem	117
5.3 Muito além de um Carnaval fora de época: a Parada de Orgulho Gay como luta e resistência	124
5.5 Mais práticas de militância	128
5.5 Considerações finais	132
6 Últimas considerações.....	134
Referências	136

1 INTRODUÇÃO

1.4 Considerações iniciais

Em História da sexualidade, Foucault (1976, 1984a, 1984b) mostra que nos séculos que precederam ao cristianismo, bem como nos dois primeiros da era cristã, as idéias de “sexualidade” e “sexo” não são observadas, mas a idéia de *aphrodisia*, campo de cuidados morais no qual o exercício da sexualidade não carrega em si um mal ou decadência, pois é algo natural e indispensável; um regime que rege os atos e os prazeres; uma arte erótica, em que não importam os atos permitidos ou proibidos. A preocupação é com a força com que se é levado aos prazeres e aos desejos e, neste caso, a “temperança” revela-se como um trabalho sobre si mesmo, e ser livre em relação aos prazeres é não estar a seu serviço, é não ser seu escravo.

Segundo o autor, a partir da Idade Média, o sacramento da confissão intensifica-se e com ele surge a polícia da língua. A carne passa a ser a origem de todos os pecados e o desejo um mal que atinge todos os homens. O séc. XVII marca a tarefa de dizer a si e aos outros tudo o que pode estar relacionado aos prazeres, mas pelo crivo do dispositivo de sexualidade, rede que congrega saber e poder. Por meio do dispositivo de sexualidade, a burguesia assumiu um corpo e uma sexualidade próprios. O século XIX é marcado pela obstinação em fazer falar o sexo e colocar a sexualidade em uma economia geral dos discursos que estabelecem os parâmetros para o normal e o anormal, emergindo uma teorização médica em torno do corpo feminino, da precocidade da sexualidade infantil, da regulação dos nascimentos e da especificação dos atos perversos.

A vontade de saber sobre o sexo, a polêmica e curiosidade criada acerca do tema, a importância dada à maneira por meio da qual o homem se relaciona com o seu desejo e as implicações bio-psico-sociais desta relação fazem com que o sexo e a sexualidade continuem como objetos de interesse de diversas áreas de conhecimento, seja na biologia, com seus estudos e possíveis determinações genéticas, seja na psicologia, antropologia, sociologia, teologia, ou ainda na esfera jurídica, dentre outras. Neste contexto, a relação mídia-sexo-sexualidade também vem sendo discutida de maneiras diversas, e é nesse eixo que se insere este trabalho.

É necessário destacar, aqui, duas formas antagônicas de entendermos a mídia. Numa perspectiva, a mídia é compreendida como criadora de sentidos, e por isso mesmo definidora de um imaginário. Em outra perspectiva, a mídia faz circular sentidos e discursos existentes no imaginário da sociedade. Da perspectiva da qual se diz que as coisas existem a partir do momento em que se toma consciência delas, que só há presença porque há representação, ou que só há o que se lembra não é problemático admitir que a mídia crie sentidos, que inaugure significados. No entanto, esta não é a perspectiva de nosso trabalho.

Conforme Bergson (2006), o universo não se resume ao que se sabe dele, tampouco é fruto da representação do homem, de modo que o que o homem sabe não passa de uma seleção que se relaciona a uma funcionalidade. Aquém é o conhecimento do homem, e além a existência das coisas. Há, assim, um primado do universo sobre o que se conhece acerca dele, de modo que o real percebido pelo homem não esgota a real existência das coisas.

Para Bergson (2006), há presença independente de representação, e há o universo independente do cérebro humano, cérebro este que é apenas mais uma imagem que se inscreve num cabedal de outras tantas imagens. Considerando que o que há de perceptível para o homem é uma seleção de tudo o que há independentemente e antes dele, podemos pensar que a mídia, enquanto instituição, não pode ser mais que uma luz que se lança para iluminar um quadro específico, no mesmo instante em que, inevitavelmente, há uma infinidade de outros quadros cujo raio luminoso não clareia, não seleciona, não conhece. A mídia, assim, funcionaria de modo semelhante ao corpo para Bergson (2006): seria a imagem privilegiada que tem a possibilidade de selecionar algumas imagens com as quais estabelecerá relações, criando, quando muito, representações do que se seleciona, sem que com isso consiga esgotar a totalidade do real ou fugir dela.

Ao entendermos a mídia como lugar de circulação de discursos, afastamo-nos da perspectiva em que ela é apresentada como criadora de sentidos, e, por isso, concordamos que desse lugar não se criam discursos. Aceitando esse postulado, não podemos concordar com o argumento de que as propagandas, por exemplo, fazem com que as mulheres se tornem objeto sexual, pois seria tão problemático quanto aceitarmos o argumento de que é por causa da mídia que a sociedade percebe o homem como mais competitivo, mais ou menos viril; que a imagem do homem homossexual é ou não

associada à feminilidade. Assim, se é possível identificarmos, em diferentes mídias, mulher e homem representados desta ou daquela maneira, é porque existem, antes, fora e além da mídia, posições de sujeito a partir das quais é possível enunciar determinadas coisas acerca de mulheres e de homens. E não outras .

Entendendo, pois, a mídia como lugar de circulação de discursos e, portanto, como um lugar de memória discursiva, na pesquisa que originou este trabalho e que está vinculada ao projeto temático *Mídia e Memória: Constituição e Discursivização de Revistas no Brasil*¹, propomo-nos a analisar edições da revista *G Magazine*, que circularam de outubro de 1997 a dezembro de 2009, para responder a seguinte questão: ao se constituir como segmento de mercado, em que a revista *G Magazine* se diferencia de outras revistas?

Formulado o problema, levantamos a seguinte hipótese: a revista *G Magazine*, ao se constituir, diferencia-se de outras revistas dirigidas a homens (a exemplo de *Playboy*) e a mulheres (a exemplo de *Claudia*, *Nova* e outras revistas do gênero) pelos funcionamentos discursivos que dizem respeito à homofobia, ao *assumir-se gay* e à militância gay, que perpassa os dois primeiros, funcionamentos que a individualizam como um diferente segmento de mercado e, portanto, como um diferente lugar de dizer e um diferente *lugar de memória discursiva*.

1.5 O caminho para a constituição do *corpus* e dos pressupostos teórico analíticos

1.5.1 Considerações sobre a constituição do *corpus*

Interessava-nos, antes mesmo deste trabalho, o modo por meio do qual, na mídia, os homens homossexuais eram discursivizados. A esta curiosidade, aliamos o fato de encontrarmos um grupo de pesquisa² que investiga o processo de constituição e o funcionamento discursivo de revistas no Brasil, o que nos levou a definir que trabalharíamos com a mídia impressa e, mais precisamente, com os periódicos

¹ Projeto temático *Mídia e Memória: Constituição e Discursivização de Revistas no Brasil*, coordenado pela Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) está vinculado à linha de pesquisa *Memória, Discurso e Narrativas*, do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

² Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/Uesb), no qual o projeto temático já mencionado é desenvolvido.

chamados revistas. Como a nossa questão dizia respeito à homossexualidade, a nossa escolha natural seria investigar um impresso dirigido a homens homossexuais. E escolhemos a *G Magazine*.

A opção pela *G Magazine* se justifica pelo fato de esse periódico ser a mais antiga revista destinada a homens gays no Brasil com circulação ininterrupta desde sua primeira edição, em outubro de 1997. Acreditamos que a duração da revista no mercado possibilitaria enxergar nas edições mudanças sociais, o que não seria possível em periódicos que pararam de circular após um período relativamente curto de existência.

A *G Magazine* é um periódico mensal, de modo que nos parecia improvável o trabalho com todas as edições desde sua origem até o ano de 2009, num cômputo de 147 edições, levando em conta o tempo curto para o início e apresentação final de uma dissertação. A extensão do material nos levou, então, a propor um recorte temporal, temático ou de outra natureza. Adotando a “outra natureza” como critério, a primeira opção foi trabalhar com um gênero textual específico, os anúncios publicitários, inclusive numa espécie de comparação com os anúncios de outros periódicos. No entanto, percebemos, com ajuda dos orientadores, que a questão que tínhamos para responder não seria respondida analisando e observando somente um gênero textual entre outros tantos em *G Magazine*.

O trabalho de fôlego que nos foi cobrado foi a melhor opção para que pudéssemos responder à questão que nos interessava. Para entendermos o processo de constituição e discursivização da revista, analisamos, inicialmente, 147 edições e selecionamos e catalogamos formulações, agrupando-as por temas/assuntos. Fizemos um exaustivo trabalho de manuseio dos dados, o que nos ajudou a refutar hipóteses iniciais e comprovar outras, fazendo-nos perceber as afinidades do periódico com tantos outros, e, o que mais nos interessava, ou seja, a questão de saber em que a revista *G Magazine* se diferencia de outras revistas.

1.5.2 Algumas questões sobre o referencial teórico analítico

A partir da perspectiva multidisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, ao qual está vinculado este trabalho, ao tentar responder a questão e comprovar a hipótese levantada, mobilizamos, na análise do *corpus*, postulados teóricos de Achard, Baudrillard, Bergson, Borillo, Butler, Courtine,

Deleuze, Foucault, Freud, Morin, Nora, Orlandi, Pêcheux, Possenti; bem como estudos realizados por Abreu, Fonseca-Silva, Fry, Green, Indursky, Kronka, Laplanche, MacRae, Monteiro, Morin, Mott, Nascimento, Sedgwick, Simões Jr, Zanatta, Weeks e Welzer-Lang.

Salientamos que não trataremos aqui de todos os postulados teóricos e nem de todos os estudos dos autores mencionados, visto que as questões teóricas são explicadas no corpo do trabalho. Sublinhamos também que não retomaremos todos os teóricos que discutem a temática da memória. Ainda assim, considerando que a memória é tomada no PPG em Memória: Linguagem e Sociedade numa perspectiva multidisciplinar, permitindo trabalhos diversos com resultados distintos por conta da multimodalidade da memória, faz-se necessário explicar de qual perspectiva mobilizamos, em nosso trabalho, este conceito.

Quando a memória é pensada em relação ao discurso, fala-se em interdiscurso, que corresponde ao que também se conhece como memória discursiva. Este é um conceito importante em Análise de discurso, porque, a partir dele, as modalidades do assujeitamento puderam ser analisadas. Teóricos diferentes, mas com a característica comum, de acordo com Fonseca-Silva (2007b), de tratarem da memória como um efeito na atualidade de um acontecimento discursivo, consideram este conceito de maneiras, em alguma medida, diversas.

Foucault (1969) destaca a necessidade de entender o enunciado em sua irrupção singular, mas não deixa de considerar que esta irrupção singular, estranhamente, se relaciona a todo um jogo de outros enunciados, que podem ser repetidos, refutados etc., mas que não deixam de estar re-atualizados inclusive para que um enunciado possa existir em sua singularidade circunstancial. Uma das quatro características³ descritas pelo autor para que se identifique um enunciado é justamente o seu campo associado, ou domínio de memória.

Apesar de não desenvolver a noção de interdiscurso, as relações interdiscursivas já são consideradas por Foucault (1969), e, como observa Fonseca-Silva (2007b), são emprestadas deste para que sejam reelaboradas e desenvolvidas em Análise de Discurso.

³ Segundo Foucault (1969), além de por um **campo associado/domínio de memória**, a existência dos enunciados está condicionada pela presença de um **referencial**, pela associação a uma **posição de sujeito** e pela característica de se tratar de uma **materialidade repetível**.

De acordo com Pêcheux (1975a), o interdiscurso corresponde ao “todo complexo com dominante” de uma Formação Discursiva (FD). É característico da FD dissimular a possibilidade de outras FD, inibindo, assim, por meio de um efeito aparente de transparência do sentido, garantido pela opacidade da matéria, a percepção do interdiscurso em sua objetividade material contraditória, objetividade material esta, observa o autor, “que reside no fato de que ‘algo fala’ sempre ‘antes’, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1975a, p.149). Há, assim, um primado do interdiscurso em relação ao que o autor vai chamar de intradiscurso, ou discurso transversal.

Considerar o primado do interdiscurso sobre o intradiscurso implica dizer que, para que se dê o sentido, é preciso que ele haja, antes, numa memória, que é caracterizada, sobretudo, pelo esquecimento, como o característico de uma posição de sujeito regulada por uma FD, que corresponde, na linguagem, a Formações Ideológicas. Neste funcionamento, que ocorre entre uma memória (o interdiscurso) e uma atualidade (o intradiscurso), a FD “esquece” as demais FD, de modo que o interdiscurso é simulado no intradiscurso, num funcionamento que implica incorporação e dissimulação. Em outras palavras, significa dizer que a FD dissimula o interdiscurso no intradiscurso, em sua cadeia sintagmática selecionada pela própria FD, que regula, assim, o que pode ou não pode ser dito.

Confirmamos, então, que o conceito de interdiscurso é atravessado pela discussão da memória, e que implica necessariamente uma relação entre o que se faz lembrado, por uma memória “menor”, própria de uma FD, e uma memória maior, o interdiscurso, que é necessariamente “esquecida” para que os sentidos se deem. Orlandi (2007) observa, então, que para se “dizer” é preciso que “não se diga”, ou seja, para se dizer X, é preciso que Y, Z etc. não sejam ditos, o que não quer dizer, absolutamente, que o silenciado não tenha relação com o sentido, muito pelo contrário.

Orlandi (2007) constata que no escopo teórico da AD a questão do esquecimento/silêncio encontra suporte, mesmo porque o pressuposto é que “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2007, p.82). A autora observa, então, que as noções, tão caras em AD, de Interdiscurso, Ideologia e FD encapam o não-dizer, ou seja, têm em comum essas três noções, que se entrecruzam na teoria, o fato de lidarem com a ideia de não-dizer, seja de um todo complexo que é sempre esquecimento, seja no que garante a opacidade mas releva-se

transparente, operando, portanto, com dissimulações/esquecimentos/silenciamentos, seja ainda no que diz respeito ao esquecimento necessário para que um sentido funcione como o único possível. Orlandi (2007) segue observando que o que foi silenciado/esquecido/dissimulado tem um efeito atualizado em determinada formulação, ou seja, a presença de um dizer é sustentada pela ausência de um interdiscurso, que é ausente tão somente por não ser sabido.

Tratando-se de discurso, então, a significação se dá em conformidade com a história, que, por meio da língua, produz o sentido em relação a tudo que foi dito, o que, em outros termos, significa que a memória discursiva⁴ “é a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1983b, p.52). O sentido, assim, é sempre relacional, inclusive se dando em consideração ao que se silencia, de modo que o silêncio se configura, segundo Orlandi (1992), como estrutural.

Retomando: todo movimento de seleção implica também não-seleção de algo, de modo que o selecionado/lembrado significa, inevitavelmente, em relação ao não-selecionado/esquecido, tendo seu efeito de sentido, isto é, para o pensamento pecheutiano, o seu discurso, produzido nesta tensão entre o lembrar e o esquecer, entre uma memória, portanto, que se relaciona a um acontecimento, que ocorre, conforme o autor (1983a), no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória.

Courtine (1981), a partir de Foucault e da assimilação feita por Pêcheux para a AD, conforme Fonseca-Silva (2007b), é quem formula o conceito de memória discursiva. Segundo o autor, a memória discursiva “diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regidas por aparelhos ideológicos” (p.106), correspondendo a uma espécie de passado de tudo o que já foi dito, mas que deve ser em parte lembrado e em parte esquecido para que algo seja dito agora. Dessa forma, para o autor, a memória discursiva seria um eixo vertical no qual se localizariam todos os enunciados ditos, existentes “no tempo longo de uma memória” (p.106), ainda que, necessariamente, esquecidos, e que são determinantes para que algo se formule, “no tempo curto da atualidade” (p.106), isto é, para que haja o eixo horizontal do intradiscurso. Segundo o autor, como observam também Possenti (2004b) e Orlandi (2007), é pelo esquecimento deste passado – fundamentalmente re-visitado para que se

⁴ Como veremos, a noção de **memória discursiva**, a qual Pêcheux (1983b) toma emprestada, é formulada por Courtine (1981).

deem os sentidos –, que o “falante”, sob o domínio de uma FD, pode ter a impressão de que o que diz é propriamente dele. Em outras palavras, é preciso que o interdiscurso seja esquecido para que o que está no nível da formulação seja dito como algo que pertence a mim, e não a outros falantes, ou seja, para que pareçam minhas as palavras que utilizo, esquecendo que o sentido que as precede é a condição do sentido que se dá numa atualidade. Daí Courtine (1984, apud Orlandi, 2007, p.31-32) afirmar que no interdiscurso funciona o anonimato de uma voz.

Operando deslocamentos dos postulados de Foucault (1969), no que tange ao conceito de domínio de memória; postulados de Pêcheux (1975a, 1983a, 1983b) e Courtine (1981), no que diz respeito aos conceitos de interdiscurso e memória discursiva; e postulados de Nora (1984), no que se refere noção de lugares de memória, Fonseca-Silva (2007b) defende que toda materialidade atravessada pelo simbólico corresponde a um lugar de memória discursiva, e dizendo isto, considera as revistas como objetos empíricos de suas análises, como lugares de memória discursiva, memória que as precedem e que as atravessam, como condição de existência. É desta forma, pois que tomamos *G Magazine* como um *lugar de memória discursiva*, cujo atravessamento de discursos opera (re)significando sentidos.

Acrescentamos ainda que o acesso à *G Magazine* permite também um encontro com discursos que socialmente circularam em determinados momento e contexto históricos, e, mesmo considerando que há uma seleção acerca do que pode e não pode ser materializado neste periódico, estes discursos serão encontrados na revista em qualquer época em que ela for analisada, de modo que há uma conjunção de possibilidades mnemônicas ali inscritas, o que também nos permite dizer que as revistas são *lugares de memória discursiva*.

1.6 A organização dos capítulos

Além da introdução, a dissertação está organizada nos seguintes capítulos assim dispostos: no **segundo capítulo**, tratamos do processo de constituição e discursivização da revista *G Magazine*. No **terceiro capítulo**, mostramos como a homofobia é discursivizada em *G Magazine*: No **quarto capítulo**, discutimos como se dá o funcionamento discurso do “assumir-se gay” em *G Magazine*. No **quinto capítulo**, mostramos o funcionamento discursivo das formas de agenciamento do indivíduo

homossexual para que se constitua como sujeito de uma moral político-militante. Por fim, nas **últimas considerações**, apresentamos uma síntese dos resultados das análises.

2 G MAGAZINE: CONSTITUIÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO

2.1 A explosão discursiva e a imprensa homoerótica brasileira

Da vontade de saber do sexo, conforme Foucault (1976), há, por tabela, a vontade de saber sobre a homossexualidade, no movimento de caça às sexualidade periféricas. Apesar de a homossexualidade existir desde que há homens, o termo homossexual só é cunhado no século XIX. A partir de então, a vontade de verdade e a explosão discursiva sobre os homossexuais se desenham, pelo menos, em dois sentidos: 1) de um lado, a sociedade tenta entender e classificar a homossexualidade; 2) de outro lado, uma vontade dos próprios homossexuais de falarem de si mesmos, destacando a imprensa especializada feita para e por homossexuais.

Se de um lado, a medicina, enquanto vassala da moral e das leis, para produzir o seu discurso apoiava-se na classificação de deformidades e imoralidades, disfarçada de uma moralidade científica, tratava os homossexuais como invertidos, infames, degenerados, viciados, apoiando-se muitas vezes em termos próprios aos domínios religiosos e jurídicos para fazerem funcionar suas nomenclaturas categorizantes; por outro lado, os próprios homossexuais começaram a dizer o que seria a verdade deles, marcando uma posição diferente de se enunciar. Segundo Foucault (1979),

Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos. É o início tanto do internamento dos homossexuais nos asilos, quanto da determinação de curá-los. Antes eles eram percebidos como libertinos e às vezes como delinquentes (dai as condenações que podiam ser bastante severas – às vezes o fogo, ainda no século XVIII – mas que eram inevitavelmente raras). A partir de então, *todos* serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual. Mas, tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. É a inversão estratégica de uma "mesma" vontade de verdade (FOUCAULT, 1979, p.234).

Baseados na vontade de verdade invertida e considerando que as verdades são produzidas por dispositivos disciplinares, pois o poder se relaciona indissociavelmente com saber, dizemos que essa vontade de saber, que no final do século XIX é observada nos homossexuais, é a constituição de uma verdade, como que uma “formação progressiva do jogo de verdade do sexo” (FOUCAULT, 1976, p.65). Acreditamos que esta vontade de verdade tem efeitos também no grande número de publicações periódicas que surgem como segmento específico de mercado para os homossexuais. Apesar de Foucault não ter refletido acerca de periódicos para homens homossexuais, é possível entender essa inversão estratégica de uma mesma vontade de verdade, à qual o autor faz referência, em relação aos periódicos específicos para homens gays.

Os periódicos, de forma geral, mas pensando, sobretudo, os dirigidos ao público homossexual, são práticas sociais e discursivas que apresentam domínios de poder-saber, nos quais outras formas de sujeito podem ser percebidas, formas diferentes daquelas apresentadas no discurso médico, jurídico ou religioso, principalmente antes do século XX. Segundo Foucault (1976), a confissão exerceu grande influência no modo como o ocidente discursiviza acerca do seu sexo. Na *G Magazine* as confissões podem ser entendidas como formas dos homossexuais falarem de si.

2.2 A imprensa nacional dos “entendidos”

No Brasil, surgiu, em julho de 1963, o primeiro jornal para público gay feito também por gays. O *Snob* contrapunha-se aos boletins ou páginas policiais, relatórios médicos, notas em jornais sobre o carnaval, que discursivizavam sobre a homossexualidade. Esse jornal marca um lugar específico de dizer dos homossexuais, porque, diferente de outros suportes, este era feito pelos próprios homossexuais, que imprimiam graficamente o que pensavam sobre si mesmos, resultando na explosão de uma série de outros jornais⁵, também artesanais, produzidos por homossexuais. No início, segundo Green (2006), o *Snob* era um jornal pequeno, mas chegou a atingir entre 30 a 40 páginas, divulgando colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com travestis famosos daquele período, e, à medida que se aprimorava graficamente, o jornal também foi ganhando cunho político, discutindo problemas da realidade brasileira da

⁵ Segundo Green (2006), pelo menos 30 jornais semelhantes ao *Snob* surgiram no Rio e no Brasil, tais como *O Centro*, *Darling*, *Gay Society*, *Baby*, *Le Sophistique* e *Entender*.

época, mas “principalmente questões referentes à homossexualidade masculina no Brasil em seus aspectos internos e em suas interações com a sociedade mais ampla” (GREEN, 2006. p. 155). Em junho de 1969, em consequência do regime militar, o *Snob* parou de circular.

Em 1976, antigos integrantes do *Snob* inauguram o jornal *Gente gay*, que trazia entrevistas, fofocas e notas sobre o movimento gay internacional⁶. Em fevereiro desse mesmo ano, Celso Cury inaugurou a primeira coluna jornalística para homossexuais, a *Coluna do meio*, no jornal *Última Hora*. Em 1977, surgiram mais dois jornais: *Entender e Mundo gay*.

A visita ao Brasil de Winston Leyland, editor da norte-americana *Gay Sunshine Press*, que publicava o jornal *Gay Sunshine*, para a coleta de dados para uma antologia sobre a literatura gay latino-americana, bem como suas entrevistas dadas à imprensa, despertam a iniciativa de um grupo de intelectuais e artistas brasileiros gays que, organizados, criaram, em maio de 1978, no Rio de Janeiro, um dos mais importantes jornais gays da época, por seu caráter questionador da moral vigente: o *Lampião da Esquina*. De acordo com Simões Jr (2007), “assumir e orgulhar-se de sua homossexualidade, sair dos guetos, transitar como qualquer outro cidadão, ter livre arbítrio para escolher lugares de lazer e, acima de tudo, exprimir livremente sua sexualidade” (p.281) eram temáticas recorrentes no jornal. Este periódico, diferentemente dos outros, perdeu o caráter artesanal e passou a ser vendido mensalmente nas bancas, alcançando a tiragem de 15.000 exemplares. Contudo, em junho de 1981, problemas como desentendimentos internos entre os colaboradores, perseguições⁷ políticas à imprensa alternativa, aumento do preço do papel e dos custos de produção, falta de anunciantes e resistência dos grandes distribuidores foram motivos para o jornal parar de circular.

⁶ Conforme Green (2006), a imprensa brasileira engajada ou não alternativa também circulou matérias sobre o movimento homossexual norte-americano e também nacional, como o *Jornal da Tarde* (SP) de 4 de dezembro de 1969; *O Globo* de 31 de agosto com a matéria “Marcha dos homossexuais dá briga”; o *Jornal do Brasil* de 29 de junho de 1971 com “Homossexuais protestam em Nova York”; a revista *Veja* de agosto de 1977, com a reportagem “Um gay Power à brasileira”; a revista *Nova*, com “A explosão do homossexualismo”; a revista *Manchete*, em reportagem intitulada “São Paulo: os acordos da liberação gay”.

⁷ Desde agosto de 1978, segundo Green (2006), o *Lampião da Esquina*, vinha sendo investigado pelo Estado Brasileiro. No ano de 1979, foi acusado de ser imoral e ofender os bons costumes, acusação esta retirada pelos militares, devido à ampla mobilização de artistas e intelectuais.

Entre os anos 80, após o fechamento do *Lampião de Esquina*, e meados dos anos 90, predominaram no Brasil as edições pornográficas⁸, sendo a maioria estrangeira. Contudo, o fim da ditadura; a retirada do “homossexualismo” como desvio sexual do Conselho Federal de Medicina do Brasil em 1985; a exclusão do homossexualismo da lista de distúrbios mentais do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais no anos 90; a adoção de **homossexualidade** em oposição a **homossexualismo**, cujo sufixo indicaria doença; a disseminação da AIDS, os ecos do trabalho dos jornais “entendidos”, a explosão discursiva em matérias de jornais e revistas de grande circulação, possibilitaram uma situação nacional em que foi ampliada a discussão e a curiosidade acerca da sexualidade e, especialmente, da homossexualidade, que se tornou, segundo Green (2006), assunto público de grande relevância.

Como resultado, em janeiro de 1995, a imprensa de natureza homossexual foi “retomada” com a primeira revista gay do Brasil, a *Sui Generis*. A revista, segundo Monteiro (2000), surgiu de forma artesanal, como produto desenvolvido pelo jornalista Nelson Freitas e por seu namorado, que não tinham pretensão de ter a primeira revista gay brasileira em circulação nacional. De acordo com o autor, a notícia de uma revista com esse público-leitor, e acrescentamos, devido ao longo período de “abstinência” nacional para mídia impressa do tipo, foi propagada pela mídia de tal modo que o projeto caseiro acabou tornando-se um projeto “bem-sucedido”, e tornando possível a criação da micro-editora *SG-Press*.

Ainda sem nudez, segundo Monteiro (2000), por opção de se distanciar da imprensa pornô-hard, a *Sui Generis* teve como foco questões relativas à homossexualidade, com o incentivo ao assumir-se gay, sem deixar de tocar em assuntos como moda, cultura, aproximando-se, segundo o autor, da revista britânica *Attitude*.

Em abril de 1997, surgiu a *Bananaloca*, da editora *Fractal*, com nudez frontal e foco no entretenimento. Neste mesmo período, a *SG-Press* lança outra revista, a *Homens*, diferente da *Sui Generis*, por estar associada à nudez como principal aspecto, diferenciando-se do outro periódico da editora e concorrendo com a *Bananaloca* também pela presença de nudez frontal. A *Sui Generis* chegou a exibir nudez, mas saiu

⁸ O que estamos chamando de revistas pornográficas, estas que dominaram o mercado de revistas para homossexuais entre as décadas de 80 e 90, são as também conhecidas como pornô-hard, conforme Abreu (1996), por lidarem com a explicitação do sexo e a hipervisibilidade, que caracterizam o gênero, além de terem predominantemente a intenção de despertar sexualmente o leitor, que pode satisfazer-se por meio da masturbação motivada pelas imagens visualizadas no periódico.

de circulação em março de 2000, por conta de problemas financeiros. Em 2003, conforme Kronka (2005), surgiram a *Billy* (também da *SG-Press*), a *Über* da editora *Xanadu* e a *For guys* da *Heavy Sexy*, marca fantasia da editora *Minuano*. A *Homens* circulou até 2004.

Depois do fechamento das concorrentes da *SG-Press*, e de revistas homoeróticas, como a *Billy*, a *Über* e a *For guys*, o periódico da *Fractal* dominou, como revista de grande porte, o nicho de mercado para homens gays no Brasil. Em 2007, no entanto, surgiram duas novas publicações: a *DOM*, antes da *Peixes*, agora da *Fractal*, desde a edição de março de 2009, que circula sem uma periodicidade estabelecida, e a *Júnior*, da *Sapucaia*: ambas sem nudez, fato que atrai mais anunciantes, e sem a regular discussão política e militante presente em *G Magazine*, como mostraremos no quinto capítulo. Em 2008, surgiu a *Aimé-Primus inter pares*, do grupo *Lopso de Comunicação*. Além dessas, dentre as revistas de maior porte, circula também o periódico *A Capa*.

2.3 De *Bananaloca* à *G Magazine*

Tal como Fonseca-Silva (2007a), consideramos que as revistas funcionam como práticas discursivas institucionais, sendo esta institucionalização compreendida em relação à normatização e disciplinarização dos discursos. É, pois, como uma prática institucional que a segunda revista brasileira dirigida ao público gay surge em maio de 1997, pela editora *Fractal*, com o nome de *Bananaloca*, periódico mensal cuja nudez masculina em seus diversos ângulos, inclusive o frontal, se faz presente desde o primeiro número, apresentando-se como um periódico cujo foco está no entretenimento e no prazer. Observemos a formulação do editorial da primeira edição de *Banana*:

E aqui está a novíssima Bananaloca, sua revista de **diversão e entretenimento** G. Afinal, nós achamos essa praia o máximo. A **preferência no cardápio da cama é algo ainda bastante polêmico, assunto encarado com preconceito em boa parte do mundo. Mas o que se discute pouco (ou quase nada) é que ser gay implica em algo mais que o desejo de um homem por outro homem. É uma maneira especial de ver o mundo.** É um universo inteiro com estilos de vida tão diversos como os diferentes rostos humanos são capazes de ser. E, **mais ainda, gay é um público, um mercado representativo pelo seu número e potencial de consumo.** [...] A Bananaloca surge com uma proposta de independência aos modelos preestabelecidos, procurando buscar a sintonia do público. Nossa intenção é **divertir e dar muito prazer** (Banaloca, 1ª edição, abril de 1997).

No discurso do editorial da revista, ser gay é mais que ter desejo por outro homem, é principalmente um modo de vida diverso, que interfere na maneira como se vê o mundo. Apesar de ser citado o preconceito que tem por base a sexualidade, a revista se propõe a tratar, sobretudo, deste modo peculiar que os gays têm de lidar com a vida relacionando à homossexualidade os sentidos de diversão e entretenimento, declarando o periódico como lugar de prazer e afirmando que o homossexual é, “mais ainda”, um consumidor em potencial.

Na discursivização do editorial, a revista esquiva-se de discutir a polêmica acerca da homossexualidade. Mesmo pontuando a existência do preconceito que tem por base o “cardápio da cama”, operando um jogo entre sentidos possíveis para o verbo comer – o nutricional e o sexual –, afirma que a preocupação com o preconceito silencia o fato de que ser homossexual implica mais que desejar um indivíduo do mesmo sexo. O operador argumentativo “mas” mobiliza o efeito de diminuição da expectativa de uma importância no que diz respeito à polêmica da homossexualidade. Esse sentido de gay-diversão-consumo ocorre em detrimento do sentido gay-política, não correspondendo, portanto, ao observado na *G Magazine* como mostraremos nos próximos capítulos.

A nudez que aparece desde o primeiro número de *Bananaloca* é apresentada em ensaio fotográfico com o “Gato da Capa”. A designação “gato” já antecipa que tipo de homem será visto nos ensaios do periódico, isto é, belos e fortes, ou pelo menos apresentados como tal. Nas capas de *Bananaloca*, são apresentadas formulações breves sobre o conteúdo da revista, além da imagem do modelo cuja nudez será vista por inteiro no ensaio fotográfico. Vejamos:



Figura 1⁹



Figura 2¹⁰



Figura 3¹¹

⁹ *Bananaloca*, maio de 1997.

Nas capas das primeiras edições de *Bananaloca*, a formulação com o nome do periódico aparece na parte superior, na frente ou atrás da imagem do modelo. Na quinta edição, no alto da página, centralizado, vê-se a formulação “Bananaloca apresenta”, e abaixo, no canto superior esquerdo, a logomarca da *G Magazine*. A imagem dos homens que aparecem na capa corresponde aos homens que podem ser vistos nus, em ângulos diversos, no interior dos ensaios. Até o quarto número de *Bananaloca*, o nu na revista resumia-se a um ensaio, o *Gato da Capa*¹². A partir da edição cinco, que marca a transição de *Banana* para *G Magazine*, a revista apresenta dois ensaios de nudez, a saber, o ensaio que dá nome à edição, por ser o da capa, e um segundo chamado ainda em *Bananaloca* de *Ensaio*, e que é nomeado *Desejo* na primeira edição de *G Magazine*.

Apesar de afirmamos, adiante, neste mesmo capítulo, que as capas de *Bananaloca* são semelhantes às capas de *G Magazine*, principalmente em relação aos corpos selecionados como modelo, o que ocorre na edição 5 de *Bananaloca* não se materializa em *G Magazine*. Nessa edição, há exposição sem corte ou enquadramento que dificulte a visibilidade do glúteo do modelo; capa semelhante e tanta visibilidade desta região do corpo não é repetida na capa de nenhum número da *G Magazine*. Esta hipervisibilidade glútea na capa do periódico é característica, apesar de não ser uma exclusividade, das capas de revistas de nudez de mulheres cujo público leitor postulado é homem e heterossexual, a exemplo da *Playboy*. A visibilidade do glúteo da mulher na capa de um periódico é alvo de menor pudor que o glúteo de um homem, pois a nudez da mulher é percebida socialmente com mais naturalidade que a nudez do homem, quando esta nudez é objeto de consumo sob o signo da publicidade, no sentido de Baudrillard (2004).

A discursividade das edições de *Bananaloca* gira em torno do entretenimento gay (humor, eventos, viagens, sites e vídeos), moda, além de sexo, o que confirma a proposta do editorial da primeira edição de *Banana*. Mas, como veremos em capítulos seguintes, outros temas, tais como a assunção da homossexualidade, aparecem já discursivizados, apesar da baixa recorrência, em *Bananaloca*.

¹⁰ *Bananaloca*, agosto de 1997.

¹¹ *Bananaloca*, setembro de 1997.

¹² O ensaio principal, inicialmente chamado de *Gato da Capa*, passa a ser chamado *Ensaio da Capa*, depois *Ensaio*, e ainda *Capa*, sendo este o nome dado até as edições mais recentes. Além do *Gato da Capa* (hoje *Capa*) e do *Desejo*, em 2009, *Lolitos/Lolitos G* e *O melhor do G online* são os quatro ensaios de nudez materializados no periódico.

Com o nome *Bananaloca*, a revista teve um breve período de circulação, chegando à quinta edição em setembro de 1997, na qual já se materializava a transição para *G Magazine*, ocorrendo a mudança de nome por já haver um grupo na internet com a marca *Bananaloca*. Com o primeiro número de *G Magazine*, é re-iniciada a contagem das edições, ocorrendo a primeira edição de *G* em outubro de 1997, apesar de não sofrer, em relação ao “antigo” projeto, mudanças de direção e corpo editorial.

2.4 *G Magazine*: uma breve apresentação

Em relação ao projeto anterior, *Bananaloca*, a *G Magazine*, inclusive pelo nome com que se apresenta no mercado, deixa em dúvida se a proposta é a mesma, ou seja, o entretenimento gay. *Bananaloca*, pelo próprio nome de característica cômica, marcava a irreverência que caracterizaria um modo de lidar com o mundo, característica dos homossexuais. Funcionava como um lugar jocoso, e apesar de discursivizar sobre questões polêmicas acerca da homossexualidade e de seus enfrentamentos cotidianos, não funcionou como espaço de luta pela causa gay como identidade.

Ao contrário, então, do que ocorria sob o nome *Bananaloca*, ao adotar o *G* (ay), o periódico, apesar de não explicitar em seus editoriais, inscreve-se num lugar em que ressalta a importância do **Gay**¹³, enquanto signo, para aspectos relacionados ao ativismo homossexual, sendo atravessando, portanto, por uma memória discursiva relacionada à militância gay.

A década de 60, segundo Fry (1985), ressignifica o que se entendia por indivíduos homossexuais, resumidos a efeminados se homens (as bichas etc.) e a masculinizadas, se mulheres (as fanchonas etc.). Nesse período, surgiram nomes alternativos que pretendiam se distanciar da carga pejorativa associada às “bichas” e aos

¹³ De acordo com Fry (1985), uma peculiaridade dos primeiros grupos do movimento homossexual é que eles rejeitaram tanto o termo “entendido” quanto o termo estadunidense “gay”, menos carregados de estigma, que surgiram na década de 60, respectivamente, no Brasil e nos Estados Unidos. A proposta destes grupos era fazer aparecer uma nova concepção de **bicha**, agora relacionada à militância e a uma consciência privilegiada. A idéia “era de conseguir esvaziar, tanto a ideia quanto o conceito que representava, de suas conotações negativas” (p.24-25), de modo que declarar-se **bicha** tornou-se, em alguma medida, um modo a partir do qual se assumia mais que a própria homossexualidade, mas um engajamento político com a causa homossexual. Alguns outros grupos preferiram outras estratégias diferentes da tentativa inglória de esvaziar o sentido de determinada palavra, e optaram, como o Grupo Gay da Bahia, por adotar o termo estadunidense menos pejorativo.

“veados”, por exemplo, e como rota opcional preferia-se “entendido¹⁴” ou “gay”, daí o “G”, da *G Magazine*. Especialmente o “gay” vai ter uma importância fundamental no que diz respeito à ressignificação da homossexualidade com a questão de uma consciência homossexual militante. Neste contexto, o evento mítico de Stonewall¹⁵, ocorrido em 28 de junho de 1969, data hoje comemorada como dia internacional do orgulho gay, tem relevância porque ali se marca o que se chama de “Gay Power”, associando o termo gay à questão da disputa pelo poder, enfim, à questão do ativismo pela causa própria.

A *G Magazine*, revista brasileira destinada a homens homossexuais, surgiu em outubro de 1997, quando voltaram a aparecer no Brasil publicações para homens homossexuais não relacionadas apenas à pornografia. Como dissemos, a *G Magazine* é a continuação do projeto *Bananaloca*, de modo que não houve, na primeira edição de *G*, um editorial indicando qual seria o público leitor, pois já estava posto.

A *G Magazine*, como continuidade de um primeiro projeto interrompido por razão já explicitada, teve, nos primeiros números, como foco, o entretenimento e o prazer, mas não se resumiu a estes dois eixos. O periódico organiza-se em torno de gênero textuais diversos (editorial, matérias, reportagens, entrevistas, testes, contos, e em colunas que mudam de nome, mas que não perdem, normalmente, a especificidade) nos quais vemos materializadas diversas temáticas que, de certa forma, relacionavam-se ao “meio” homossexual, sobretudo na seção *Do babado*, hoje bipartida em *Mundo G* e *Arrasa*. Nessa seção, aparece frequentemente a subseção *Merece vaias/Merece aplausos*, na qual posicionamentos, normalmente políticos ou religiosos, são criticados ou apoiados, quando tratam de questões relacionadas aos homossexuais. Além disso, antecedem as seções anúncios publicitários¹⁶, geralmente de produtos eróticos, boates,

¹⁴ Conforme Young (1973, apud Green, 2006, p.165), “entendido” seria mais que uma palavra de um gueto gay, e marcaria um estado de consciência diferenciado, visto que “entendido” corresponderia a alguém bem informado, a alguém que entende. O termo “entendido”, segundo o autor, não corresponde a uma exclusividade de uso gay, porque possui outros sentidos em outros contextos, o que, de certa forma, pode ter contribuído para que “entendido” seja menos usual que “gay”. Expliquemo-nos: ainda que “gay” também corresponda a outros sentidos em outra língua, a adoção do termo no Brasil resulta na associação que se faz imediatamente entre a palavra “gay” e a homossexualidade, sendo, portanto, uma espécie de marcador identitário.

¹⁵ Sobre a rebelião de Stonewall, verificar capítulo 5.

¹⁶ Assim como Monteiro (2000) observa em relação à *Sui Generis* e a *Homens*, da editora SG-Press, na *G Magazine* há também o problema para encontrar anunciantes “de peso”. Em algumas vezes, no texto do editorial, é feita menção a esta falta de anunciantes e a dificuldade que ela acarreta na manutenção de um projeto editorial do porte da *G Magazine*. Como veremos ainda no capítulo 5, boicotar empresas e produtos que se recusam a anunciar na *G Magazine* é discursivizado como uma prática militante.

saunas, clubes para homens, serviços de sexo por telefone, vídeos pornô etc.. Em algumas edições, na seção *Do Babado*, abre-se espaço para a divulgação de informes de grupos L.G.B.T. organizados.

2.4.1 Os cuidados com o corpo

Da 1ª a 14ª edição de *G Magazine*, o cuidado com o corpo, juntamente com o cuidado com o lar, é discursivizado na seção denominada *Indispensável*. Nas edições que circularam entre de 15 de dezembro de 1998 e 22 de julho de 1999, o cuidado com o corpo é discursivizado numa seção chamada *Beleza e o lar*, numa seção denominada *Estilo*, que aparece esporadicamente até as edições atuais. Da 23ª a 116ª edição, o cuidado com o corpo é discursivizado na seção denominada de *Corpo*. A partir da 117ª edição, de junho de 2007, a seção volta a ser denominada *Beleza*.

A discursivização do cuidado do corpo em *G Magazine* é semelhante à das revistas *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, como apresentadas no estudo de Fonseca-Silva (2007a). A autora, ao analisar redes de formulações sobre o cuidado do corpo, afirma que nas três revistas o corpo “funciona como um investimento e a beleza e saúde funcionam como capital, que inclui ginástica, regimes alimentares, uso de produtos estéticos, técnicas, como da cirurgia plástica, da lipoaspiração, dos tratamentos de saúde, etc.” (p. 232). A autora mostra, ainda, em seu trabalho que, nos discursos do cuidado com o corpo materializados nos três periódicos analisados, “tudo depende do governo do corpo por meio de técnicas que são acessíveis à mulher e ao homem” (p.234) e que o discurso do governo de si, no ocidente, apareceu na cultura grega, mas permaneceu nos séculos posteriores e nos dias atuais “com modificações no que se refere aos modos de sujeição, aos tipos de técnicas e procedimentos e aos objetivos” (p. 235).

A rede de formulações a seguir indica que a cultura do espaço íntimo ganha destaque também em *G Magazine* e que semelhante à mulher-*Claudia*, à mulher-*Nova* e ao homem-*Playboy*, dos estudos de Fonseca-Silva (2007a), o homem-*G* se constitui também como sujeito que governa seu corpo por meio de diferentes técnicas de cuidado com o corpo:

- (1) **Hidratantes: caia de cara neles** (Edição 17, fevereiro de 1999)
- (2) **Tudo o que você precisa saber para um Bronzeado Perfeito** (Edição 27, dezembro de 1999).
- (3) **Farmácia pró-músculos** (Edição 28, janeiro de 2000).
- (4) **Vitaminas naturais: onde encontrar?** Um guia para **balancear a dieta com alimentos certos** (Edição 29, fevereiro de 2000).
- (5) **O perigo dos Inibidores de Apetite** (Edição 37, outubro de 2000).
- (6) Dicas para **prevenir-se de queimaduras e envelhecimento cutâneo** na estação mais perigosa do ano (Edição 38, novembro de 2000).
- (7) Cada vez mais os **homens se submetem à lipoaspiração** para se livrar das gordurinhas indesejáveis, principalmente dos famosos “pneuzinhos”. E, no vale tudo em busca do corpo perfeito, **alguns ainda vão além e utilizam a gordura aspirada para preencher outras imperfeições** (Edição 43, abril de 2001).
- (8) **Higiene, auto-exames e visita regular ao urologista** é tudo o que seu pênis precisa para estar sempre em dia (Edição 44, maio de 2001).
- (9) Saiba tudo sobre **depilação a laser** (Edição 48, setembro de 2001).
- (10) A estação [verão] é sinônimo de praia, piscina e muito sol. E também momento de atenção redobrada para evitar **complicações com a pele, micoses e outras doenças** que acontecem com maior incidência nesta época do ano (Edição 52, janeiro de 2002).
- (11) As **cirurgias refratárias, feitas com laser, prometem resolver problemas como miopia e astigmatismo**. Mas nem todos podem se submeter à operação, que envolve também alguns (pequenos) riscos (Edição 53, fevereiro de 2002).
- (12) Confira aqui **técnicas da Odontologia Estética** que estão disponíveis e escolha qual delas é a que você precisa para ter dentes lindos (Edição 55, abril de 2002).
- (13) **Os pés** também têm charme e beleza, mas **necessitam de cuidados**: descubra os principais problemas que os atingem e como resolvê-los! (Edição 76, janeiro de 2004).
- (14) Novas descobertas na área médica trazem caminhos e tratamentos para **combater a calvície e a queda de cabelo** (Edição 78, março de 2004).
- (15) Os **exercícios básicos para você cuidar dessa região importante, a barriga**, a fim de aprimorar seu visual, aumentar a estabilidade geral do físico e melhorar sua qualidade de vida (Edição 81, junho de 2004).
- (16) **Próstata: essa desconhecida**. Do tamanho e do formato de uma noz, essa glândula interna tem total importância na vida sexual do homem (Edição 85, outubro de 2004).
- (17) **Para manter pele e cabelos bonitos e saudáveis**, preste atenção nas dicas que trouxemos para você desfrutar a estação mais quente do ano lindo, leve e feliz (Edição 99, dezembro de 2005).
- (18) **Anorexia também é coisa de homem** (Edição 115, abril de 2007).
- (19) Como **eliminar as manchas e afastar o envelhecimento e repor a falta de hidratação da pele causada pela exposição ao sol do verão** (Edição 126, março de 2008).
- (20) **Maquiagem também é coisa de homem** (Edição 128, maio de 2008).

(21) **Combate às olheiras.** Saiba por que elas surgem e os **tratamento e truques para ter a pele ao redor dos olhos sempre bela** (Edição 137, fevereiro de 2009).

(22) Festejada **arma no combate às rugas, linhas de expressão e pés de galinha, a toxina botulínica**, conhecida popularmente como Botox, conquista cada vez mais adeptos; algumas dúvidas, contudo, insistem em permanecer (Edição 139, abril de 2009).

(23) Corpão novo, além da malhação e longe do bisturi. A bioplastia, nova técnica a serviço do homem em busca de medidas “perfeitas”, é pouco invasiva e acessível a todos (Edição 146, novembro de 2009)

Ressaltamos que o conceito operacional *rede de formulações-reformulações*, mobilizado neste trabalho, é tomado emprestado de Courtine (1981), e, como o autor, entendemos que cada formulação de uma rede, cuja sequência, por critério puramente de arranjo, organiza-se cronologicamente, apresenta uma relação com as demais formulações, de modo que cada formulação, assim, é uma possível reformulação das outras formulações da rede, em um funcionamento parafrástico. Desta forma, na discursivização do cuidado do corpo da rede de formulações-reformulações de 1 a 23, identificamos práticas de si relacionadas a *posições de sujeito*, no sentido de Foucault (1969), da cosmetologia, da farmacologia, da medicina estética, da ortodontia, da urologia, proctologia e da infectologia, etc.. Essas posições de sujeito funcionam, conforme ressalta Fonseca-Silva (2007a), como micropoderes ou lugares que produzem saberes sobre o cuidado com o corpo de homens e mulheres. Logo, dessas posições de sujeito, podem ser enunciados modos e práticas por meios das quais o corpo pode/deve ser controlado, disciplinado e modificado. As “práticas de si”, conforme Foucault (1984) são esquemas que os indivíduos encontram em sua cultura, que lhe são propostos; são exercícios de si sobre si mesmo por meio dos quais indivíduos se tornam sujeitos.

Reafirmamos que essas posições de sujeito não aparecem exclusivamente em *G Magazine*, pois há estudos que mostram o funcionamento regular dessas posições entre outras em diferentes periódicos, a exemplo de *Claudia*, *Nova* e *Playboy*. Podemos dizer também que a discursivização sobre o cuidado do corpo não é exclusiva para o *homem G*, pois o é para *homem-Playboy*, para *mulher-Claudia* e para a *mulher-Nova*, como demonstra o estudo de Fonseca-Silva (2007a).

Destacamos, ainda, que, assim como foi apresentado nos estudos de Fonseca-Silva (2007a) em relação a *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, na discursivização do cuidado do corpo, em *G Magazine*, como pode ser observado na rede de formulações-

reformulações a seguir, amar a si mesmo, cuidar de si para si e também para agradar e seduzir o outro são atitudes legítimas, pois não há limites entre beleza, saúde, prazer e bem estar:

(24) **Será que alguém resiste a um gato perfumado, de pele bem macia e cabelos sedosos?** (Edição 1, outubro de 1997)

(25) **Quem resiste a um corpo lisinho?** (Edição 18, março de 1999).

(26) **Para todos que acreditam que não é dos carecas que eles gostam mais,** os medicamentos e técnicas de recuperação que podem, literalmente, fazer sua cabeça (Edição 24, setembro de 1999).

(27) O bê-a-bá dos perfumes. Desvendamos alguns segredos das **fragrâncias e como você pode usá-las a seu favor no jogo da sedução** (Edição 116, maio de 2007).

(28) **Pés saudáveis** são requisito básico **para** viver melhor o dia-a-dia e **arrasar nas conquistas** (Edição 133, outubro de 2008).

(29) Além de essencial para o bem-estar geral, **uma postura adequada pode ser uma grande arma de sedução** e colaborar para o sucesso profissional (Edição 134, novembro de 2008).

(30) O homem que tem consciência de seu biótipo sabe quanto **o tipo e o desenho (s) da barba podem** imprimir estilo e **ajudar na sedução** (Edição 140, maio de 2009)

(31) Cítricos, adocicados ou amadeirados, **os perfumes** trazem consigo uma aura de mistério e **podem ser recursos mágicos na hora da sedução** (Edição 141, junho de 2009)

Na discursivização da rede formulações-reformulações apresentada acima, da *G Magazine*, o cuidado do corpo tem como objetivo a sedução do *outro* como objeto de desejo, e, no caso, um *outro* homem. Ratificamos, pois: a *G Magazine* não se diferencia, neste aspecto, de outros periódicos que discursivizam sobre o mesmo tema ainda que sejam dirigidas a público heterossexual.

2.4.2 O turismo: uma amostra do sujeito de desejo

Desde sua 1ª edição até a 147ª, de dezembro de 2009, o turismo na *G Magazine* é discursivizado numa seção que já teve várias denominações: *Globetrotter* ou *Globe* (1997 -2000), *Roteiro Hot* (2002), *Turismo*, seguido ou não de “hot trip to...” (2003-2004), *Hot Trip* (2005), *Viagem* (2005-2006), *Turismo* (2006) e *G Travel* (2007-2009). Na discursivização, além de indicação de roupas e preservativos que devem ser levadas nas malas nas viagens, de lugares para compras, de lugares de hospedagem e respectivos preços, de restaurantes, há indicação de festas, bares, boates, dark-rooms,

saunas, banheiros, cinemas, pontos de prostituição e “azaração”, pontos para encontros, lugares propícios à “pegação” inclusive ao ar livre. Observemos a seguinte rede formulações-reformulações:

(32) No verão, eles aproveitam a iluminação da praia e ficam por lá até às 9 da noite. Entre uma cerveja e um mergulho, **o forte mesmo é a sempre presente pegação** (Edição 2, novembro de 1997).

(33) Não esqueça de levar: **quilos de preservativos e lubrificantes (a temporada promete!)** (Edição 3, dezembro de 1997).

(34) A visão do pôr-do-sol é melhor do que a da turística Ponte Metálica, e a falta de luz transforma o local numa **incrível concentração para pegação com direito à brisa marítima** (Edição 5, fevereiro de 1998).

(35) E para completar, **os rapazes são belíssimos e bastante acessíveis**: bem parecidos com os cariocas, não fosse a quase ausência de barbies (Edição 14, novembro de 1998).

(36) **Outra dica para os mais afoitos são as dunas da praia de Jaguaribe, onde o povo costumava aliviar as tensões (!?)** do cooper matinal (Edição 16, janeiro de 1999).

(37) Todo esse circuito pode ser feito a pé e **muita coisa acontece no meio, do caminho...** (Edição 17, fevereiro de 1999).

(38) Lá o **nudismo é liberado e a frequência é basicamente masculina, se é que você me entende** (Edição 17, fevereiro de 1999).

(39) Talvez devido à influência humanista e liberal do padre Roosevelt, responsável pela única igreja local e verdadeira atração turística, **os nativos são extremamente avançados e compreensivos no quesito sexualidade (se é que você me entende)** (Edição 23, agosto de 1999).

(40) [...] a **pegação pega fogo** a qualquer hora do dia no banheirão da Praça da Alfândega e no banheiro do subsolo do Shopping Rua da Praia (Edição 26, novembro de 1999).

(41) **Que tal um “tititi” com um viking no meio de uma floresta de conífera norueguesa?** (Edição 28, janeiro de 2000).

(42) E não estranhe se a noite acabar terminando onde o dia começou: fora os motéis, em sua grande parte simpatizantes, **há o charmoso hábito entre os potiguares de levar o turista para conhecer as dunas sob o luar...** (Edição 30, março de 2000).

(43) [...] é ponto de partida para a Rota do Sol e também abriga o **ponto de pegação** mais famoso da cidade [...] (Edição 30, março de 2000).

(44) Se você espera chegar a Porto Alegre e encontrar um povo frio e sem nenhuma “latinidade”, uma boa notícia: **frio, só o clima!** Portanto, vista logo aquele modelão de inverno e **venha comigo conferir o que é que o gaúcho tem...** (Edição 61, outubro de 2002).

(45) E depois de percorrer esse roteiro tudo de bom, tenho certeza de que você terá encontrado **vários candidatos a depositar o voto em sua urna**, sem medo de ser feliz. Tá esperando o quê? (Edição, 67 abril de 2003).

(46) Existem cafés com acesso à internet, deliciosas sorveterias e, **na praça central, muita gente bonita, com paquera rolando solta** (Edição 99, dezembro de 2005).

(47) Não se engane, porém, com essa aura de aparente carece: **o calçadão urbanizado é ideal para a prática de esportes. E, entre um flexão e outra, os atletas entregam-se à paquera.** De dia ou de noite, **nas proximidades dos arbustos, sempre é possível conhecer alguém por ali** (Edição 133, outubro de 2008).

(48) Mas as **dezenas de quilômetros de praias de mar aberto** da capital baiana reservam muitas outras surpresas, tanto em suas águas mornas e limpas quanto na areia batida, **ideais para a prática dos esportes, do lazer e da paquera** (Edição 134, novembro de 2008).

O turismo e o incentivo às viagens em *G* não se esgotam com o convite ao prazer sexual, inclusive a discursivização que associa prazer sexual e turismo é modificada na revista com o passar dos anos. Nessas formulações-reformulações, o desejo de contato com outros homens é discursivizado de duas formas: ora a possibilidade de sexo é explicitada, como em 32, 33, 34, 40, 43, fazendo referência à “pegação” e ao necessário consumo de “quilos de camisinha e de lubrificante”; ora são mais insinuates. A forma de insinuar é também variável: em 36, 37, 42 e 44, o uso de sinais gráficos de pontuação marcam uma dubiedade sobre o que está sendo dito, significando e sugerindo pelo silêncio do que não foi de todo modo materializado linguisticamente; em 35 e 39, os predicativos modificados por adjuntos com efeito de intensidade insinuem o sucesso das investidas pela receptividade do alvo, sendo em 38 e 39 ainda provocativo pela formulação “se é que você me entende”. Em 41, o contato sexual é substituído por um outro significante de tom mais risível e descontraído – “tititi”. Em 45, a paráfrase-polissemia atribui sentido “novo” a “depositar voto em sua urna”. Em 46, 47 e 48, os lugares de visibilidade são ditos, isto é, lugares nos quais se pode ver e ser visto e onde podem ocorrer a paquera e seus desdobramentos.

No discurso materializado nessa rede de formulações-reformulações, viajar vale a pena também porque há possibilidades de prazer com outros homens, seja o prazer mais escopofílico (prazer em olhar para outra pessoa como objeto erótico), mas no duplo funcionamento de ver e ser visto, seja o prazer obtido em encontros sexuais. O *homem-G* é apresentado como o que se constitui como sujeito por meio de práticas de prazer passageiras, sem compromisso, podendo ser tanto com homens solteiros, disponíveis para casos passageiros, ou homens “casados”, quanto aqueles que tenham parceiro fixo e com ele divida uma relação aberta a contatos “extraconjugais”, ou aqueles que fazem de tais viagens uma oportunidade para se relacionar, sem alarde, com outros homens, quebrando a exclusividade de seu(sua) parceiro(a).

Imaginamos, a princípio, que o processo de significação erótica discursivizado em *G Magazine* poderia indicar a sua identidade em relação a outros periódicos. No entanto, observamos que o investimento no desejo e na sexualidade é um dos eixos da discursivização de *Nova* e aparece fortemente na discursivização de *Playboy*, como mostra o estudo de Fonseca-Silva (2007a).

Observamos também que, nos primeiros sete anos da revista, é recorrente a discursivização do turismo associado ao prazer sexual. Verificamos, entretanto, diminuição do apelo erótico na seção de turismo, a ponto de, nas edições de 2009, raramente aparecer discursivizada a busca pelo prazer sexual como atrativo nas rotas turísticas sugeridas na revista. Permanecem a referência às paqueras e os roteiros, que, por sua vez, apresentam programas destinados a homens homossexuais ou a um público indeterminado.

2.5 A imagem antecipada dos corpos nas capas e além delas

A partir de Pêcheux&Fuchs (1975b), Orlandi (2007) afirma que a antecipação “regula a argumentação [...] segundo o efeito que pensa produzir em seu [...] interlocutor” (p. 39). Com base nisto, podemos dizer que o percurso para a constituição de uma revista como a *G*, ou qualquer outra, passa pelo trabalho de traçar um perfil de seu leitor, e, com o grupo de imagens antecipadas, pela tentativa de estabelecer uma maneira de dizer e de significar para esse público em alguma medida estabilizada. Dizemos, assim, que a antecipação é a tentativa, ou antes, o esforço de estabilizar o inestabilizável – o sentido.

Pensando a *G Magazine* em sua constituição, dizemos que no jogo de antecipação de imagens estão, por exemplo, a imagem que se tem do leitor do periódico, a imagem suposta que o leitor tem sobre a homossexualidade, sobre homem, a imagem presumida que se tem sobre o que seja desejável para o leitor. É, pois, com base na antecipação que se define quais reportagens, colunas, colunistas etc. serão escolhidos, bem como os modelos a serem fotografados, julgando-se, dessa forma, atender ao que seja um corpo desejado por/para esse público leitor gay.

A questão da antecipação e das formações imaginárias em Análise de Discurso, segundo Orlandi (2006-2007), opera com jogo de imagens que se dá na relação de interlocução de lugares posições. O termo “interlocutores”, apesar de geralmente

remeter a indivíduos, no quadro da AD, deve ser entendido como lugares na estrutura social ou como posição de sujeito, de acordo com Pêcheux (1969). Conforme a autora, as diferentes posições de sujeito são constituídas enquanto imagens e é possível a todo sujeito, por meio de mecanismos de antecipação, pôr-se no lugar daquele que “ouve” o que é enunciado.

No jogo de imagens antecipadas, como dissemos, está, dentre tantas outras, a imagem que a revista tem acerca de quais corpos são desejados por seus leitores. O destaque dos corpos deve ser considerado em nossa análise porque a *G Magazine* tem como chamariz a nudez de homens, que caracteriza o segmento ao qual o periódico se filia comercialmente, o pornô-soft¹⁷.

Para saber sobre os corpos que são antecipados como objeto de desejo pelo público de *G Magazine*, basta uma breve passagem pelos ensaios fotográficos e observar a nudez que eles apresentam, ou ainda um exame das capas, nas quais são materializados os corpos cuja nudez é anunciada e apresentada no corpo da revista. Vejamos as imagens das capas apresentadas, a seguir:



Figura 4¹⁸



Figura 5¹⁹



Figura 6²⁰



Figura 7²¹

¹⁷ Assim como a *Playboy*, conforme Fonseca-Silva (2007).

¹⁸ *G Magazine*, outubro de 1997.

¹⁹ *G Magazine*, março de 1998.

²⁰ *G Magazine*, novembro de 1998.

²¹ *G Magazine*, novembro de 1999.

Figura 8²²Figura 9²³Figura 10²⁴Figura 11²⁵Figura 12²⁶Figura 13²⁷Figura 14²⁸Figura 15²⁹Figura 16³⁰Figura 17³¹Figura 18³²Figura 19³³

²² G Magazine, setembro de 2000.

²³ G Magazine, junho de 2001.

²⁴ G Magazine, março de 2002.

²⁵ G Magazine, abril de 2003.

²⁶ G Magazine, setembro de 2003.

²⁷ G Magazine, fevereiro de 2005.

²⁸ G Magazine, setembro de 2005.

²⁹ G Magazine, janeiro de 2007.

³⁰ G Magazine, setembro de 2007.

³¹ G Magazine, março de 2008.

³² G Magazine, fevereiro de 2009.

³³ G Magazine, dezembro de 2009.

Podemos observar, nessas imagens de capas, que a logomarca da *G Magazine* está sempre ao lado superior esquerdo, variando de cor conforme varia também o plano de fundo. O corpo do modelo do ensaio principal é mostrado como “aperitivo” do que será visto no interior da revista, de modo que, exceto na edição 10, que tem o ensaio “secundário” como capa, o modelo principal é estampado como chamariz.

Os corpos dos modelos nas capas não são corpos quaisquer. O que significa que há um padrão estabelecido desde *Bananaloca*. Observando as capas, vemos que o peitoral e abdome definidos e sem pêlo são regularidades materializadas. Em algumas, o corpo do modelo praticamente aparece nu. Há raríssimas edições em cujas capas o tórax e o abdome não são exibidos: seja porque a posição da foto não expõe o corpo, seja pelo fato de o modelo estar usando algo que cubra o tórax, ou ainda porque apenas a fotografia do rosto é estampada.

Observamos, na rede de formulações-reformulações imagéticas, que há uma disciplinarização dos corpos, tanto no que diz respeito ao modo como o próprio corpo deve ser apresentando, isto é, conforme um modelo estabelecido, quanto no que se refere a corpos desejáveis. Regula-se o próprio corpo, mas também o desejo por um tipo de corpo. Longe de ser esta uma exclusividade das capas de *G Magazine*, trata-se de uma tendência da regularização corporal, que, com alguns deslocamentos, se inscreve no que Foucault (1975) chamou de docilização dos corpos.

Além da discursivização desse corpo ideal, o pressuposto é que a exposição de corpos nus na revista configura-se como atrativa para o público gay se feita com homens, que, muitas vezes, são conhecidos – atletas, artistas etc. –, assim como as mulheres que são apresentadas na capa de *Playboy*. Dessa maneira, falar de nudez na *G*, sobretudo no ensaio principal, é pensar em corpos que podem ser vistos em outros lugares de visibilidade, mas que na revista poderão ser vistos despídos para ser admirados e desejados por inteiro. Vejamos a rede de formulações-reformulações:

(49) Mateus Carrieri, gostoso **como a TV nunca mostrou** (Edição 11, agosto de 1998).

(50) E para mostrar que está em sua plena forma, o craque Dinei **mostra o que você jamais verá em campo** (Edição 17, fevereiro de 1999).

(51) YouCanDance. Os gatos do Planeta Xuxa **como você nunca viu** (Edição 20, maio de 1999).

(52) **Finalmente!** Marco Mastronelli **mostra o que você nunca viu!** (Edição 67, abril de 2003).

(53) Big Brother Caetano. **Veja o que a Globo escondeu** (Edição 68, maio de 2003).

(54) 1º Motoboy Top Model. Bira e Caio, vencedores do concurso **mostram o que os jurados não viram** (Edição 114, março de 2007).

Observamos, na discursivização da nudez em *G*, que esse funcionamento de singularidade é marcado pelo acontecimento que é ver tais homens nus. As marcas desse acontecimento se imprimem na língua pelos advérbios “nunca” e “jamais”, cujos efeitos produzidos são de ineditismo, aliando, portanto, a vontade prévia de ver o nu à saciedade de tal desejo, porque a nudez cobiçada agora é acessível aos olhos. A questão da visibilidade é explorada e marcada pelos verbos “ver” e “mostrar”.

Na formulação 52, o “finalmente”, com valor de interjeição, é exemplar em relação ao fato de mostrar que a nudez, agora vista na materialidade da revista, era há muito cobiçada, ou antecipada dessa maneira, causando um frisson que joga com o desejo de ver e a satisfação do desejo.

Em todas as capas, como pode ser visto, predomina a discursivização de um corpo desejado que antes estava escondido/encoberto e agora pode ser apreciado. Além de mostrar um corpo como nunca fora mostrado, de expor o que não se poderia ver em outro lugar, saciando, assim, a curiosidade presumida ou forjada como comum aos leitores de *G*, as formulações, principalmente as das chamadas da capa, conforme pode ser observado a seguir, tratam, frequentemente, do ofício dos modelos, ou, mais especificamente, referem-se ao lugar que os torna visíveis, assegurando a exibição de corpos aos quais se deseja de antemão ver despidos, e não meramente um desfile de corpos nus e anônimos:

(55) Gilson Machado. **A Praça é Nossa!** E a festa é toda sua (Edição 12, setembro de 1998).

(56) Théo Becker. O melhor **do Planeta Xuxa** (Edição 50, novembro de 2001).

(57) Tadeu Fracari. O Top Model **da ex-mulher de Chitãozinho** (Edição 52, janeiro de 2002).

(58) Claudio Farias (**ex-Gretchen**), o noivo proibido (Edição 62, novembro de 2002).

(59) Alecsandro Massafra, o **big bother da Miss Grazi** (Edição 93, junho de 2005).

(60) Pegamos Matheus Ohana, o **paparazzo que tirou o Latino do sério** (Edição 118, julho de 2007).

(61) Marcos Seya. Na piscina **do Domingo Legal** (Edição 146, novembro de 2009).

Como pode ser observado nas expressões em negrito nas formulações-reformulações acima, para garantir que vale conferir a nudez dos homens que figuram nas capas, as chamadas materializam o lugar de pertencimento do modelo, indicando que são homens com visibilidade nos meios midiáticos e que nesse periódico podem ser vistos nus. Há uma regularidade da indicação, na capa de *G Magazine*, do lugar de pertencimento do homem cuja nudez poderá ser contemplada nas páginas de cada edição da revista, como acontece nas edições da revista *Playboy*, no tocante a mulheres.

Quando o modelo do ensaio não está imediatamente neste lugar de visibilidade midiática, o que é quase indispensável para ser capa de *G Magazine*, o lugar de pertencimento é indicado por associação a alguma outra figura conhecida e famosa, confirmando o que Morin (2005) afirma sobre o interesse público por “olimpianos modernos³⁴”, que pode ser desdobrado, por exemplo, em seus familiares, os quais passam também a ser alvos de interesse midiático. Dessa maneira, é como se a fama dos indivíduos fosse extensiva àqueles a eles relacionados. É o que ocorre, por exemplo, nas formulações 58, 59 e 60. Nestas três: i) investe-se na relação entre o modelo fotografado e alguém famoso como uma forma de legitimar a “qualidade” do corpo que poderá ser visto nu, e assegurar que não é um corpo nu qualquer; ii) investe-se em despertar ou confirmar a vontade de vê-los, posto que eles não são de todo anônimos pelo vínculo explicitado. Em 58, o modelo é associado à ex-mulher do cantor Chitãozinho, num vínculo de “terceiro grau” com a fama. Em 59 e 60, a extensão da fama de um que alcança o outro se dá em nível mais próximo: respectivamente, um ex-noivo e um irmão.

Nas capas das edições de *G Magazine*, a nudez frontal não se faz presente, exceto na edição 72³⁵, embora o corpo nu apareça em diversos ângulos nos ensaios

³⁴ Morin (2005) reflete acerca dos novos heróis, ou novos olímpianos, que, em certa medida, substituem ou dividem o espaço com os heróis/olímpianos anteriores. Na ausência destes ícones que serviam de exemplo, é característico da sociedade, observa o autor, ocupar estes lugares com outros indivíduos, que correspondem ao que chamamos de celebridades, que ordenam, de algum modo, os sonhos, funcionando como um ideal. Em *G Magazine*, mas também em outros como *Playboy*, sobretudo referindo-nos às capas e aos ensaios das chamadas “celebridades instantâneas”, este lugar de modelo ideal se aplica ao corpo exposto, que reforçaria, então, um ideal-de-corpo a ser seguido.

³⁵ Nesta edição, de setembro de 2003, a capa foi um ator pornô brasileiro que atua em filmes internacionais, e sua genitália pode ser vista já na capa desde que um lacre encobridor com os dizeres “Puxe aqui” seja retirado.

fotográficos. A nudez plena, além de ser insinuada em algumas formulações imagéticas de capa, é anunciada por meio do entrecruzamento destas com formulações linguísticas materializadas na capa. Vejamos:

(62) David Cardoso, Jr. O galã da novela Zazá se **mostra por inteiro** (Edição 13, outubro de 1998).

(63) O Rei da Pornochanchada, David Cardoso, **sem cortes** (Edição 19, abril de 1999).

(64) Agora é **nudez total**. Alexandre Frota (Edição 49, outubro de 2001).

(65) Rafael, o gostosão do Acorrentados, **totalmente nu** (Edição 69, junho de 2003).

(66) Clodovil conta tudo. Júlio Capeletti **mostra tudo!** (Edição 91, abril de 2005).

(67) Ex-Varig. Eric Lobão. **Veja o que o uniforme escondia** (Edição 110, novembro de 2006).

(68) Verão, praia... **sem sunga**. Maicon Araújo. Mr Gay Floripa (Edição 133, outubro de 2008)

(69) O olhar já excita. Fernando Balcevicz **todo nu!** (Edição 144, setembro de 2009).

As expressões marcadas em negrito nessa rede de formulações-reformulações indicam que, ao discursivizar sobre a nudez que é mostrada no interior do periódico, há um investimento de valorização da nudez como prêmio visual para os leitores. O que era escondido agora pode ser visto nos ensaios da revista, e, o que é melhor, “por inteiro”, “sem corte”, numa espetacularização da nudez, principalmente das genitálias. *G Magazine*, para ser bem aceita pelo seu público, exhibe corpos bem trabalhados, firmes e, por isso, lidos culturalmente como viris, com falo volumoso, ereto, potente e em harmonia com o corpo³⁶. Salientamos, entretanto, que esta não é uma característica exclusiva da *G Magazine*, sendo antes um modelo necessário para as revistas que expõem o nu de seus modelos, entendendo o nu como a visibilidade de todo um corpo que se espetaculariza, sobretudo, mostrando a genitália em excitação como objeto central. Essa característica também foi observada no estudo de Kronka (2005). Vejamos como a valorização da genitália aparece discursivizada nas formulações-reformulações seguintes:

³⁶ O único ensaio que não mostrou a genitália do modelo foi o *Gato da Capa* dos dançarinos da banda *Carrapicho*, divulgado no número 6 da revista, lançada em março de 1998.

- (70) Dinei, o rei nu **mostra todo seu poder [E que poder!!!]** (Edição 17, fevereiro de 1999).
- (71) O galã de Xica da Silva, Victor Wagner, **mostra seu grande talento** (Edição 18, março de 1999).
- (72) Rafel Vanucci. O filho da Vanusa **creseceeeeee!!!** (Edição 47, agosto de 2001).
- (73) Miguel Kelner (o ex da Big Brother Xaiane) **mostra o esplendor da sua virilidade** (Edição 59, agosto de 2002).
- (74) Thales Fracari, irmão do Tadeu **exibe o grande dote dos Fracari** (Edição 63, dezembro de 2002).
- (75) Rafael Alencar. Astro Brasileiro do cine erótico mundial **mostra o seu ENOOORME “talento”** (Edição 72, setembro de 2003).
- (76) Gol de Placa! Túlio Maravilha **exibe o seu maior troféu** (Edição 75, dezembro de 2003).
- (77) Marcelo Jakybales, o Homem-bambu, **mostra por que provoca Pânico na TV** (Edição 78, março de 2004).
- (78) Rogério Dragone, **o + big** do Big Brother! (Edição 80, maio de 2004).
- (79) Alexandre Gaúcho. **O grande!** (Edição 89, fevereiro de 2005).
- (80) Jean Mary Coner, a mulher que abalou Brasília, apresenta o filho Bruno Corner. **Isso que é mensalão!** (Edição 97, outubro de 2005).
- (81) BBB. Iran. Você nunca viu nada **tããã grande** (Edição 113, fevereiro de 2007).

As expressões em negrito nas formulações-reformulações indicam que, além de corpos bem trabalhados, com músculos definidos, como pudemos ver nas capas, funcionam outros critérios para que um corpo seja desejado conforme antecipação feita do que é, para o leitor, um alvo sexual. Esta antecipação, marcada pelo jogo de imagens, inevitavelmente, indica quais atributos do homem despertam o desejo do leitor. Os modelos de *G Magazine*, em sua maioria, além de necessariamente serem esbeltos, fortes e comumente robustos, devem ser vigorosos e volumosos também no que diz respeito à genitália. Observemos, então, que, mais que anunciar os avantajados dotes de seus modelos, como uma expectativa do que pode ou não ser ratificado na materialidade do ensaio fotográfico, há uma hipervalorização destas medidas. Observando essa rede de formulações-reformulações, identificamos estratégias gráfico-linguísticas por meio das quais a valorização é assinalada. Com essas estratégias, sentidos estabelecidos na memória social são retomados para que um novo sentido se instaure na memória discursiva, ocorrendo o que Pêcheux (1983b) chama de perturbação da memória.

Na formulação 70, materializada junto à representação do nu de um jogador de futebol, o que se sobressai é o poder do modelo, e a ênfase dada ao poder do jogador

pelo destaque – [**E que poder!!!**] – incita o leitor a pensar no tamanho do órgão sexual que será visto, sendo a surpresa antecipada pelas três exclamações. O “poder” do modelo discursivizado em 70 é semelhante ao “talento” discursivizado em 71. Nesta formulação, não basta falar do “talento” do ator/modelo; é preciso que tenha “talento” e que seja um “grande talento”. Notamos deslizamentos de sentidos que encontram suporte na associação entre o tamanho do pênis e o desempenho sexual, de modo que um pênis grande é proporcional ao “talento”, metáfora para performance sexual: não basta ter “talento”, é preciso que ele seja grande. Em 73 não basta ter virilidade, é preciso que ela seja esplendorosa; em 74, que o dote seja grande; e, em 76, que o troféu mostrado seja o maior; em 78, que o Big Brother seja “o + big”; em 79, que o Alexandre fotografado tenha de ser, necessariamente, “o grande”, deslizando o sentido de “o grande” relacionado a Alexandre, rei da Macedônia, num jogo de memória discursiva que possibilita o “novo” sentido.

Na discursivização do corpo dos modelos referidos nas formulações 77 e 80, há um jogo entre o lugar que dá ao modelo a visibilidade necessária para ser convidado a posar em *G Magazine* e a dimensão de sua genitália. Em 77, o modelo, que tem visibilidade no programa Pânico na TV, mostra o que faz com que o pânico se instaure. Observamos que não se trata de uma surpresa, de um susto, mas de pânico, e o que causa pânico são eventos normalmente desastrosos ou a possibilidade que eles ocorram. O corpo nu anunciado do modelo promete mostrar a genitália em riste, com dimensões extravagantes. Perturba-se a memória pelo deslizamento de sentido negativo de pânico para sentido positivo. No caso da formulação 80, o modelo, que ganha visibilidade na mídia pelo de fato de sua mãe estar vinculada ao “Escândalo do Mensalão”, é caracterizado pelo volume na cueca. Perturba-se a memória para que um novo sentido seja produzido. O volume (dinheiro) ganha um novo sentido (pênis). Ter um “mensalão”, nesta formulação, significa ter um pênis grande, volumoso.

Nas formulações 72, 75 e 81, a gemação de vogais marca o efeito de grandeza. Em 76, a ênfase dada ao “cresceu” com a gemação da vogal “e”, seguida de três exclamações produzem o efeito de sentido que o corpo e parte do corpo cresceram muito: corpo crescido, pênis crescido. Na formulação 75, assim como em 71, o pênis é metaforizado como “talento”, e a caixa alta bem como a gemação da vogal “O” indicam dimensão e medida elevadas do pênis. Em 81, a gemação do “ã” marca também a grande proporção da genitália do modelo, sendo esta medida discursivizada

como a maior já vista, exatamente como funciona o *Guinness Book*, isto é, espetacularizando os “recordes”.

Como dissemos, os corpos são valorizados no periódico por meio de formulações linguísticas e imagéticas que incitam a visualização de corpos nus bem trabalhados fisicamente, torneados e com pênis avantajados. Mas os corpos desejáveis pelos leitores de *G* não são encontrados somente nos ensaios fotográficos da revista. Há formulações-reformulações no periódico que indicam lugares onde podem ser encontrados corpos cobiçáveis, como pode ser observado a seguir:

(82) É ali[Boa Viagem - Recife] que acontece o **desfile de corpos bem torneados** de ambos os sexos, e a paquera é explícita a qualquer hora em qualquer dia da semana (Edição 5, fevereiro de 1998).

(83) Sol, praia, **corpos suados, sarados e maravilhosos, como o Rio de Janeiro** (Edição 65, fevereiro de 2003).

(84) Chegamos a Camps Bay. Ali, veem-se gente bonita, **corpos sarados e bronzeados** e “carrões” passeando pela orla, no melhor estilo Beverly Hills (Edição 121, outubro de 2007).

(85) South Beach é pródiga em **belos rapazes de corpos musculosos, bronzeados** e besuntados em óleo (Edição 124, janeiro de 2008).

(86) [...], essa área **concentra os corpos sarados**, os desfiles de sungas e o agito que, muitas vezes, resulta nas melhores festas da noite (Edição 139, abril de 2009).

Essas formulações de 82 a 86 indicam que a busca pela exibição de corpos apolíneos, isto é sarados e por vezes bronzeados, não está circunscrita ao nu dos modelos fotografados para os ensaios, mas também aos corpos nus que podem ser encontrados em lugares turísticos, como praias, sugeridos ao leitor de *G Magazine*.

Destacamos que o tipo físico e efeitos de sentido produzidos sobre esses corpos também não são exclusividade dessa revista. Os corpos de homens que são apresentados em *Nova* em muito se assemelham aos corpos em *G*. Revistas para homens não homossexuais, como a *Men's Health*, também materializam na capa corpos que, de algum modo, são os corpos que são capa em *G Magazine*, pelo menos no que diz respeito ao tipo físico. Ou seja, menos que uma fixação de que homens gays gostam exclusivamente daquele tipo de corpos, que simbolizam o “poder” por suas formas rijas e avantajadas, devemos considerar que o funcionamento é mais amplo, e vincula-se, portanto, ao que seja o belo, numa associação entre a saúde que se nota num corpo saudável, sinônimo, aqui, de um corpo “sarado”, moldado deste modo e não de outro. A

G Magazine apenas seleciona e materializa o formato do corpo considerado/antecipado/presumido como belo. Esclarecemos, assim, que não se trata exclusivamente do corpo gay ou do corpo para gays, que seguiriam um molde, mas da posição que exige do corpo uma adequação para que seja subjetivado no lugar do belo.

2.6 Considerações finais

Desde *Bananaloca*, a *G Magazine*, regularmente discursiviza acerca do que poderíamos chamar de “meio” homossexual, de modo que eram, na revista, pauta constante, os eventos relacionados, de algum modo, aos homossexuais. Da mesma forma as práticas turísticas e o cuidado com o corpo sempre foram materializados discursivamente no periódico como vimos nas formulações-reformulações apresentadas. Além dessas possibilidades, a *G Magazine* discursiviza acerca da necessidade de militância gay, tratando de temas como a homofobia e o assumir-se homossexual, os quais, assim como própria questão da militância, serão tratados em capítulos seguintes.

Duas colunas, especialmente, merecem destaque no que diz respeito à discursivização do ativismo: a *Voz A.B.L.G.T.*, que surge, inicialmente, na seção *Do Babado*, em 1998, como um espaço para pronunciamento de grupos gays organizados; e a coluna *Olho no olho* assinada por João Silvério Trevisan, que é um dos grandes nomes do movimento gay organizado no Brasil.

Além dessas duas colunas, a questão da militância é discursivizada em diversas outras seções da revista, como a *Parla G* e *Cidadania* dentre outras, o que nos permite dizer que essas ocorrências, no jogo de memória discursiva, produzem sentidos cuja regularidade atravessa todo o periódico. As seções destinadas à discussão, bem como as demais que comumente são atravessadas pelo discurso da militância, são também espaço comum para a discursivização da homofobia que trataremos no capítulo 3: *A Homofobia Discursivizada em G Magazine: de homo para homo.*

3 A HOMOFOBIA DISCURSIVIZADA EM *G MAGAZINE*: DE HOMO PARA HOMO

3.1 Considerações sobre a homofobia: um recorte de memória

O termo homofobia, segundo Borrillo (2009) e Nascimento (2010), parece ter sido utilizado pela primeira vez em 1971, nos Estados Unidos, remetendo à obra “*Homophobia: a tentative personality profile*”, de K.T.Smith. No entanto, somente no final da década de 90, passou a ser dicionarizado na Europa, significando rejeição da homossexualidade e hostilização dos homossexuais.

A homofobia, como toda forma de segregação, justifica sua existência por meio de um movimento classificatório a partir do qual o outro é colocado na posição de diferente, e, por diferente, entenda-se antinatural. Muitas foram as formas de nomear as práticas homossexuais para marcar este lugar de diferença. Borrillo (2009) faz um levantamento de algumas nomenclaturas: crime abominável, amor pecaminoso, tendência perversa, prática infame, paixão abjeta, pecado contra a natureza, vício de Sodoma, vício italiano, costume árabe, vício grego ou costume colonial. Essas cinco últimas expressões possuem a peculiaridade de atribuir a outro lugar a procedência da homossexualidade e sua “desonra” característica.

Observamos que algumas dessas nomações levantadas por Borrillo (2009) são atravessadas por discursos de diferentes saberes, como o discurso religioso (amor pecaminoso, vício de Sodoma), os discursos religioso e biológico de forma justaposta (pecado contra a natureza), os discursos jurídico (crime abominável) e médico (tendência perversa). A homossexualidade, nesses domínios de saber, então, é discursivizada como pecado, crime ou doença. A memória discursiva sobre a homossexualidade é constituída, dessa forma, por domínios diversos, que têm a característica comum de formular a homossexualidade em sua negatividade.

Segundo Borrillo (2009), a crescente preocupação com a violência exercida contra o grupo homossexual e o modo diferente de analisar essas reações contrárias aos L.G.B.T. fazem com que o foco dos estudos voltados à homossexualidade deixe de ser o comportamento homossexual para ser o modo pelo qual a homossexualidade foi categorizada, ao longo da história, como sexualidade desviante. Acreditamos que o autor faz referência principalmente aos trabalhos desenvolvidos pelos próprios

homossexuais ou por outros pesquisadores favoráveis à causa. Essa mudança de direcionamento da qual o autor fala marca uma alteração tanto epistemológica quanto política: epistemológica porque não se trata mais de conhecer o funcionamento da homossexualidade, mas de analisar práticas hostis justificadas pela sexualidade; política porque a homossexualidade deixa de ser a questão, cedendo lugar à problematização da homofobia.

A discussão da homofobia, de acordo com Borrillo (2009), não se constrói sem reformular o sexismo, sendo aquela uma forma particular deste. Utilizando outros termos, poderíamos dizer que as condições de possibilidade ou de existência atuais, no sentido foucaultiano, que permitem a formulação da homofobia associam-se ao discurso sexista, ainda que deste se afaste por ter como referencial a sexualidade e não o sexo.

O autor concorda que a interpretação social pela qual o sexo biológico (macho-fêmea) é visto acaba por determinar uma sexualidade compulsória (a heterossexualidade) do mesmo modo que também determina comportamentos sociais (se macho, masculino; se fêmea, feminino). Ancorados em Foucault (1976), diríamos que a categoria “sexo” desempenha este papel de “ideal regulatório”. Também a partir de Foucault (1976), Butler (2000) reafirma o caráter normativo do sexo:

As normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2000, p.154).

Segundo Butler (2000), menos que uma mera norma, o sexo faz parte de uma prática regulatória que produz os corpos controlados por ela. O sexo é o modo pelo qual as normas reiteram suas normas, sendo ele umas das formas pelas quais o indivíduo se torna viável. De acordo com Foucault (1976, p. 169), “é pelo sexo, com efeito, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que cada um deve passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade [...] à totalidade de seu corpo [...] à sua identidade”.

A homofobia desempenha o papel, segundo Borrillo (2009), de vigilância das “boas normas” sexuais, isto porque cuida para que as fronteiras da sexualidade (hétero-homo) e de gênero (masculino-feminino) não sejam atravessadas, ou seja, para que os limites, mais sociais que de fato determinados biologicamente, apesar de terem no sexo

biológico o critério de especificidade, não sejam desrespeitados. Formulado de outro modo, Welzer-Lang (2001) considera que a homofobia engessa a fronteira dos gêneros, e diríamos mais: a homofobia não só engessa a fronteira, como ela própria, enquanto se faz, dá sua cota na edificação desta separação.

Disto isso, Borrillo (2009) acrescenta que não só os homossexuais são vítimas da homofobia, mas todos aqueles, inclusive heterossexuais, que não se identificam com o rígido modelo imposto, como homens heterossexuais que manifestam maior sensibilidade, ou mulheres também heterossexuais que apresentem comportamento mais incisivo e personalidade mais forte. Com base nisso, a homofobia relaciona-se à questão do gênero e não, exclusivamente, à sexualidade.

A homofobia é, segundo o autor, a hostilidade irracional em relação a gays e lésbicas, mas, embora o ódio contra esse grupo seja a principal característica da prática homofóbica, esta não pode ser reduzida somente a isto. Considerando contra quem ela é exercida, Borrillo (2009) propõe uma forma de bipartir a homofobia: **geral** ou **específica**. A homofobia geral, então, é uma forma de sexismo, isto é, de marcar a diferença e superioridade de um dos sexos.

Os estudos com gênero configuram uma discussão que está ainda sendo feita, e que, por mais profícua que seja para algumas finalidades, como as questões emancipatórias, por exemplo, não deixa de atravessar o que se entende por sexo e por sexualidade. Que categorias se cruzem é esperado. Ocorre, no entanto, não raramente, uma confusão entre elas, o que teoricamente começa a ser problemático. Por ser uma questão complexa, e dizemos complexa porque há muito o que se discutir sobre uma relação entre as três categorias – sexo, gênero e sexualidade –, e ponderando que elas, inexoravelmente, aparecerão em nosso texto, é necessário que explicitemos o que aqui entendemos por cada uma dessas categorias, de modo a não confundi-las, ou, pelo menos, tentar dissociá-las mais do que o que tem sido feito em tantos outros trabalhos.

Por sexo entendemos a determinação cromossômica que faz do indivíduo macho ou fêmea. É o sexo, isto é, uma questão biológica, que motiva a categorização do indivíduo em homem e mulher. Macho e fêmea, assim, correspondem, respectivamente, a homem e mulher. Conforme Butler (2000), antes mesmo do nascimento, o ser, cujo sexo era desconhecido, gozava de uma “neutralidade” de gênero. No entanto, a partir do momento em que se conhece o sexo do bebê, isto é, quando, hoje, se faz uma ultrassonografia, quem era “neutro” passa a ser “ele” ou “ela” e a neutralidade se esvai.

Esta nomeação estabelece uma linha divisória no mesmo movimento que inculca uma norma. Segundo a autora, partir desta interpelação fundante, começam a ser forjados comportamentos e aspectos psicológicos para o indivíduo com os quais pode se identificar ou não.

Desta maneira, ser homem ou mulher, culturalmente, implica comportamentos diferenciados, e é neste ponto que, normalmente, sexo e gênero se confundem. Da perspectiva em que desenvolvemos o nosso trabalho, gênero é subdividido em masculino e feminino, daí falarmos em masculinidade e a feminilidade. Isto porque o homem não é necessariamente masculino, tampouco a mulher feminina, o que quer dizer que não há uma determinação genética para gênero (masculino e feminino) como ocorre para o sexo biológico (homem e mulher). Há, a partir de Freud (1905), como veremos mais a diante, entre o masculino e o feminino, gradações, isto é, se é mais ou menos masculino e feminino e de modo independente do sexo.

A sexualidade, por sua vez, é a forma de categorizar os homens e mulheres de acordo com o seu objeto de desejo sexual, ou seja, conforme Freud (1905, p.70), com base na “pessoa de quem provém a atração sexual” que se tem. Nessa categoria, estão os heterossexuais, homossexuais, bissexuais etc., e a associação que se faz entre sexualidade e sexo é que, necessariamente, homem e mulher encaram o desejo sexual de algum modo, o que quer dizer, conforme Foucault (1976; 1983, 1984a, 1984b), que é por meio da sexualidade que homens e mulheres se constituem como sujeitos de desejo na sociedade. Não há, no entanto, uma associação direta entre a sexualidade e o gênero, e, apesar disso, é comum que se faça a relação, por exemplo, entre homossexual homem e menor masculinidade. Em nosso texto, porém, o homem homossexual não é necessariamente mais ou menos masculino e feminino que o homem heterossexual, e a mulher homossexual não é mais ou menos feminina e masculina que a mulher heterossexual.

De acordo com Freud (1905), é um equívoco afirmar que ao homem homossexual interessa exclusivamente o masculino no outro homem, e que este sucumbiria, assim como uma mulher, aos encantos do masculino no corpo. Nas palavras do autor,

Não há dúvida alguma de que uma grande parcela dos invertidos³⁷ masculinos preserva o caráter psíquico da virilidade, traz

³⁷Verificar em Freud (1905) os três tipos de invertidos: ocasionais, anfígenos e absolutos.

relativamente poucos caracteres secundários do sexo oposto e, com efeito, busca em seu objeto sexual traços psíquicos femininos. Não fosse assim, seria incompreensível o fato de a prostituição masculina, que hoje como na Antigüidade se oferece aos invertidos, copiar as mulheres em todas as exteriorizações da indumentária e do porte; tal imitação, de outro modo, ofenderia necessariamente o ideal dos invertidos (FREUD, 1905 p.75).

Dessa perspectiva, sexualidade não tem associação com gênero, o que nos autoriza a dizer que o objeto sexual não é, genuinamente, o masculino ou o feminino, mas sim o sexo (macho-fêmea/homem-mulher). Além disso, ser homem e homossexual não implica necessariamente ser mais feminino que um homem heterossexual, bem como é verdadeiro que homens e mulheres não têm um gênero específico, pois ambos podem ter comportamentos mais ou menos femininos e masculinos.

Dessa forma, o que o que se convencionou chamar, por exemplo, de violência de gênero é, antes, violência de sexo (homem ou mulher), ou ainda violência cuja justificativa é a sexualidade e não o gênero simplesmente. Como veremos, há casos em que o gênero é motivo para o preconceito, como a homofobia que se pratica de homens homossexuais mais masculinos contra homens homossexuais mais femininos. Observemos que as três categorias estão em conjunto – homem (sexo), homossexual (sexualidade), masculino e feminino (gênero), mas que, neste caso, ser mais feminino é o motivo do preconceito, isto é, trata-se, pois, de violência de gênero. Borrillo (2009) ao tratar da diferença entre as categorias, afirma que:

A diferença homo/hetero não é apenas constatada; ela serve, sobretudo, para ordenar um regime de sexualidades no qual somente os comportamentos heterossexuais se qualificam como modelo social. Nessa ordem, o sexo biológico (macho/fêmea) determina um desejo sexual unívoco (hetero), bem como um comportamento social específico (masculino/feminino). Sexismo e homofobia aparecem, então, como elementos básicos do regime binário de sexualidades. A divisão dos gêneros e o desejo (hetero)sexual funcionam mais como um mecanismo de reprodução da ordem social que como um mecanismo de reprodução biológica da espécie. A homofobia torna-se, assim, uma guardiã das fronteiras sexuais (hetero/homo) e de gênero (masculino/feminino) (BORRILLO, 2009, p.17-18).

Apesar de mostrar que sexo, gênero e sexualidade não são intercambiáveis, há trechos nos quais o autor os confunde, por exemplo, quando vai definir o que é a homofobia geral, como pode ser observado:

Assim, a homofobia geral não é nada mais que uma manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino). Essa forma de homofobia pode, então, ser definida como a discriminação de indivíduos que demonstram, ou a quem se atribuem, certas qualidades (ou defeitos) tradicionalmente consideradas **características do outro gênero** (BORRILLO, 2009, p.21-22) (grifo nosso).

Segundo o autor, a homofobia geral seria uma forma de vigiar os comportamentos de homens e mulheres para que estejam sempre de acordo com os seus gêneros. É um lembrete de qual é o “gênero certo”. Ocorre, no entanto, como dissemos, que não há um gênero certo, visto que, independentemente do sexo, isto é, se homem ou mulher, os indivíduos têm comportamentos femininos e masculinos. Observamos que, apesar do esforço de separar as três categorias, como reflexo do que tem sido feito, há momentos em que uma categoria é substituída por outra, como se essa substituição não fosse problemática.

Já no início do século XX, Freud (1905) apontava para os problemas de precisão das categorias masculino e feminino, aqui entendidas como gênero. Segundo o autor, não há relação indecomponível entre sexo, gênero e sexualidade, de modo que um sexo não está apenas para um gênero específico e para um objeto sexual determinado pela biologia:

A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher (FREUD, 1905, p.113).

O que Freud discute é a problemática entre o que se entende por masculino e feminino, no esforço de dissociar o gênero das duas outras categorias com esta confundidas ou a ela amalgamadas. Segundo o autor, se houvesse maior entendimento do que é gênero, isto é, do que é masculino e feminino, poder-se-ia dizer que a libido é genuinamente masculina. Esclarece, no entanto, que não se trata de apenas o homem possuir libido, uma vez que se considera que o masculino e o feminino independem do sexo, bem como independem do objeto sexual do indivíduo.

Retornando a Borrillo (2009), além da homofobia geral, há, segundo o autor, a homofobia específica, que é aquela exercida contra gays e lésbicas. Alguns autores

traçam diferenças entre “gayfobia”, “lesbofobia” ou ainda “transfobia”, inclusive diferenças que podem ser produtivas no sentido de entender a especificidade, por exemplo, da estigmatização somativa que sofre uma lésbica: o preconceito por ser mulher (sexo) e ser homossexual (sexualidade). No entanto, essas diferenças não serão consideradas aqui, porque, quando falamos de homofobia, consideramos a homofobia específica, e estão inclusos aí tanto homens gays, transgêneros, quanto mulheres lésbicas, apesar de as análises que desenvolvemos das redes de formulações-reformulações de edições de *G Magazine* fazerem referência, sobretudo, a homens homossexuais, visto que a revista é destinada a este público.

3.2 A homofobia em *G Magazine* como componente da arquitetura do preconceito

A homofobia se inscreve em uma arquitetura que quer sustentar e alimentar preconceitos. Segundo Borrillo (2009),

A ideologia que sustenta a superioridade da raça branca é designada sob o termo “racismo”; àquela que promove a superioridade de um gênero sobre o outro, dá-se o nome de “sexismo”. Já o antissemitismo se refere à opinião que justifica a inferiorização dos judeus, e a xenofobia remete à antipatia por estrangeiros. Portanto, é tradicionalmente em função do sexo, da cor da pele, da opção religiosa ou da origem étnica que se instaura um mecanismo intelectual e político de discriminação. O sistema a partir do qual uma sociedade organiza um tratamento segregacionista segundo a orientação sexual pode ser denominado “heterossexismo” (BORRILLO, 2009, p. 19-20).

A homofobia em *G Magazine* é também discursivizada como mais um elemento naquilo que chamamos de arquitetura do preconceito. Isto quer dizer que, além de ser tratada como uma questão que diz respeito principalmente aos homossexuais, como veremos posteriormente, é ainda, mesmo que não seja esta a maneira mais regular de a revista discursivizar, considerada como parte integrante de uma estrutura maior que funciona categorizando, por preconceito, alguns grupos como minoritários. Observemos na rede de formulações-reformulações abaixo como a homofobia é inscrita no instrumental maior do preconceito:

- (1) E na medida que as minorias forem se libertando dos armários, **mulheres, gays, negros, amarelos, gordinhos, baixinhos e outros**, você verá quanta gente maravilhosa é gay também e está louca para contar. Aguarde, não será mais tão horrível ser cada uma dessas coisas... Nós, os diferentes, poderemos namorar, casar, ter ou adotar filhos. Não gemeremos mais apenas de dor, mas de prazer também. Nós merecemos (Edição 9, junho de 1998).
- (2) E saiba que para todos nós que não fazemos exatamente parte da maioria por muitos motivos: **judeus, negros, índios, gays, lésbicas, travestis, comunistas, mulheres, gordos, nordestinos, deficientes físicos etc...** nos tornar visíveis a toda a sociedade é muito importante (Edição 38, novembro de 2000).
- (3) Já em relação às celebridades, **aos VIPs, que se deliciam do homoerotismo e que tomam posições contrárias à homossexualidade, considero pessoas inimigas de nossa causa e devem ser denunciadas da mesma forma que um judeu nazista** tem de ser (Edição 45, junho de 2001).
- (4) **Não dá para falar só para o gay, ou para a mulher oprimida, ou para o negro injustiçado, ou para a criança abandonada, não dá para dissociá-lo dos problemas da nação, da cidade, da comunidade. É tudo um pacote só** (Edição 53, fevereiro de 2002).
- (5) Não é preciso ser militante da **causa negra, dos homossexuais ou das mulheres** para saber quais problemas afligem cada uma dessas “**minorias**”. Todo gay, negro ou mulher sabe a dor e a delícia de ser o que se é. Mais dor do que delícia, por enquanto (Edição 111, dezembro de 2006).
- (6) Em outras palavras, lutar com a **homofobia** é lutar contra a irracionalidade – que **não difere, a não ser em detalhes, do preconceito racial (contra negros, judeus e etnias minoritárias) ou preconceito sexista (contra as mulheres)** (Edição 127, abril de 2008).

Os termos grifados em negrito nas formulações-reformulações indicam semelhanças que fazem de cada formulação uma nova possibilidade do que está em funcionamento na rede. Há, então, seguindo Foucault (1969), um princípio geral que governa a rede, princípio este que o autor chamou de enunciado, cujo sujeito é uma posição vazia que vários sujeitos podem ocupar. O conceito formulação-reformulação é produtivo, por exemplo, para Fonseca-Silva (2007a) quando mostra a repetição de um mesmo enunciado em formulações distintas, em suportes inclusive diferentes, verificando, com isso, que os enunciados são repetíveis e que são raros, conforme postula Foucault (1969). Há que se observar que há uma memória discursiva que possibilita que uma formulação e outra pertençam ao mesmo princípio, ou melhor, que sejam uma e outra formas diferentes de materializar o mesmo enunciado, no que Foucault (1969) também chama de *domínio de memória*. Esta duração, ou seja, a possibilidade de indefinidas formulações serem reformulações de outras formulações em uma mesma rede discursiva, e que todas possam ser a atualização de um único enunciado, o que é uma forma de durar, é o que aproxima, conforme Deleuze (2008), o

enunciado de Foucault (1969) da memória propriamente dita de Bergson³⁸ (2006), que é, essencialmente, duração.

Na discursivização das formulações de 1 a 6, é produzido o sentido da semelhança entre os grupos “minoritarizados³⁹”. Isto se deve ao fato de que a causa é similar no que diz respeito ao mecanismo por meio do qual se fortalece o preconceito, isto é, a marca imprimida no outro enquanto ser que foge à norma. Cada um dos grupos formulados (mulheres, negros, judeus etc.) é a expressão da diferença, diferença esta que é motivo de punição, visto que a norma social pede similaridade. Há em comum, portanto, um sentido que atravessa cada uma das formulações da rede, e que poderíamos dizer que se trata de uma memória “da exclusão”, ou memória “da diferença” apontada como motivo de exclusão. No entanto, cada um desses grupos indicados nas formulações-reformulações acima trava suas próprias batalhas, principalmente separadamente.

Foram os negros, sobretudo, que brigaram pela criminalização do preconceito racial, pelo recente sistema de cotas. É principalmente às mulheres que interessa a Lei Maria da Penha, a igualdade salarial independente do sexo, e a quem interessou o direito ao sufrágio antes só acessível aos homens. Considerando isto, ou seja, o fato de que todo grupo possui um foco que justifica a própria causa em consonância com sua singular necessidade, em *G Magazine*, por sua singularidade de público, o preconceito discursivizado é menos, por exemplo, a homofobia geral, tal como postulada por Borrillo (2009), que a homofobia específica, isto é, a praticada especificamente contra os homossexuais, como veremos adiante.

3.3 A homofobia específica em *G Magazine*

A formulação abaixo, encontrada na seção *Olho no Olho*, que é assinada, como dissemos em capítulo anterior, por um dos pioneiros do movimento homossexual no Brasil, João Silvério Trevisan, aponta a revista como lugar para discutir preconceitos, mas sobretudo o preconceito praticado contra a homossexualidade. Vejamos:

³⁸Verificar em *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, de Henri Bergson.

³⁹Optamos por **minoritarizados**, ao invés de **minorias**, porque consideramos que estes grupos foram, em início, criados a partir de práticas discursivas, o que garante essa concepção de assujeitamento, que por sua vez remete à não autonomia cartesiana. O sufixo do primeiro, parece-nos, aproxima-se desta relação entre um sujeito que é constituído por meio e, neste caso, através de práticas discursivas.

(7) Ora, a complexidade das sociedades democráticas exige políticas setorizadas. Não por acaso, trabalha-se com políticas urbana, agrária, industrial etc.. Daí nasceram também políticas ambiental, indigenista, dos negros, das mulheres. Através de suas lutas específicas, mulheres conquistaram o direito de terem delegacias especiais. Negros, ao cabo de longa luta política, conseguiram implantar leis anti-racistas. Graças a mobilizações políticas específicas, temos hoje um Estatuto da Criança e do Adolescente. Por que não reivindicarmos os direitos homossexuais em igualdade de condições com outros grupos comunitários e problemas específicos brasileiros? Claro que negros, mulheres e índios não farão isso por nós, porque têm as suas lutas (Edição 71, agosto de 2003).

Nesta formulação, ao mesmo tempo em que ainda é discursivizado enquanto partícipe de um sistema maior dos minoritarizados como o negro e a mulher, pelo sentido que encontra suporte numa memória acerca do que seja motivo de exclusão, o homossexual é também discursivizado como maior interessado na questão dos direitos de viver a sua sexualidade. Deve, enfim, o homossexual ser ator da busca pelos seus direitos, porque as lutas específicas são discursivizadas como alvissareiras. Há, assim, uma segmentação da luta, que é necessária na conjuntura vigente para que os direitos possam ser garantidos a quem é de direito. Essa divisão das urgências sociais caracteriza não só o movimento homossexual em sua singularidade, mas todos os outros movimentos que se mostram atuantes em prol do que também lhes é singular.

Apesar de fazer parte de toda uma arquitetura que sustenta os preconceitos, a homofobia apresenta peculiaridades, como argumenta Borrillo (2009):

Nenhuma outra “categoria” da população se encontra excluída legalmente do gozo de direitos fundamentais em razão de seu pertencimento a uma raça, religião, origem étnica, sexo ou qualquer outra designação arbitrária. Além disso, enquanto o racismo, o antissemitismo, a misoginia ou a xenofobia são formalmente condenados pelas instituições, a homofobia continua a ser considerada uma opinião aceitável (BORRILLO, 2009, p.33).

Levando em conta o modo por meio do qual a homofobia é exercida, Borrillo (2009) divide a homofobia em duas formas: a **homofobia afetiva/individual** (psicológica), que condena a homossexualidade seja por aversão, medo ou culpa, e a **homofobia social** (cognitiva), que pretende perpetuar as diferenças sociais entre heterossexualidade e homossexualidade, de modo que, diferente da primeira, não há agressão direta contra os homossexuais, no entanto, os direitos negados aos

homossexuais devem permanecer assim inalterados, por marcarem a diferença entre os dois grupos, diferença esta benfazeja.

São várias as formas de a homofobia se apresentar, seja por via de piadas⁴⁰ que tornam risível a questão do gênero, isto é, a feminilidade de homens ou a masculinidade de mulheres, por exemplo, até formas mais explicitamente violentas, como a perseguição e morte de milhares de homossexuais na Alemanha nazista. Segundo Borrillo (2009), a homossexualidade é tolerada se praticada na discricção da alcova como metáfora do que seria a esfera privada, isto é, quando silenciada. Mas torna-se insuportável quando reivindica espaço e direitos iguais aos que são dados aos heterossexuais, de modo que a homofobia social é também o medo ou a negação de que se apaguem as fronteiras sociais construídas entre homossexualidade e heterossexualidade, fato que macularia a normatividade heterossexual.

Dos quatro modos propostos por Borrillo (2009) de categorizar a homofobia, aos homossexuais interessa menos a homofobia geral, visto que é ampla e por isso se afasta da singularidade do movimento L.G.B.T.. É importante reiterar que, apesar da possibilidade de as homofobias individual e social serem exercidas simultaneamente, elas não se confundem. De acordo com o autor, pode ocorrer de um heterossexual se auto-classicar enquanto “simpatizante” e mesmo assim justificar, de alguma forma, a supremacia da heterossexualidade, posicionando-se favoravelmente a essa hierarquização da sexualidade.

Os movimentos L.G.B.T. têm o foco de “ataque” justamente nestas duas formas de homofobia: a individual e a social. Na individual, por exemplo, há o projeto de lei 122/2006, a partir do qual se pretende tornar crime a discriminação justificada por sexualidade. Contra a homofobia social há projetos que visam à equidade de direitos entre heterossexuais e homossexuais, por exemplo, no que diz respeito à união civil, o direito de adoção, a pensão por morte etc..

Além da homofobia realizada “de fora” contra os homossexuais, a que viabiliza a existência da luta pela “causa gay”, há, segundo Borrillo (2009), a homofobia internalizada. O que ocorre nessa prática é a assimilação de preconceitos contra homossexuais de modo que o ódio que a sociedade tem de homossexuais passa a ser

⁴⁰ Partimos da ideia de que, como observa Possenti (2004a), normalmente as piadas vivem do rebaixamento de alguns grupos, de modo que, sendo (des)respeitadas algumas condições específicas, as piadas, configurariam, sim, práticas preconceituosas, e, no caso, homofóbicas.

sentido e realizado contra si mesmo. Conforme o autor, normalmente, esse preconceito é manifestado por meio de injúrias, insultos, deprecições ou até compaixão, e, quando assimilado pelo homossexual, acarreta problemas psicológicos que levam, não muito raramente, a atos extremos como o de suicídio.

3.4 Formas da homofobia em *G Magazine*

Na discursivização da revista *G Magazine*, identificamos três formas de homofobia: a primeira delas é manifestada pela violência de enrustidos contra homossexuais; a segunda é manifestada pela violência de homossexuais assumidos contra homossexuais; e a terceira é manifestada quando o homossexual assimila a homofobia e assume para si o papel de “vítima”.

3.4.1 Enrustidos e violentos

Os violentos, discursivizados como um dos inimigos dos homossexuais, aparecem em *G Magazine* por meio de diversas práticas de violação da vida homossexual, as quais especificamos a partir das categorias de Borrillo (2009). Por homofobia individual, então, consideraremos os atentados ao físico e as maledicências verbal e de comportamento; por homofobia social, interdições político-teórico-religiosas. Vejamos a rede de formulações-reformulações abaixo:

(8) **A falta de noção da própria sexualidade – porque muitos homens transam com outros, mas “achando” que a bicha é sempre o outro, o passivo – poderia desencadear atitudes e comportamentos como o de Andrew Cunanan, como o do “Assassino do Trianon”, ou mesmo o do rapaz no Rio Grande do Norte, que matou a todos os que teriam chamado de homossexual?** (Bananaloca, Edição 5, setembro de 1997).

(9) **Já em relação às celebridades, aos VIPs, que se deliciam do homoerotismo e que tomam posições contrárias à homossexualidade, considero pessoas inimigas de nossa causa** e devem ser denunciadas da mesma forma que um judeu nazista tem de ser... (Edição 45, junho de 2001).

(10) **As trans deveriam acordar e ir à luta pelos seus direitos, e ousar mudar, para, num futuro, deixar de viver às custas de clientes sem rostos que, além de não assumirem seu prazer noturno, durante o dia abominam os travestis.** Digo tudo isso a partir de minha experiência. Dignidade já e sempre! (Edição 82, julho de 2004).

(11) **Sempre acreditei que quem se esconde menospreza a si próprio, portanto não é estranho que ele desdenhe um “provável” colega de trabalho** (Edição 102, março de 2006).

(12) Na mesma época, **o presidente da Associação Nacional de Evangélicos dos Estados Unidos, o pastor Ted Haggard, foi obrigado a renunciar ao seu cargo depois que um michê revelou em público ter oferecido serviços sexuais a Haggard durante três anos. Ora, esse pastor liderava uma campanha no Estado do Colorado para reformar a Constituição estadual, a fim de impedir o casamento entre homossexuais** (Edição 112, janeiro de 2007).

(13) **Ao condenar a homossexualidade como abominação, o fanatismo religioso põe em ação o ressentimento. [...]Aí o ressentimento gera um ódio incontrolável, e é descarregado a facadas contra um suposto homossexual, como no caso do turista francês assassinado logo depois da última Parada GLBT de São Paulo. Ou no caso do ataque a correntadas e pontapés contra dois rapazes considerados homossexuais, nas vésperas da Parada** (Edição 119, agosto de 2007).

(14) O que estou criticando é um problema político, quando isso reflete na questão da **homofobia internalizada**⁴¹. **E um cara desses é capaz de xingar um viado porque ele próprio não se julga viado** (Edição 124, janeiro de 2008).

(15) **O enrustimento pode acarretar atos violentos e abuso de poder. [...] Há moralizadores homofóbicos que usam a tribuna no Congresso. Há outros que sobem nos púlpitos de igrejas. Há outros ainda que elaboram paranóicas teorias anti-homossexuais. [...] Mas há aqueles moralizadores que não têm poder político ou religioso para impor sua posição. Esses perdem as estribeiras e exercem seu ódio no varejo. Já escrevo repetidamente sobre o caso emblemático do michê que assassina clientes homossexuais [...]** (Edição 128, maio de 2008).

Na discursivização da rede de formulações-reformulações de 8 a 15, são indicados modos de agressão praticados contra homossexuais, mas que variam no estilo como são cometidos. Na formulação 8, temos o ataque violento por assassinatos de homossexuais, tratando-se, pois, de homofobia individual. Na formulação 9, a homofobia social é discursivizada por comportamentos “políticos” contrários aos homossexuais. As formulações 10 e 11 discursivizam a homofobia individual em comportamentos de desdém contra os homossexuais. Na formulação 12, razões político-religiosas contra os indivíduos homossexuais são discursivizadas, tratando-se, portanto, de homofobia social. Na formulação 13, a homofobia individual é discursivizada como a violência física exercida contra homossexuais e em 14 por meio de ofensas verbais. Na formulação 15, as homofobias social e individual são discursivizadas, respectivamente,

⁴¹ Apesar de se chamar “homofobia internalizada” a prática violenta exercida contra homossexuais, uma vez que viria de fora a influência que, internalizada, faz do agressor um agressor, reserçaremos “homofobia internalizada” para os casos da homofobia que se pratica contra si, como veremos a diante.

por meio de práticas políticas, religiosas e teóricas anti-homossexualidade e por meio de assassinatos contra homossexuais.

Na rede de 8 a 15, são discursivizadas, então, formas de manifestações contra a homossexualidade. Todas elas se dão por meio de violências, sejam físicas, verbais ou ideológicas, ocasionadas, principalmente, por posicionamento político e/ou religioso contrário aos interesses L.G.B.T.. O que há de se observar, no entanto, e a isso nos deteremos mais, é que, em cada umas das formulações dessa, os inimigos dos homossexuais variam no modo como eles se manifestam, mas em todos eles o violador é discursivizado sempre como um mesmo personagem: um homossexual enrustido.

A formulação 8 indica que a falta de conhecimento da própria homossexualidade e os problemas que isto causa podem levar ao assassinato de homossexuais. Trata-se, então, de uma homossexualidade “enrustida” que tende à tentativa de punir os outros pela homossexualidade que há em si.

Pode-se justificar o que é discursivizado em 8 levando em conta um saber de uma memória, isto é, neste caso, o saber psicanalítico, que formula a existência de uma parcela da mente naturalmente inacessível: o **Inconsciente**. Isto significa dizer que há registros, mas que nem todos os registros são acessados pelo indivíduo. Alguns conteúdos são recalçados, o que não quer dizer que haja supressão destes. No caso da formulação 8, o conteúdo reprimido é a própria homossexualidade, de modo que ser homossexual torna-se inconsciente para o indivíduo.

Os indivíduos são classificados como homossexuais tendo por base o objeto sexual para o qual a libido é direcionada. Neste caso, trata-se de uma pulsão sexual que, por ser pulsão, tende à busca por satisfação, e o objeto sexual capaz de satisfazer esta pulsão é justamente o indivíduo de mesmo sexo. Freud (1915b), no entanto, chama atenção para o fato de a pulsão não poder ser reprimida de toda forma, visto que nasce no organismo do próprio indivíduo e é constante, o que quer dizer que nenhuma ação de escape prevalece contra ela. Considerando isto, esclarecemos que não é a pulsão direcionada ao objeto sexual homem que é reprimida, apesar da possibilidade de esta sofrer transformações em relação ao recalque, mas antes a ideia que se tem dela, isto é, os “representantes-representação”.

Uma vez que a possibilidade de satisfação foi modificada de alguma maneira pelo mecanismo de recalçamento, junto ao próprio conhecimento da sexualidade, é característico, conforme os postulados freudianos, que sejam causados frustração,

ansiedade, além de outros sintomas possíveis justamente pelos efeitos dessa libido insatisfeita ou não satisfeita tal como se quer, ou mais precisamente, pelo retorno deste conteúdo reprimido. Diversos poderiam ser os efeitos desse conteúdo reprimido e dessa pulsão não satisfeita, pelo menos não a contento, e na formulação 8 discursiviza-se justamente uma dessas possibilidades, que são os atos violentos deflagrados contra aqueles que são reconhecidos como homossexuais. Observamos, então, que apesar de a própria homossexualidade do agressor ser desconhecida por ele mesmo, esse conteúdo causa efeitos que não são a satisfação da meta sexual originária, mas um sintoma de seu escoamento desviado, o que remete ao que Freud (1915b) considera a respeito do funcionamento do recalçamento: não destrói a ideia que representa um instinto, apenas afasta-a da consciência.

Atingir o outro homossexual seria um efeito do conteúdo reprimido e, por isso, inconsciente ao mesmo tempo que é também uma forma de satisfação que se apresenta distorcida do que fora em sua “forma original”. Pode-se dizer ainda que é também uma forma de punir o outro que não reprime o que, no agressor, insiste em ser barrado pela censura do consciente, que, segundo Freud (1915b) na primeira tópica, caracteriza a passagem de cada registro para cada um dos níveis da consciência: o Consciente (Cs), o Pré-consciente (Pcs) e o Inconsciente (Ics).

A formulação 9 indica que condenável é a postura de um homem socialmente heterossexual que privadamente se relaciona sexualmente com outros homens, e ainda assim, para marcar uma posição de heterossexual convicto, adota uma postura anti-homossexual. Destacamos aqui que há um redirecionamento, como veremos também no capítulo seguinte, do que seja condenável. O condenável aqui não consiste em relacionar-se sexualmente como outro homem, mas de, apesar disso, posicionar-se socialmente contra a homossexualidade e seus praticantes. A formulação 10 associa-se à segunda, atribuindo valor negativo aos homens que, em particular, relacionam-se com travestis, mas que publicamente adotam postura de escárnio contra esse grupo. Novamente, problemático, deste lugar, não é relacionar-se sexualmente com travestis, e sim, apesar disto, o ato de rechaçar os integrantes deste grupo. Vemos, portanto, que há, a partir de Pêcheux (1983b), uma memória que é retomada para ser revolvida, e re-significada, no caso, no que diz respeito ao que seja condenável, ocorrendo, na repetição, a novidade.

Em 11, assim como em 14, há a reformulação do que ocorre em 10, sendo o homossexual enrustido, portanto, assumidamente contrário a práticas gays e aos que se associam à homossexualidade, podendo, porque não se julga homossexual ou porque teme ser associado a esta comunidade, voltar-se verbalmente contra os L.G.B.T. por meio do escracho. Em 12, o presidente da Associação Nacional de Evangélicos é discursivizado como quem assume uma postura política contra a luta pelos direitos de igualdade travada pelos homossexuais, e como homossexual enrustido que tem de abandonar o cargo de presidente por ter suas práticas homoeróticas denunciadas por um michê que lhe prestava serviços. Em 15, os enrustidos são discursivizados como aqueles que escondem a própria homossexualidade posicionando-se contra o grupo com o qual não se identificam mesmo compartilhando o mesmo objeto sexual.

Na formulação 15, assim como em 8 e em 13, a agressão física tem por objetivo dar fim, por ressentimento, aos que têm em comum com os agressores o desejo por homens, sendo justamente este fator comum a razão do medo que resulta em violência. Nessa formulação, podemos identificar um sentido produzido a partir do saber psicanalítico do que diz respeito aos sintomas que se apresentam como efeitos de um retorno do conteúdo recalçado, no sentido freudiano, mas que é deslocado de seus domínios para funcionar em *G Magazine*, caracterizando um atravessamento que chamamos de memória. Neste caso, tomaríamos por base novamente uma homossexualidade inconsciente, que acarreta insatisfação da libido em relação ao objeto de mesmo sexo, e um escoamento dessa energia que se quer satisfeita, e por não ser possível tal como se deseja, encontra formas de satisfação distorcidas. Seria, então, o sintoma, isto é, a agressividade, uma possibilidade de descarga da energia pulsional. É interessante, contudo, destacar que o recalçamento se dá por energia dispensada pelo Cs. para que tal conteúdo fique reprimido no Ics., e que essa censura não cessa para que o registro esteja sempre inconsciente. Esta censura seria, no entanto e de algum modo, sabida/experimentada pelo indivíduo, de modo que a sua autocensura seria deflagrada também contra os outros, na tentativa de extirpar a homossexualidade nos demais, visto que esta deve ser reprimida.

Além dessa possibilidade de um retorno de um conteúdo reprimido, que não por acaso funciona em *G Magazine*, marcando, antes, uma posição de sujeito em funcionamento no periódico, em consonância com o que pode ou não pode ser dito, bem como o que pode ser dito de uma maneira e não de outra, há outras formas de explicar

esses atos violentos deflagrados, no caso, contra homossexuais. E, nesse aspecto, poder-se-ia recorrer aos conteúdos aprendidos socialmente, incluindo aqui a violência deflagrada amplamente ou contra um grupo específico, cuja razão de ser é justamente esse aprendizado e essa repetição que implica pôr em prática o conteúdo aprendido. Há, dentre outras ainda, a possibilidade de verificar junto à Psiquiatria alguma justificativa para tais atos como patologias. Esse percurso médico da psiquiatria se interliga ao campo jurídico e é inclusive produtiva esta zona de intersecção. Não é à toa, e Foucault (1978) mostra isto, que a psiquiatria é chamada à cena jurídica como forma atenuante de crimes, atestando a existência de transtornos psíquicos que seriam os verdadeiros causadores de atos violentos, por exemplo. O caráter atenuante de uma patologia quando tomada na esfera jurídica é uma das razões pela qual esta justificativa não apareça em *G Magazine*, que discursiviza condenando os agressores de homossexuais, sem preocupação alguma em suavizar a violência ou humanizar o violador.

Na rede de formulações-reformulações da qual tratamos anteriormente, verificamos, então, que o homossexual enrustido é discursivizado como agressor de outros homossexuais. Na rede a seguir, mostramos que as agressões física e verbal praticadas contra homossexuais, bem como as perseguições à causa L.G.B.T., são discursivizados com base em um saber psicanalítico, saber formulado em um outro domínio e mobilizado em *G Magazine*. Observemos a rede a seguir:

(16) [...] **quanto mais se manifestarem contra homossexuais, tanto mais estarão tentando provar aos outros e a si mesmos que são machos convictos** (Edição 38, novembro de 2000).

(17) Ou seja, o ato de **condenar a homossexualidade tornou-se garantia da integridade moral do Severino. Seus ataques a homossexuais foram tantos e tão insistentes que alguém como eu, com várias décadas de janela, passou a achar que esse senhor vive obcecado pela viadagem.** Afinal, de onde vem a implicância que Severino Cavalcanti devota contra nós homossexuais? **Pode-se buscar uma explicação possível recorrendo ao conceito psicanalítico de “retorno do reprimido”:** aqueles elementos lançados no inconsciente como dejetos proibidos da personalidade acabam vindo à luz mascarados como seu oposto, com força redobrada, de modo até mesmo compulsivo. **Em outras palavras, a repressão psíquica condena com veemência tanto maior aquilo que mais se ama e se esconde, de modo que o amor recalcado emerge travestido em ódio.** Assim ocorre com michês que assassinam viados porque no fundo querem ser homossexuais mas sofrem de um conflito **neurótico.** Então **matam como forma inconsciente de declarar seu amor** (Edição 98, novembro de 2005).

(18) **Há muitas razões para alguém se tornar homofóbico. Dentre elas, cada vez mais reconheço o ressentimento como um componente de raiz. Antes de tudo, é um gesto de defesa contra algo que ameaça. Por sua vez, reforça-se a cada dia minha convicção de que o motor do ressentimento**

homofóbico encontra-se no enrustimento. Conheço cada vez mais bichas enrustidas que odeiam homossexuais assumidos, pelo fato mesmo de serem assumidos. O ressentimento ocorre num raciocínio tipo: “Se eu não posso e ele pode, isso é uma injustiça”. O passo seguinte é partir para a revanche (Edição 119, agosto de 2007).

(19) Ao condenar a homossexualidade como abominação, o fanatismo religioso põe em ação o ressentimento. O raciocínio é: “Se eu não posso pecar, por que o outro pode?”. [...] Vejo uma grande probabilidade de que esses homens que atacam fisicamente homossexuais sofram de ressentimento graças a uma dose pesada de homossexualidade reprimida, cujo ímpeto não conseguem conter. Entra em cena então o velho mecanismo psicológico do “retorno do recalcado”: para se realizar, o desejo recalcado desloca-se no inconsciente até emergir no seu oposto, o ódio assassino – como maneira de se aproximar do amor proibido. “O homem mata aquilo que mais ama”, já dizia Oscar Wilde. Portanto, não é de estranhar que os homofóbicos radicais tentem quebrar no outro o espelho que reflete aquilo que rejeitam em si mesmos. Aí o ressentimento gera um ódio incontrolável, e é descarregado a facadas contra um suposto homossexual, como no caso do turista francês assassinado logo depois da última Parada GLBT de São Paulo. Ou no caso do ataque a correntadas e pontapés contra dois rapazes considerados homossexuais, nas vésperas da Parada (Edição 119, agosto de 2007).

(20) Surge então uma categoria de moralizadores que condenam a homossexualidade com tal vigor até chegar ao ódio. Mas eles são homofóbicos justamente por serem viados reprimidos. Seu ódio é uma forma de compensar sua própria atração proibida. Como se confrontara com alguma coisa que te atrai, mas que não pode ser realizada? Melhor vociferar contra quem pratica esse desejo que espelha o teu. Há moralizadores homofóbicos que usam a tribuna no Congresso. Há outros que sobem nos púlpitos de igrejas. Há outros ainda que elaboram paranóicas teorias anti-homossexuais. [...] Mas há aqueles moralizadores que não têm poder político ou religioso para impor sua posição. Esses perdem as estribeiras e exercem seu ódio no varejo. Já escrevo repetidamente sobre o caso emblemático do michê que assassina clientes homossexuais. Se ele tivesse forças para ser um viado tranquilo, não precisaria matar viados. Esse assassino homofóbico odeia o viado que vê dentro de si e tenta irracionalmente se livrar dele, matando o outro. Ele expia sua culpa extinguindo o espelho que a reflete. Por isso, o enrustimento é perigoso. O enrustido é um hipócrita (consciente ou inconsciente) que tenta fazer os outros pagarem pelos pecados que não suporta dentro de si mesmo. Por isso, tantos homossexuais são atacados e, na pior das hipóteses, assassinados. A hipocrisia desemboca na barbárie, bem lembrava Contardo Calligaris (Edição 128, maio de 2008).

(21) Atos violentos como manifestação de masculinidade são sintomas de homossexualidade enrustida (Edição 129, junho de 2008).

(22) [...] a visceralidade do gesto assassino só tem equivalente na visceralidade do desejo: o tanático espelha o erótico reprimido. O motoboy estava de tal modo atraído pelo seu rival, que mandou tatuar o nome dele no braço. Tratava-se de uma verdadeira declaração de amor pelo macho desconhecido. Um amor tão intenso que o rapaz o inscreveu em seu próprio corpo, até a morte. É um típico episódio de homossexualidade sublimada através do seu contrário, o ódio (Edição 129, junho de 2008).

Na discursivização da formulação 16, são motivos de repúdio as tentativas de colocar-se contra a homossexualidade como forma que o oponente tem de provar para si e para os outros que não há nele mesmo o que nos outros é motivo para ataque. Na formulação 17, um lugar contrário ao discurso das causas L.G.B.T. está marcado pela presença do então presidente da Câmara de Deputados, Severino Cavalcanti. Severino é discursivizado como inimigo dos homossexuais pelos constantes ataques verbais e pelo posicionamento político avesso às questões de interesse desta comunidade. No entanto, os ataques de Severino não serão tratados, na formulação, apenas como mais um caso de políticos conservadores que não simpatizam com as causas L.G.B.T.. Por seus ataques constantes contra homossexuais, ele é discursivizado como um homossexual cuja sexualidade é enrustida. Enrustir, aqui, é sinônimo de recalcar, e há uma explicação formulada à luz da Psicanálise de elementos retidos no inconsciente por terem o acesso à consciência vetado, mas que acabam encontrando alguma forma de burlar a censura e emergir.

Há uma menção acerca do que Freud (1915a) chamou de *retorno do recalçado*. No entanto, há também um distanciamento da teoria no modo como a discursivização segue, porque, reformulando o conceito de *retorno do recalçado* para explicar em síntese o seu funcionamento, diz-se que “a repressão psíquica condena com veemência tanto maior aquilo que mais se ama e se esconde, de modo que o amor recalçado emerge travestido em ódio”. De fato, a “condenação” tratada refere-se ao que Freud formula acerca da censura que veta o acesso de determinados “conteúdos” à consciência, mas não se trata exatamente de censurar o que mais se ama; parece que o mecanismo é o contrário disto.

O recalque, segundo Freud (1914), depende da avaliação que o Eu faz de si mesmo, ocorrendo naqueles cujo ideal-de-Eu foi erigido, e aqui há um lugar para os conflitos entre as moções pulsionais libidinais e as concepções culturais e éticas individuais. Trata-se, em todo caso, da tentativa da recuperação de uma completude e perfeição experimentadas na infância, com o auto-erotismo, que para tanto designa um redirecionamento da pulsão objetal para o Eu. Este investimento de pulsão objetal no Eu faz erigir um Eu-ideal, que serve como “modelo” com base no qual o Eu-atual se mede e tem sua imperfeição acusada, visto que a formação desse ideal eleva o grau e exigência favorecendo o desprazer da perfeição e completude não atingidas. O desprazer, destacamos, é a palavra chave quando se fala em recalque.

Freud (1915a) afirma que o recalque é uma forma que o Eu possui de eliminar ou evitar o que causa desprazer. No entanto, quando se fala em pulsão sexual recalçada, uma dúvida surge no que tange ao prazer relacionado à satisfação da pulsão. Como a pulsão, que gera necessariamente prazer quando satisfeita, poderia ser recalçada, considerando a associação entre recalque e desprazer? O autor elucida que ainda que gere prazer de um lado, para haver recalque, é necessário que, de outro lado, haja o desprazer, e, mais que isso, que a força que gera o desprazer seja superior à força que gera prazer. Associando, então, um ideal-de-Eu, que faz com que o Eu fique mais exigente, diremos que o rigor desse Eu-ideal facilita o desprazer de um ideal não alcançado, superando o prazer que aquela pulsão sexual satisfeita proporcionaria não fossem os conflitos entre pulsão e concepções ético-culturais atuantes na formação do ideal-de-Eu.

Dito isto, retomamos o modo como se dá na formulação 17 a justificativa sintética do funcionamento do recalque para dizer que não se trata de recalcar o que mais se ama, mas de recalcar o que gera mais desprazer que prazer, e que não se trata de uma conversão de amor em ódio, porque, segundo Freud (1915c) um e outro têm origem diferentes, e não correspondem a um par de opostos como o voyeurismo-exibicionismo, sadismo-masiquismo ou, quiçá, amar-ser amado.

Na formulação, no entanto, o ódio é discursivizado como resposta do recalque. Se sugerirmos uma relação entre este ódio experimentado e um desprazer, diremos que o recalque falhou, porque seu propósito “era tão-somente a evitação do desprazer” (Freud, 1915a, p.183). Mas ainda considerando este ódio como um afeto surgido da pulsão recalçada, relacionando-se à polaridade prazer-desprazer, conforme postulados freudianos, se o objeto contra o qual ele surge é uma fonte de desprazer, haverá uma tendência para aumentar a distância do objeto; esse ódio pode ser intensificado a ponto de tornar-se uma inclinação para a agressão contra o objeto, para destruí-lo. Segundo o autor, o “Eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele fontes de desprazer, sem levar em conta se são um obstáculo à satisfação sexual ou à satisfação das necessidades” (FREUD, 1915c, p. 160).

Retomando, na formulação 17, o posicionamento do político é discursivizado a partir de elementos do saber da psicanálise, baseando-se no “retorno do reprimido”, de modo que Severino é discursivizado como um homossexual que ataca aquilo que está nele de forma inconsciente, investindo, assim, num esforço de escamoteamento de

práticas homoeróticas, justamente para que não reflitam a homossexualidade que há em si, sob o crivo atento da censura. Além disso, a postura de Severino frente às causas L.G.B.T., ou seja, de repulsa, é discursivizada de forma semelhante aos homicídios contra homossexuais praticados por michês. Dessa forma, na discursivização dessa formulação, agredir verbalmente homossexuais com regularidade, insistir constantemente em atacar a comunidade L.G.B.T. e matar homossexuais, entre essas três possibilidades, não há uma diferença de natureza, mas de grau, visto que em todas o que ocorre é o amor inconscientemente travestido em ódio.

Considerando o que é discursivizado em 17, diremos que se trata de uma possibilidade interessante de entender o ataque aos homossexuais, referindo-se, assim, a um ataque que parte justamente de indivíduos igualmente homossexuais, apesar de o serem de forma inconsciente. Salientamos, no entanto, que essa possibilidade é reducionista, visto que implica dizer que toda agressão a homossexuais se dá por um sintoma de uma homossexualidade reprimida, o que no extremo levaria a dizer que todos os indivíduos são homossexuais, ainda que não o saibam. Este efeito de sentido produzido na formulação 17 está relacionado a outras possibilidades de explicação da agressividade que não são materializadas nessa formulação. Postulamos assim que, embora na revista seja discursivizada a possibilidade de enquadrar o agressor, no caso Severino Cavalcanti, como um homossexual enrustido, poder-se-ia discursivizar a possibilidade de que estes atos, que não deixam de ser violentos, podem ser uma reprodução da prática de um conhecimento adquirido socialmente, de modo que Severino poderia ser apenas um reproduzidor dessas práticas amplas e históricas de ataque aos homossexuais, e não um homossexual que não se reconhece como homossexual que, por efeito causado pelo recalque, ataca os homossexuais.

Dizer que quem ataca homossexual é também homossexual, ainda que o agressor não se identifique nesse lugar, em sua natureza extrema, implica dizer que o agressor é “igual” ao agredido, o que é muito problemático se formos variar no exemplo, a fim de confirmar ou refutar a regra. Há quem deflagre seu ódio exclusivamente contra mulheres. Não podemos, no entanto, dizer que o agressor exclusivamente é ou deseja ser uma mulher. Não podemos inferir também que quem ataca somente negros seja também negro, ou desejaria sê-lo. O mesmo caso para quem agride exclusivamente judeus, obesos etc.. Isto posto, ratificamos que não descartamos a possibilidade da justificativa, que encontra, em alguma medida, explicações num saber psicanalítico, de

que um agressor de um homossexual pode ser um homossexual, mas é demasiado reducionista imaginar que toda agressão tenha a mesma e “simples” justificativa, como se fosse tudo muito transparente.

Dando continuidade às análises, na discursivização de 18, a postura homofóbica é justificada pelo ressentimento. Ocorre o ressentimento porque há no outro algo condenável, ou, principalmente, porque o outro vive sem conflito com o que é conflituoso para o agressor, que, por isso, ataca. Nas formulações 18 e 19, o ressentimento é destacável como causa da homofobia e há, como se pode verificar, uma lógica no funcionamento que é a seguinte: se é proibido e, por isso, eu não posso/devo, mas mesmo assim o outro pratica, preciso fazer com que o outro pare. Assim sendo, é quase uma questão de isonomia. Com relação a essa questão, Borrillo (2009) afirma que a homofobia não se reduz a constatar a diferença, ela também tira suas conclusões materiais, de modo que, se ser homossexual é pecado, é natural que homossexuais sejam moralmente punidos; se é crime, penalizar o infrator também é um movimento necessário. Assim foram justificadas a purificação pelo fogo inquisitório e o extermínio nazista. E, baseados nisso, a Frente Evangélica e outros conservadores dificultam a aprovação da PLC 122/2006, que criminaliza a homofobia, alegando que isto fere o direito de expressão, isto é, de expressar-se inclusive em nome de Deus contra as práticas homossexuais e contra os próprios indivíduos aí categorizados.

Na formulação 19, bem como em 17, a violência praticada contra homossexuais parte de um outro discursivizado como homossexual reprimido, com a justificativa à luz, de algum modo, do que fora formulado por Freud (1915a) sobre o *retorno do recalado*. O que em 19 se chama “ímpeto” não contido associa-se ao “conteúdo” recalado que escapa da censura do consciente e se apresenta por meio de sintomas ou afetos. Na formulação 19, percebemos um outro afastamento da teoria psicanalítica: diz-se que o homossexual não consegue conter este ímpeto, dando ao indivíduo a responsabilidade de manter a censura, quando, segundo a teoria, não é o homossexual, mas o próprio dispositivo de recalque que falha ou diminui a energia direcionada para que haja o recalque e permite, assim, que o conteúdo se aproxime da consciência, ou que encontre formas de satisfação diversas e distantes da meta inicialmente estabelecida.

A passagem “desejo recalado desloca-se no inconsciente até emergir no seu oposto, o ódio assassino – como maneira de se aproximar do amor proibido” também é problemática no que diz

respeito a um suposto par de opostos entre amor e ódio, que apesar de se relacionarem ao que Freud (1915c) chamou de *inversão de conteúdo*, não têm a mesma origem. O ódio é discursivizado como forma de se aproximar do amor proibido, mas, poderíamos dizer, seria uma forma de buscar a satisfação, de atingir uma meta, ainda que diversa da meta primeira, reatualizando uma das características da pulsão sexual: ser vicária.

Semelhante ao que ocorre em 17, há um elemento que marca uma posição que rejeita os homossexuais na formulação 19. Este elemento é o fanatismo religioso, que resulta em práticas violentas a partir do ressentimento. Tais práticas são justificadas pelo “*retorno do recalado*”, aqui sinônimo do “retorno do reprimido” que verificamos na formulação anterior. Sobre o recalque, Freud (1915a) o compreende como em três momentos. O primeiro momento seria o do “*recalque originário*”, que não incide, sobre a pulsão, mas em seus “representantes”, ocorrendo então uma “fixação”, que cria um núcleo inconsciente funcionando como um pólo de atração a ser exercida sobre outros elementos a recalcar. O segundo momento, o do “*recalque propriamente dito/a*”, dá-se de forma posterior, ocorrendo por uma associação de algum modo feita com o conteúdo recalado originalmente aliando a isso uma atividade de censura do consciente. Por último, o terceiro momento, o “*retorno do recalado*”, sob a forma de sintomas, sonhos, atos falhos etc.. A violência de que trata a formulação 19 é um desses sintomas de um conteúdo reprimido que, por falha do recalque, não pára de produzir esse tipo de “afeto” e de descarga pulsional.

Há, neste mesmo funcionamento de recalçamento e afeto produzido, também em 19, o ódio como resposta ao amor proibido, aparecendo a metáfora do espelho, a partir da qual discursiviza-se, em 19, que os homossexuais são eliminados porque refletem no seus eliminadores o que é motivo de rejeição, a própria homossexualidade. Em 19, discursiviza-se também apenas a diferença de grau que há entre o fanatismo religioso e seus efeitos homofóbicos e a agressão física contra homossexuais, agressão esta que tem a mesma justificativa de extirpação daquilo que reflete o que não se quer ver, tampouco que seja visto, que poderíamos relacionar a um efeito majorado da censura da qual falamos anteriormente.

A dinâmica da conversão do amor em ódio é, mais ou menos, assim detalhada em 17 e 19: dá-se por meio da emersão de elementos lançados no inconsciente e lá recalcados por serem proibidos. Esse amor, no entanto, por sua proibição, surge

travestido em ódio, que é a condição de seu re-aparecimento, condição também de contato com o que é interdito.

Quando Freud (1915c) trata da inversão de uma pulsão em seu contrário, trata especificamente da inversão da atividade em passividade, por exemplo, como o que ocorre na inversão do sádico para o masoquista, ou da escopofilia na relação entre o voyeurismo e o exibicionismo. A respeito do amor e ódio, não seriam exatamente “pares de opostos”. Freud (1915, 1923) não considera que se trate, neste caso, de inversão, apesar de genericamente chamar de “*inversão de conteúdo*”.

Menos que sobre a “*inversão de conteúdo*”, que se relaciona à natureza da pulsão de vida e pulsão de morte, o que se discursiviza como amor travestido em ódio diz respeito aos sintomas de um conteúdo recalçado, no caso, a homossexualidade. O fato de desejar sexualmente homens, sendo reprimido, apresenta-se como sintoma contrário ao amor, que seria o ódio.

Assim como em 17 e 19, na discursivização da revista, em 20, os agressores de homossexuais são também homossexuais que agridem por problemas com uma censura exercida contra a homossexualidade. Na formulação 20, o ódio é discursivizado como uma forma de “compensação” pela proibição, e aqui podemos ver em funcionamento um redirecionamento da meta desta pulsão, que, por ser pulsão, quer a satisfação. A compensação, poderíamos dizer, trata-se de uma forma de escoamento desta pulsão que teve vetada a sua possibilidade de satisfação direcionada a determinado objeto, mas que vai encontrar formas outras de atingir a meta, ainda que muito distantes e, nesse caso, sem vínculo aparente como um pulsão e objeto sexuais. A violência, então, seria outra forma de utilização dessa energia pulsional, além daquela já utilizada no próprio processo de recalque. Retomando de certa forma o que dissemos, quando comentamos a respeito de um ideal-de-Eu erigido sob influência de padrões ético-culturais e o recalque, conforme Freud (1914), observamos que a homossexualidade seria causadora de desprazer, de modo que sua existência deve ser controlada de algum modo, a fim de não trazer malefícios ou pelo menos não causar desprazer ao Eu.

Ainda em 20, são discursivizados, então, como inimigo dos homossexuais alguns personagens que se propõem como moralizadores: os do Congresso, aqui funcionando a atualização do que houve em 17 sobre a posição política contrária ao movimento L.G.B.T.; os moralizadores religiosos; os teóricos anti-homossexuais; bem como os assassinos de homossexuais. Produz-se aqui o efeito de, no máximo, uma diferença em

relação aos instrumentos por meio do quais se agride – do púlpito a facadas – mas a natureza discursivizada é a mesma: trata-se de homossexuais enrustidos que odeiam a homossexualidade interior que os outros homossexuais fazem refletir e, por isso, cada uma a sua maneira, quer livrar-se do que vê no espelho.

A agressão física discursivizada como sintoma de enrustimento aparece também na formulação 21. De forma genérica, em relação ao que se chama de violência, discursiviza-se a violência praticada contra outrem como tentativa de assegurar a própria masculinidade, masculinidade esta periclitante. Na formulação 22, reformulação do que já aparece nas demais formulações, é discursivizada a relação entre o amor censurado e o ódio, agora como equivalentes do erótico reprimido e do tanático. Segundo Freud (1915c, 1923), ainda que se relacionem, amor e ódio são afetos de pulsões distintas. Diferente das formulações 17 e 19, que discursivizam uma conversão de amor em ódio, como se tivessem uma mesma origem, a formulação 22 aproxima-se mais do que Freud (1915c, 1923) afirma, isto é, que há uma relação entre amor e ódio, mas que não exatamente uma alteração na qualidade do afeto, pois a relação é antes entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Em 22, ainda, discursiviza-se sobre a sublimação da homossexualidade. Por sublimação, entende-se a possibilidade plástica da pulsão em relação à sua meta de satisfação, ou seja, quando a procura por satisfação sexual busca formas alternativas de satisfazer-se, a ponto de muitas vezes não ter de forma manifesta no resultado final uma relação com objetivos sexuais. Segundo Freud (apud LAPLANCHE, 1998), a sublimação pode ocorrer sem que haja diminuição da energia sexual, sendo, pois, característica da pulsão sexual a possibilidade de troca na meta sem que ocorra a diminuição da intensidade.

A sublimação discursivizada como sublimação da homossexualidade, em 22, funciona como outra forma de satisfação tão intensa quanto é a própria pulsão sexual. Ocorre por meio de atos violentos contra os próprios homossexuais, na tentativa de descarregar, ainda que de forma distorcida, a energia destinada à meta sexual, mas que só pode, por efeito do recalçamento, apresentar-se por meio de formas distanciadas do conteúdo censurado pela consciência.

Na rede de formulações-reformulações de 16 a 22, verificamos a regularidade do funcionamento de posições de sujeito, cujo saber nos aponta para o campo da

psicanálise, para explicar os ataques diversos exercidos contra os homossexuais, havendo entre estes ataques uma diferença de grau, mas não de natureza.

O lugar da Psicanálise não está reduzido a elementos linguísticos isolados, mas atravessa as formulações de modo que uma análise linguística seria insuficiente para mostrar o funcionamento que extrapola os elementos separados, tendo seu efeito de sentido justamente no conjunto durável da memória discursiva. Apesar disso, alguns elementos linguísticos indicam a posição da qual se enuncia elementos do saber psicanalítico, da qual falamos, e, para ressaltar esse lugar, destacaremos os termos e expressões que mais escancaradamente sinalizam esta posição.

A Psicanálise baseia-se sobretudo no estudo do inconsciente humano, de tal modo que a própria palavra “inconsciente” remete ao lugar teórico no qual ela é cunhada e majoritariamente discutida. Não é motivo de surpresa, então, que o termo “inconsciente” esteja materializado em 17 (duas ocorrências), 19, 20 e 21 (uma ocorrência em cada uma), seja em seu caráter descritivo, seja de forma mais sistemática, sendo esta última, nos escritos de Freud (1915 b), graficamente diferenciada como Ics..

Além do “inconsciente”, a forma como se discursiviza a homossexualidade também traz indícios do lugar de onde se fala, como em “homossexualidade reprimida”, “homossexualidade sublimada”, ou ainda em outras passagens nas quais se lê “retorno do reprimido”, “amor travestido em ódio” e “retorno do recalado”.

3.4.2 A homofobia do “meio”

A homofobia realizada entre membros da comunidade L.G.B.T., isto é, exercida e sofrida por/contra eles mesmos é discursivizada em *G* em diversas de suas seções. Observemos as expressões destacadas em negrito na rede formulações-reformulações de 23 a 34:

(23) A sociedade, de um modo geral, discrimina gays, mas descubro que ainda **pior é o preconceito que os homossexuais têm de si mesmos**. Queremos tanto ser respeitados e aceitos, mas, **quando estamos no nosso meio, julgamos a todos** que, como nós, precisam tanto de apoio e aceitação (Edição 47, agosto de 2001).

(24) **O preconceito que existe em nosso meio é o maior veneno que engolimos todos os dias**. Acredito que nunca vamos ser respeitados e

aceitos, enquanto não descobriremos que esse milagre começa dentro de nós mesmos (Edição 47, agosto de 2001).

(25) **Sem medo de dar pinta.** De todos os personagens da cultura gay, o **efeminado talvez seja o mais exposto ao preconceito. A começar pela própria comunidade**, que o vê como um ser inconveniente. Um **preconceito que só divide e nada acrescenta à já difícil luta contra a discriminação** (Edição 43, abril de 2001).

(26) Então eu digo que **essas paradas, essa parafernália toda de Orgulho Gay só vai ter sentido, de verdade, quando a própria comunidade homossexual começar a fazer justiça dentro do nosso próprio meio. Só assim, sabendo respeitar as pessoas como seres humanos, haverá justiça e igualdade** (Edição 60, setembro de 2002).

(27) Portanto, vamos começar a pensar que formamos uma força, uma força única, e que somos iguais em nossa diferença. **Gays, travestis, lésbicas, pintosas, enfim, vamos parar com essa Nova Guiné modernista. Vamos acabar com a antropofagia entre tribos** (Edição 60, setembro de 2002).

(28) Hoje em dia, **ser desmunhecado desperta horror em grande parte dos homossexuais masculinos. Trata-se de um rechaço contra o estereótipo** (Edição 65, fevereiro de 2003).

(29) A grande contradição é que **ficamos reféns dos nossos próprios preconceitos e nos preocupamos com a imagem que as bichas abusadas e travas vão passar de nós, sapatas e bichas normais. Reproduzir esse discurso é justamente aceitar o jogo chantagioso de quem, em outros momentos da História, levou-nos para o calabouço e que, agora, quer nos controlar. [...] Vamos deixar de nos preocupar com qual imagem vamos nos mostrar. Se for bicha, mona, sapatão, executiva, sapatilha, alice ou elza, isso não faz a menor diferença** (Edição 68, maio de 2003).

(30) No esforço de não desmunhecar, seus gestos estavam rígidos, controlados, calculados. [...] A bicha fina [discreta, musculosa, que usa roupa de grife e faz carão] tenta afirmar fora de si alguma coisa frágil dentro de si. Em resumo: não gosta do que é. **Trata-se de uma velha conhecida, causa de todo conflito de aceitação: a homofobia** (Edição 89, fevereiro de 2005).

(31) **Por que bibas implicantes têm, de vez em quando, que falar mal das lésbicas e por que as sapatas mal humoradas precisa meter o pau (no mau sentido) nos gays? [...] A rivalidade entre gays e lésbicas é um dos clichês mais horrorosos que existem em nosso meio. Se pensarmos bem, essa rivalidade só serve para nos dividir, separando mundos e enfraquecendo a ação que poderíamos ter em conjunto** (Edição 91, abril de 2005).

(32) **Mas de que adianta assumir sua homossexualidade se às vezes somos homofóbicos com algumas pessoas que têm a mesma orientação sexual que a nossa?** (Edição 110, novembro de 2006).

(33) **Vale lembrar que grande parte dos heterossexuais ainda acha que nós viados somos anormais, por nos desviarmos da norma (deles). E agora estamos aplicando aos outros o mesmo raciocínio discriminatório aplicado a nós** (Edição 122, novembro de 2007).

(34) Hoje, **revela-se no meio homossexual uma insistente preocupação em rechaçar personagens efeminados**. O motivo é contrapor-se à mídia que confunde homossexual com boneca. É, de fato, uma crítica justa e uma reivindicação válida. Mas **será que deveremos extirpar da vida e das representações qualquer personagem que desmunheque? Em outras palavras, é proibido aos homossexuais desmunharem?** Essa não é uma hipótese absurda. **O meio homossexual, atualmente, está cheio de gente que odeia tudo que possa cheirar efeminação**. Uso o termo “odiar”, pois é exatamente o que se faz. **Muito viado prefere cruzar com o diabo e não com uma bicha desmunhecada**. Sem falar do novo **preconceito aí embutido, a contrapartida é construir artificialmente o personagem do “guei bofe”**, sonho de 8 entre 10 viados (Edição 123, dezembro e 2007).

Nas formulações 29 e 33, é discursivizado o preconceito contra o qual se luta em relação ao que se pratica no meio homossexual. O funcionamento é o mesmo: diagnosticar a diferença que faz do outro inferior, anormal, anti-natural. Essa postura homofóbica, quando praticada entre membros de uma mesma causa, reforça justamente o funcionamento estratégico da homofobia manifestada fora do meio, sendo incoerente e irracional, portanto. Da posição sujeito em funcionamento nessas formulações enuncia-se contrariamente ao raciocínio discriminatório exercido de gay para gay, que é uma forma de controlar para que não haja desvios na norma, que por isso em nada difere do praticado pelos ditos “normais”.

Em 23, 24, 26, 27, 31 e 32, reformulados de diversas maneiras, atualiza-se o sentido de que “sem união não há força”. Na rede, é discursivizado o preconceito que é exercido dentro do próprio meio homossexual, isto é, de homossexual contra homossexual. Essa forma de preconceito é discursivizada em 23 como mais grave que outras exercidas de fora do grupo. Por serem praticadas entre os homossexuais justamente o que deve ser combatido, estas práticas enfraquecem a luta pela aceitação da diversidade sexual.

Não exclusivamente, visto que é um efeito que se pode ver na rede, mas, de forma, digamos, mais acentuada, as formulações 23 e 24 atualizam um sentido que circula também sobre o que se diz acerca de outros grupos minoritarizados, a exemplo dos negros. Diz-se: o negro é o que tem mais preconceito em relação a si mesmo. Não vamos discutir esta afirmação, mas queremos mostrar que se trata da reformulação de um mesmo princípio, que em 23 é reformulado como o pior preconceito sofrido pelos homossexuais é o “o preconceito que os homossexuais têm de si mesmos”, em 24, “o preconceito que existe em nosso meio é o maior veneno que engolimos todos os dias”. No jogo de uma memória discursiva que permite a associação entre o que se diz, por exemplo, sobre negros e

sobre homossexuais, poderíamos dizer se tratar de um atravessamento de sentido comum aos dois casos.

Parece-nos que, por exemplo, a ideia de que os negros são quem mais discriminam a si mesmos vincula-se a um discurso cujos sujeitos não se identificam com a questão de militância negra. Entretanto, chamamos atenção para o fato de que este reconhecimento de que algo internamente ao movimento homossexual falha, e que é um problema talvez maior que as dificuldades externas é formulado pelos “próprios homossexuais”, considerando que este discurso está materializado numa revista que “fala” por/para este público.

Em 24 e em 23, essa homofobia praticada entre os L.G.B.T. enfraquece o movimento que visa ao respeito e à aceitação. Em 27, é discursivizada a falta de consciência, no sentido de alienação, que é em conjunto que se pode alcançar objetivos em prol da causa L.G.B.T., o que faz com que “Gays, travestis, lésbicas, pintosas” devorem-se simbolicamente. Nessa formulação, a “antropofagia entre tribos” é indicada como sinal de pouca coesão no movimento homossexual. “Antropofagia”, neste caso, não remete à assimilação do que genuinamente pertence a um grupo, a exemplo do que diziam os primeiros modernistas brasileiros em sua tendência ufanista, numa fome que era, sobretudo, a valorização do que é próprio. A memória é, antes, a de um canibalismo propriamente dito, que implica disputa e violência contra outro grupo que se quer subjugar, ou devorar, não para assimilar o que de bom há no que é ingerido, mas como forma de dar cabo àquela existência “concorrente” e inferior. Também o que se materializa em 31 considera que essa disputa interna enfraquece o que poderia ser forte se coeso.

Nas formulações 26 e 32, identificamos o funcionamento de uma posição de sujeito em que ocorre a contra-identificação simbólica com a posição em que a revista se identifica. Conforme Pêcheux (1975), no funcionamento da contra-identificação, o sujeito da enunciação se volta contra o movimento de filiação da evidência dos sentidos, distanciando-se, questionando as filiações de sentido no periódico: põe-se em dúvida a validade que “parafernalias de Orgulho Gay” e assunção da homossexualidade tenham, quando há ainda, interno ao grupo, aquilo contra o que se luta, ou dever-se-ia lutar externamente: o preconceito.

A formulação 25 também discursiviza sobre o preconceito que “divide e nada acrescenta à difícil luta contra a discriminação”, com o diferencial de especificar a que parcela

da comunidade é destinada a maior parte do preconceito exercido contra os homossexuais: os “efeminados”. Em 28, o homossexual homem mais feminino também é alvo de críticas que partem de outros homens homossexuais mais masculinos. Em 30 e em 34, o “esforço de não desmunhecar”, isto é, de não ser semelhante ao personagem tipicamente alvo de chacotas e críticas faz com que homossexuais adotem comportamentos mecânicos e artificiais, a fim de se enquadrarem no padrão mais aceitável de homossexuais: a “bicha -fina” indicada linguisticamente em 30 ou o “guei-bofe” indicado em 34.

Nas formulações 25, 28 e 34, mas, sobretudo em 29, há um vínculo entre o que ocorre com os atos violentos praticados pelos enrustidos-homofóbicos, que vimos em seção anterior, e as agressões L.G.B.T. contra o homem homossexual mais feminino, e este elo se dá pelo tom psicanalítico com que se discursiviza tais práticas. Assim como já mostrado na discursivização de redes anteriores, o enrustido quer acabar com o outro que serve de espelho no qual ele se vê ou teme ver refletido o que é para si desonroso e inaceitável, isto é, a própria homossexualidade. O rechaço ao estereótipo do gay “efeminado” praticado pelos próprios L.G.B.T. também quer extirpar em si o que é motivo de preconceito social, ou seja, a descaracterização do homem por seu aspecto “masculino”, ou seja, a efeminação ou o medo de não parecer “macho”, que no campo da psicanálise pode ser entendido por meio da metáfora da castração, e, mais especificamente, pelo medo da castração.

Novamente, a psicanálise parece oferecer um caminho plausível para a justificativa, mas aqui também devem ser consideradas outras possibilidades de justificativas. A valorização do masculino em homens e do feminino em mulheres é culturalmente aprendido. Dessa forma, nos discursos que circulam na sociedade, é positivo o homem ser masculino e negativo o homem ser feminino. O modelo para a rechaça praticada contra homens femininos, assim, teria uma raiz social num padrão que se faz durável pelo aprendizado acerca do inaceitável, que seria a feminilidade em homens. Os homossexuais homens e masculinos sofrem de um preconceito pautado, sobretudo, na “problemática” da sexualidade⁴², enquanto os homens homossexuais femininos somam ao preconceito de sexualidade o preconceito de gênero.

⁴² Entendemos que, socialmente, há uma associação entre a homossexualidade de homens e uma feminilidade compulsória, de modo que qualquer homossexual homem poderia sofrer, por pressuposição, um preconceito de gênero, ainda que estivesse de acordo com os padrões culturais – se homem,

Observamos, então, que o preconceito praticado por homossexuais homens mais masculinos contra os homens homossexuais mais femininos é o que caracterizaria uma violência de gênero, tomando gênero no sentido que consideramos neste trabalho. O fato de ser homem e o fato de ser homossexual não podem ser as razões mais evidentes que justificam o ato violento, visto que, nestes casos, tanto agressor quanto agredido ocupam os mesmos “lugares”, o que os diferenciam é o gênero em suas gradações, isto é, se são mais ou menos masculinos ou femininos. Somente faz sentido falar num preconceito dessa natureza porque é sócio-culturalmente determinado que um sexo possui um modo de ser diferente do seu oposto, de modo que o masculino estaria para o homem assim como o feminino estaria para a mulher. Vemos que dessa relação fica de fora a também distorcida, mas vigente socialmente, concepção de que o homossexual, se homem, é mais feminino que um homem heterossexual. Na perspectiva em que há identificação com a hierarquização dos comportamentos, estando o masculino no ápice e o feminino na base, apesar de não se tratar exatamente de sexo, mas de gênero, vemos o funcionamento de um discurso machista, com o qual *G Magazine* se contra-identifica.

No preconceito praticado por homens homossexuais mais masculinos que femininos contra homens homossexuais mais femininos que masculinos, ocorre uma manipulação das categorias para que o ato discriminatório seja justificado conforme o interesse do agressor, assemelhando-se, no entanto, no modo como a diferença é deslocada e compreendida enquanto motivo forjado para a violência.

Na memória discursiva em que se pode identificar a posição de sujeito materializada na rede de formulações-reformulações analisadas, que têm uma função pedagógica de esclarecimento/ensinamento, não é permitido que um grupo, que sofre por ser homossexual, possa deflagrar contra um pseudo-segmento dentro do próprio grupo a mesma lógica agressiva da qual os agora agressores são também vítimas: a intolerância frente o diferente.

masculino. No entanto, como estamos tratando de um preconceito que ocorre dentro do próprio meio gay, onde a bipartição de gay masculino e gay feminino se dá enquanto marcadora da diferença em seu efeito hierarquizante, dizemos que o preconceito sofrido por um gay mais feminino no meio homo é de gênero, e que, fora deste meio, por ser um modo menos “silencioso” de comportamento, considerando que causa ruído o que destoa da norma estabelecida, o homem homossexual mais feminino sofre de um preconceito somativo, que é menos comum aos homens gays mais masculinos, que são mais aceitos pela discrição.

3.4.3 A homofobia internalizada

Um terceiro tipo de homofobia é o que se chama de homofobia internalizada. A rede de formulações-reformulações abaixo exemplifica como esse tipo é discursivizado em *G Magazine*.

(35) O mecanismo é mais ou menos assim: **como você se consola fazendo o papel de vítima, então oprime a si próprio, para ser ainda mais vítima. Daí porque o enrustimento costuma ser o pior inimigo das bichas, pois trai o seu amor, que deveria ser a parte mais verdadeira do ser humano.** (Edição 33, junho de 2000)

(36) Assim como a homofobia está introjetada na cabeça das pessoas graças a séculos de preconceito, **a culpa e o medo se instalaram quase inconscientemente nos homossexuais** (Edição 49, outubro de 2001).

(37) **A exclusão que sofremos era tanto mais internalizada quanto mais fragilizados/as estivermos.** Num site gay de ex-Testemunhas de Jeová, li o testemunho de **um rapaz religioso que passou anos sentindo nojo de si próprio, a ponto de não poder se olhar no espelho. Era gay e não aceitava**, controlado pelas normas homofóbicas de sua religião. Só não se matou porque recebeu ajuda de outros que sofreram o mesmo problema antes. **O que esse rapaz sentia tem um nome: culpa, provocada por uma interferência externa que o mobilizava contra si mesmo, fazendo-o sentir-se pecador. A culpa tem um poder diabólico: ela é autodestrutiva, pois instaura uma guerra civil dentro da gente** (Edição 54, março de 2002).

(38) Em nosso caso, **o problema aumenta quando a homofobia social passa a ser internalizada pelo indivíduo, criando uma ruptura no eu, em luta consigo mesmo** (Edição 63, dezembro de 2002).

(39) Nesse contexto, **a homofobia existe não apenas em heterossexuais preconceituosos. Ela é um projeto tão fortemente implantado que muito comumente se internaliza na própria cabeça de homossexuais. Imaginemos que tem como parâmetro aquilo mesmo que nega sua pessoa. Isso cria enormes conflitos em enrustidos. Por sua ampla implantação, a homofobia internalizada parece uma epidemia. O ódio contra si mesmo é comum num grande número de homossexuais [...]** (Edição 64, janeiro de 2003).

(40) Também conheço **desmunhecados ressentidos e neuróticos, que desmunhecam como uma maneira de agredir o seu entorno e, no limite, de se auto-punir, pois sua desmunhecação generalizada visa atrair sobre si a ira das pessoas que se sentem agredidas. Existem muitos homossexuais que desmunhecam como resultado de baixa auto-estima** (Edição 65, fevereiro de 2003).

(41) **Na homofobia internalizada por tantos gueis em conflito, o ressentimento se volta contra si mesmo. A face mais exposta desse ressentimento defensivo é o vitimismo: você se faz vítima para dar sentido ao seu ressentimento. Conheço tentativas de suicídio, após finais de caso, com base no ressentimento – como forma perversa de punir o outro** (Edição 119, agosto de 2007).

(42) **Um dos grandes problemas que rondam a vida psíquica de homossexuais é o ressentimento. [...]. O ressentimento mantém**

reiteradamente a memória da mágoa sofrida. Nesse casos, é comum o/a discriminado/a acabar cultivando o vitimismo como forma psicológica de se defender – quando utiliza de modo sistemático um fator negativo como recurso de sobrevivência (Edição 142, julho de 2009).

(43) No vitimismo, não há nenhuma perspectiva de crescimento de consciência, pois o sujeito-vítima faz tão-somente uma manipulação da injustiça sofrida, com a finalidade de manter o *status quo* de vítima. Promovendo uma distorção, talvez porque a vítima não tenha condições de reagir à altura ou de contextualizar a injustiça de modo a lutar contra ela e superá-la com seu amor próprio. Na verdade, o vitimismo é uma tentativa equivocada de reação. Quando sua identidade sofre graves discriminações, o/a discriminado/a passa a cultivar essa ferida como forma de garantir algum tipo de identidade menos periclitante, ainda que dolorosa. O estado de vítima deixa então de ser um fator circunstancial para se tornar parte integrante da personalidade. Ao se proteger detrás do vitimismo, a vítima não só se defende, mas também pode, muitas vezes, brandir sua desvantagem como forma de se impor, que dizer, de atacar (Edição 142, julho de 2009).

A rede de formulações-reformulações de 35 a 43 marca, a partir da categoria de Borrillo (2009), o que é considerado homofobia internalizada em *G Magazine* e qual o funcionamento do vitimismo, característico da assimilação da homofobia produzida-reproduzida pela sociedade.

A formulação 35, por exemplo, indica o mecanismo por meio do qual o vitimismo se instaura, isto é, por um insistente investimento nesta posição de vítima, discursivizada como uma forma de trair a verdade de si, isto é, o amor. Nessa formulação, diferente do que vimos na seção em que tratamos da violência praticada contra outros homossexuais que tem no enrustimento o efeito de um desconforto com a sexualidade ou o medo de apresentar tal desconforto, o enrustido é aquele que se vitimiza em detrimento da própria vida. Em 36, é discursivizado que essa instalação da homofobia, isto é, do medo e da culpa, ocorre no nível do inconsciente. Nessa formulação, além da homofobia internalizada pelos homossexuais, a homofobia praticada por outras pessoas também se dá neste mesmo nível. Em 37, a introjeção da exclusão é discursivizada como proporcional ao grau de fragilidade apresentado pelo indivíduo. A assimilação da homofobia, que resulta da culpa que o indivíduo sente, tem como efeito uma guerra psicológica, e, como toda guerra, inclui efeitos destrutivos. Por ser travada internamente, apresenta efeitos autodestrutivos, como o nojo de si próprio.

Em 37, reaparece a luta consigo mesmo como uma ruptura no eu, ruptura esta causada pela internalização da homofobia social⁴³.

As expressões “guerras internas”, como pode ser observado em 37, “rupturas no eu”, indicado em 38, ou “interior da cabeça”, assinalado em 39, apontam o que ocorre no inconsciente, assinalando um atravessamento de um saber psicanalítico na posição sujeito da qual se enunciam efeitos nocivos dessa assimilação praticada contra si. A homofobia internalizada, em 39, deflagra-se por meio do ódio contra si mesmo, e é discursivizada como recorrente entre homossexuais.

Em 40, é discursivizado o ressentimento aliado à neurose para explicar uma forma de defesa por meio da “desmunhecação”. Nessa formulação, desmunhecar é discursivizado como uma forma de agredir os outros, ou ainda uma forma de auto-punição. Neste segundo caso, a “desmunhecação” seria uma maneira de penitenciar-se, porque teria como objetivo atrair contra si a homofobia de pessoas preconceituosas. Em 41, reaparece o “ressentimento defensivo” que resulta em efeitos negativos contra o próprio indivíduo ressentido, como suicídios que têm como objetivo punir outrem utilizando práticas contra si. O ressentimento, nessa formulação, é cultivado e apoiado no vitimismo.

Na formulação 42, discursiviza-se sobre a incidência de conflitos pessoais entre homossexuais, que têm como causa os problemas com a homofobia internalizada. Como em 41, a internalização é explicada por meio do ressentimento, ou seja, por via da ruminação de uma mágoa sofrida. O vitimismo aparece como efeito, então, desse ressentimento que causa a assimilação da homofobia, e é discursivizado como modo de se defender, sendo, portanto, o vitimismo uma forma defensiva de natureza psicológica.

Essa mesma tentativa de reação reaparece em 43, e, assim com em 40, além de ter como razão de ser a auto-defesa, ainda que de um modo distorcido, apegar-se à injustiça sofrida para justificar o lugar de vítima é discursivizado como uma forma de atacar, tendo como arma de ataque justamente a própria desvantagem. Além disso, identificar-se com a posição de vítima significa apegar-se a uma forma identitária que funciona como um lugar de pertencimento.

Em toda a rede, de 35 a 43, identificamos o atravessamento de um discurso próprio do campo da psicanálise. Esse saber é mobilizado para explicar as causas, os

⁴³ Não se trata do conceito formulado por Borrillo (2009), mas de práticas discriminatórias cujo motivo é a intolerância sexual, e que são praticadas além de si, pela sociedade. De outra maneira, homofobia social aqui é par oposito de homofobia internalizada, sendo aquela condição necessária para o surgimento desta.

meios, e os efeitos da homofobia internalizada. O funcionamento dessa posição é regular em *G Magazine*, mas diferencia-se no modo como se apresenta nas redes que tratamos em seções anteriores a esta, porque, ao contrário do que acontece com os “enrustidos violentos” e na “homofobia do ‘meio’”, o que ocorre na homofobia internalizada é uma violência efetivada contra si mesmo, que se dá por conta de uma influência que é externa, e, mais precisamente, por uma inadequação pessoal frente a um ideal forjado à sombra de uma norma social que regula a sexualidade e o gênero.

Em comum com as outras formas de homofobia, então, há o fato de que em todas elas há uma influência externa que acaba por “formar” o homofóbico enquanto agente e a homofobia enquanto ato. Isto é, há uma internalização de “um social” em todas as formas de homofobia, de modo que não são discursivizados na revista, por exemplo, questões sobre predisposições genéticas para a violência; questões sobre o inatismo, cedendo lugar a sempre uma forma de assimilação, que é explicada por um campo de saber que diz sobre as instâncias psíquicas que, como dissemos, não deixam de considerar o externo como decisivo. Nessa rede, o saber da psicanálise é deslocado, produzindo sentidos específicos em *G Magazine*, com sua causa “própria” e especificidade de público.

A homofobia internalizada, em sua singularidade, difere-se das demais discursivizadas em *G Magazine* porque não é justificada pelo mecanismo de atribuir ao outro o lugar da diferença, diferença esta que justifica o preconceito contra os anormais, isto é, os fora da norma. No caso da homofobia internalizada, então, não é o outro marcado como diferente, mas o próprio indivíduo que se reconhece enquanto anormal. Em suma, seria assim: eu sou o diferente, sou o único diferente e tenho culpa por isso. Uma diferença capital, portanto, é que, ao invés de ser a revolta deflagrada contra o outro, ela é disparada contra si mesmo, numa auto-punição, pela contra-identificação simbólica desse lugar.

3.5 Psicanálise e *G Magazine*

No final do século XIX, a publicação de a “Interpretação dos Sonhos”, de Freud, data o nascimento da Psicanálise. Como resultado de uma época, e destacamos o século XIX e o nascimento de patologias do corpo e da mente, a Psicanálise traz o conceito de

inconsciente, formula sobre a sexualidade e sobre suas perversões, propondo um modo diverso de analisar o homem.

A perversão, segundo a Psicanálise, diz respeito exclusivamente à sexualidade. Perversos eram considerados aqueles que tinham desvios em relação ao ato sexual “normal”, ou seja, todos aqueles que não circunscreviam suas práticas sexuais à penetração genital com alguém adulto do sexo oposto, consideradas como a norma. Assim, os desviantes eram considerados praticantes de “homossexualismo”, pedofilia, bestialidade, ou qualquer um que obtivesse prazer sexual por meio de coito anal, por exemplo. Além disso, eram considerados perversos⁴⁴ os que submetiam seus orgasmos a condições voyeurístico-exibicionistas, sádico-masoquistas, de travestismo, de fetichismo etc..

A homofobia em *G Magazine*, considerando as práticas discursivizadas no periódico, é associada ao funcionamento do sistema psíquico e, sobretudo, à censura e seus efeitos. Retomando as categorias de Borrillo (1999), a homofobia individual e a social seriam sintomas de um desejo reprimido, que por necessitar escoar de alguma maneira, acaba encontrando na violência uma forma de satisfação, reatualizando o que Freud (1920) afirma acerca da plasticidade das pulsões libidinais. Trata-se, conforme é discursivizado na própria revista, do retorno do conteúdo reprimido/recalcado, que encontra na agressividade deflagrada contra os homossexuais uma forma distorcida de descarregar a energia libidinal de algum modo censurada. A violência ainda é tratada em termos de *conversão de conteúdo*, isto é, do amor em ódio, pondo em jogo duas pulsões, a de vida e a de morte, respectivamente.

Em *G Magazine*, identificamos, pois, o funcionamento de posições de sujeito, atravessadas pelo saber do campo da psicanálise para explicar a homofobia em diversas de suas formas. Há uma seleção de alguns dos conceitos e categorias cunhadas nesse campo não para explicar a homossexualidade ou categorizá-la enquanto perversão, mas para entender os mecanismos inconscientes que levam à homofobia.

Conforme Foucault (1971), a disciplina, enquanto princípio de rarefação de discurso, trata da possibilidade de produzir formulações novas, mas é justamente limitadora porque, apesar de produtiva, exige que determinada formulação nova seja

⁴⁴ Verificar em Freud (1905), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, sobre a normalidade e a perversão.

produzida em um campo específico delimitado. Assim, com base em Canguilhem, o autor afirma que para se produzir uma nova proposição é preciso que ela esteja numa base de verdade, isto é, que possa se inscrever em determinado horizonte teórico.

Ao tratar do necessário preenchimento de “exigências complexas e pesadas para [que se possa] pertencer ao conjunto de uma declarada disciplina” (Foucault, 1971, p. 34), o autor afirma que as proposições de Mendel, por não estarem “no verdadeiro” no qual se apoiava a biologia contemporânea de suas hipóteses e descobertas, só depois foram julgadas corretas ou verdadeiras. Foucault (1976) afirma também que foi na fisiologia da reprodução animal e vegetal que uma medicina do sexo buscou um vocabulário, que poderia ser utilizado na segunda como uma tentativa de garantir um teor científico àquilo que facilmente escaparia ao rigor da ciência: o sexo e sexualidade humanos. Daí se diz, então, que a disciplina permite produzir o novo, mas sob um “jogo restrito” (1971, p. 30) e que só se encontra no verdadeiro se houver respeito “às regras de uma política discursiva” (1971, p. 35), as quais estão sempre se re-atualizando. A disciplina, dessa maneira, “é um princípio de controle de produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma re-atualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1971, p.36).

Sobre os movimentos femininos de liberação sexual, Foucault (1979) afirma que o que há de relevante neste movimento, mais que a busca dos direitos referentes à especificidade do sexo, é “o fato de terem partido do próprio discurso que era formulado no interior dos dispositivos de sexualidade” (p.268). O autor também defende algo semelhante ao se referir ao movimento gay. Apresenta uma breve trajetória sobre os homossexuais, argumentando que, a partir de 1870, aproximadamente, eles passaram a ser constituídos como objeto de interesse médico: ainda quando eram tidos como libertinos, depois quando foram encerrados em asilos, assemelhados aos loucos por conta de sua doença no instinto sexual, tudo isso foi constituindo um saber sobre os homossexuais destacando sempre um caráter de obscenidade e perversão. Apoiando-se no saber constituído, conforme o autor, os próprios homossexuais, acrescentamos, e simpatizantes começaram a produzir, no século XX, uma literatura diferente daquela libertina que era atribuída a eles, e eles mesmos passaram a narrar suas verdades.

De forma semelhante, então, ao que ocorre com o movimento feminista, alguns conceitos da Psicanálise, enquanto lugar de verdade, são mobilizados, em *G Magazine*, como base de verdade para que outros enunciados sejam formulados, no tocante ao

movimento homossexual em relação a essa “correção de narrativas”. Essa necessidade de estar no verdadeiro para que se formule algo aceitável é o movimento que se faz para que, do saber do campo da Psicanálise, seja possível e aceitável formular análises e explicações do preconceito praticado *por* e *contra* homossexuais.

Se circulam discursos não materializados em *G Magazine*, que indicam a Psicanálise associada a um lugar avesso aos homossexuais, uma vez que repercute de forma distorcida a classificação da homossexualidade enquanto perversão e dos homossexuais como invertidos, em *G* os discursos desse campo de saber são mobilizados para explicar o comportamento de homofóbicos, inimigos da causa gay. Percebemos uma vulgarização do saber psicanalítico, que é incorporado por meio de distorções, mas que, nos termos de Foucault (1971, 1976), serve como suporte de verdade para que outras possibilidades de formular ocorram, por exemplo, como a que coloca o homofóbico como objeto de análise por seu preconceito, ironicamente uma prática desviante.

3.6 Vitimismo e imobilidade: implicações na militância

Além de mobilizar o campo de saber psicanalítico, conforme verificamos em seções anteriores, há outras formas de discursivizar o vitimismo em *G Magazine*, como pode ser observado a seguir:

(44) **O lado mais nojento da auto-repressão é cultivar o papel de vítima e não ter coragem de assumir sua própria vida** (Edição 44, maio de 2001).

(45) **Chega de ser vítima** (Edição 81, junho de 2004).

(46) **Aprender a assumir as limitações que a vida nos impõe é um processo muito difícil e até doloroso. Fugir disso para se refugiar no vitimismo não vai trazer nenhum amadurecimento pessoal** (Edição 142, julho de 2009).

Nas formulações acima, funciona uma posição contrária ao vitimismo. Ser vítima é tomar para si uma postura de apatia frente à própria vida. Na formulação 44, cultivar o papel de vítima é uma forma de auto-repressão, e uma forma “nojenta”, porque significa negar a própria vida. Em 45, assumir para si o papel de vítima é algo que deve parar de acontecer. Na formulação 46, apesar de não ser um processo fácil e sem percalços,

assumir a própria vida é necessário. O contrário, isto é, refugiar-se no vitimismo é o que não traz ganho algum.

O homossexual nas três formulações é discursivizado como praticante deste vitimismo. A revista discursiviza contrariamente ao vitimismo praticado por gays posicionando-se linguisticamente pelo adjetivo “nojento” que produz efeito depreciativo, referindo-se à auto-repressão que ocasiona o vitimismo; pelo verbo “chegar” com efeito interjeitivo, exprimindo cessação; e pelos argumentos sobre as desvantagens de refúgio. Como pode ser observado na rede de formulações-reformulações a seguir, o vitimismo, mais ou menos justificado, quando é enunciado, sempre o é a partir de uma contraposição a esta prática:

(47) **E tem muita bicha por aí encostadinha no papel de vítima que adora ir à sauna foder, mas na hora que pinta a barra – que faz parte da vida –, o veado foge como um cachorro com o rabo entre as pernas** (Edição 5, fevereiro de 1998).

(48) [...] **homossexuais no Brasil costumam escamotear suas vivências e lutas, refugiando-se em situações de masoquismo não assumido** (Edição 56, maio de 2002).

(49) Quando era de se esperar uma mudança profunda nas mentalidades, paradoxalmente **instaurou-se uma cultura do vitimismo, ou seja: reclama-se muito e pouco se faz para mudar. Tenho sérias desconfiças de que nós homossexuais adoramos cultivar o papel de vítima. É muito cômodo colocar exclusivamente sobre os outros a responsabilidade de nossas dificuldades. Aquele que se sente coitadinho não é responsável por nada. Apenas sofre. Ou seja, vive no eterno descompromisso adolescente: a culpa é da minha família, minha religião, minha escola, meu trabalho, e não há nada a fazer. A vítima lava as mãos diante de si mesmo e submete-se ao confortável papel de sofredor. Com isso, o vitimismo leva ao imobilismo** (Edição 67, abril de 2003).

(50) Por décadas da minha longa e nem sempre rósea vida, venho testemunhando **entre homossexuais um sentimento paralisante: o medo. Me intrigam os motivos que levam tanto e tantos gueis a terem medo de ser o que são. Os novos casos que conheço a cada dia são tantos que algumas vezes chego a ficar enfurecido, quando eu mesmo sou vítima de medrosos de carteirinha. Estou me referindo a um medo tão resistente que chega a ser doentio. Sobre isso, repito o que penso acerca do enrustimento: uma coisa é o cara sentir medo legítimo por estar contra a corrente. Outra coisa é se entregar ao medo compulsivo. [...]. Mas manter uma atitude defensiva, de modo sistemático, não se permitindo sequer respirar, impermeável às conquistas dos seus direitos, aí já me parece covardia e neurose** (Edição 80, maio de 2004).

(51) Ora, esperava-se que um adulto já profissionalizado tivesse autonomia em sua vida pessoal. Mas, como tantos gueis, ele depende doentamente da aprovação familiar. Tem pavor que descubram “alguma coisa”. Seu medo é tamanho que destrói possibilidades de criar relações e ser ele mesmo. Daí, parte pra uma vida sexual clandestina e avulsa. **Claro que o problema não é a família**, mas sua recusa de ser o que é. No fundo, esse rapaz **está delegando à família uma questão que lhe**

pertence, e coloca sob responsabilidade dos outros sua homofobia internalizada. Fica mais fácil colocar a culpa na família, assim ele não precisará buscar soluções e mudar (Edição 80, maio de 2004).

(52) Em resumo, por **que não acabar com o vitimismo paralisante e assumir sua própria vida, seu desejo, sua luta?** Faria bem a todos/as. (Edição 84, setembro de 2004).

Diferente do que ocorre na discursivização do vitimismo observado em seção anterior, o que ocorre principalmente nesta rede de formulações-reformulações, de 47 a 52, é a implicação política deste vitimismo. Na formulação 47, o homossexual é discursivizado como praticante do vitimismo, usuário de sauna como prática por meio da qual consome desejos sexuais, mas que foge quando a “barra”, isto é, a dificuldade, surge. De modo diverso do que veremos no capítulo seguinte, na análise de um anúncio publicitário de um clube para gays, na formulação 47, é discursivizada a prática de sexo em clubes, problematizando que frequentar e transar num clube não implica assumir responsabilidades numa luta pela causa homossexual. Observamos que nessa formulação “bicha” e “veado” funcionam em seu desprestígio, mas não do mesmo modo como é comum em locais de circulação diferentes da *G Magazine*. Aqui, utilizam-se termos que agridem homossexuais alhures, mas a carga não é de desprestígio em relação à sexualidade, mas ao não engajamento político. Apesar disso, diremos que mobilizar na língua os termos “bicha” e “veado” e fazê-los funcionar nessa formulação é reconhecer também que esses termos são atravessados pela memória discursiva de um sentido de desprestígio em seu uso comum.

Na formulação 48, a “barra” dita em 47 é mais explicitada porque se discursiviza como “lutas”. Em 48, o vitimismo, aqui sinonimizado como “masoquismo não assumido”, é uma forma de se isentar das lutas travadas a favor das causas homossexuais. Essa isenção, que encontra abrigo no vitimismo, reaparece em 49. O vitimismo em 49 resulta em excesso de reclamações e pouca ação. Vitimizar-se aqui é uma forma de pôr a culpa nos outros, e quem se identifica com esta posição não assume responsabilidades, “apenas sofre”. O vitimismo, deste modo, tem como consequência o imobilismo, que é característica do descompromisso comum aos que “lavam as mãos”, ou seja, dos que se isentam da luta necessária para superar dificuldades, preferindo a comodidade de só atribuir aos outros a responsabilidade advinda do preconceito social. Vitimização em 49 é fugir do compromisso político.

Na formulação 51, a prática do vitimismo como forma de culpar outrem por dificuldades próprias reaparece. O homossexual é discursivizado como descomprometido com a causa L.G.B.T., culpando a própria família por suas dificuldades no que tange à própria sexualidade, por ser uma postura mais fácil. O problema, no entanto, não é da família; problemático é o medo que faz com que, escondendo-se na culpabilização dos outros, os homossexuais fiquem inertes, não se mobilizem diante da necessária busca por soluções e mudanças.

Na formulação 50, o medo é novamente apontado como causa do fato de muitos gays negarem aquilo que são, isto é, a própria vida. Trata-se de um medo compulsivo, uma covardia e neurose, que torna indiferente ao homossexual a luta para a conquista de seus direitos. Este medo compulsivo é outra forma de discursivizar o vitimismo. O vitimismo, em 50, também é paralisante, assim como em 52, e, em ambas as formulações, assumir a própria vida, isto é, não se esconder no papel de vítima é considerado necessário, porque essa é uma forma de assumir a luta pela causa homossexual, ou seja, de não fugir covardemente dela.

Na rede de formulações-reformulações de 47-52, a homofobia internalizada por homossexuais é discursivizada como uma forma de ser contra a causa L.G.B.T., isto quer dizer que além de esta forma de homofobia ser caracterizada por uma briga interna, um rompimento com o Eu, tem implicações políticas no que diz respeito às causas gays. Discursiviza-se negativamente o vitimismo nesta última rede da qual tratamos, porque o homossexual é incitado a participar da luta por suas conquistas, isto é, incitado a se engajar na “política homossexual”, fato que não se dá quando o indivíduo se ocupa de ruminar a sua posição de vítima.

3.7 Considerações finais

Quando formulado em 1971, o conceito de homofobia tratava especificamente do preconceito exercido contra os homossexuais e contra a homossexualidade. Esse conceito, no entanto, foi ampliado e a homofobia em *G Magazine* é discursivizada considerando inclusive a homofobia praticada entre os próprios homossexuais assumidos, e aquela praticada contra si mesmo, como vimos.

A homofobia, como é discursivizada em *G*, é sempre de homossexual para homossexual, ainda que essa homossexualidade não seja consciente. São homofóbicos :

i) os violentos que não se identificam como homossexuais, mas o são consciente ou inconscientemente, fato que fazem com que tentem pôr fim àqueles que refletem a homossexualidade neles recalcada; ii) os homossexuais que praticam a homofobia entre si, qualificando os membros de cada grupo como melhores ou piores; iii) os homossexuais que se sabem homossexuais mas se ocupam em desempenhar o papel de vítimas, internalizando a homofobia e deflagrando-a contra si.

Dessa forma, ratificamos que a homofobia em *G Magazine* é discursivizada de três formas: na primeira delas, há a figura do enrustido que, de certo modo, culpa os outros por sua homossexualidade, investindo principalmente contra os seus semelhantes na tentativa justamente de eliminar vestígios desta semelhança; no segundo caso, a homofobia é aquela praticada e sofrida entre os próprios membros L.G.B.T., que culpam os outros pelo preconceito que a sociedade pratica contra todos os homossexuais; e no terceiro caso, o personagem que assimila as dores sociais sobre a homossexualidade e assume para si o papel de vítima, resultando na imobilidade.

A discursivização em *G* das três práticas homofóbicas são, mais ou menos, atravessadas pelo discurso da militância, da “luta”, de modo que há aqueles contra quem mais diretamente se deve lutar (os enrustidos-violentos), há aqueles que enfraquecem a luta coletiva por deflagrarem contra seus semelhantes comportamentos homofóbicos (homofóbicos do “meio”) e aqueles que não lutam pelos seus porque travam uma luta contra si, dedicando-se ao masoquismo psicológico (as vítimas). Sendo assim, além de a homofobia ser praticada por homossexuais, conscientes ou inconscientes, assumidos ou enrustidos, há o fato de as práticas homofóbicas atingirem o movimento de militância, seja favorecendo e justificando o seu aparecimento, seja enfraquecendo o movimento, ou ainda criticando a apatia frente à luta externa.

Com base nisso, defendemos que há, na *G Magazine*, um poder-saber que visa à produção de corpos dóceis no sentido de Foucault (1975), isto é, corpos que podem ser submetidos, utilizados e aperfeiçoados no que diz respeito à norma de engajar-se politicamente, de militar. Este poder-saber produz práticas por meio das quais o homossexual tem que se sujeitar para constituir-se enquanto sujeito político da causa L.G.B.T.. Estas práticas serão vistas, sobretudo nos capítulos seguintes, no que diz respeito ao assumir-se homossexual e ao engajamento nas causas da comunidade homossexual. No capítulo 4, discutiremos como a revista discursiviza sobre “assumir-se gay”.

4 A DISCURSIVIZAÇÃO DO “ASSUMIR-SE GAY” EM *G MAGAZINE*

4.1 A ordem é: saiam dos armários

No capítulo anterior, vimos que o enrustimento, como efeito da homofobia, é discursivizado como contrário às causas L.G.B.T. por diversas razões. Se o enrustimento é problema, o *assumir-se*, é solução para a comunidade homossexual. Em *G Magazine*, assim, além de se indicar linguisticamente os inimigos dos homossexuais (os enrustidos violentos, os homofóbicos do meio e as vítimas inertes), discursivizam-se formas de ser aliado do movimento. Uma delas é pela “saída do armário”. Do movimento estadunidense conhecido como *get out closet*, também no Brasil o assumir-se, como observa Kronka (2000), passa a ser valorizado, e o não assumir, segundo a autora, em alguma medida, subestimado. Destacamos que há uma memória, no sentido de duração, entre o assumir-se gay no Brasil e o *get out closet* dos Estados Unidos. Vejamos como o **assumir** é discursivizado em *G Magazine* a começar pela rede de formulações-reformulações abaixo:

- (1) A nós, minorias neste mundo, meu recado do mês: **saiam dos armários**, sejam livres... (Bananaloca, edição 5, setembro de 1997).
- (2) **Seria importante que esse pessoal assumisse mesmo** (Bananaloca, edição 5, setembro de 1997).
- (3) **Acho, sim, de extrema utilidade “sair do armário”** [...] (Edição 2, novembro de 1997).
- (4) **Talvez esteja na hora de indivíduos gays (...) se apresentarem e começarem a falar por si a respeito de seus processos de individuação enquanto homossexuais** (Edição 2, novembro de 1997).
- (5) Mas também desejamos: **que o *Outing* comece em janeiro e vá até dezembro** (Edição 3, dezembro de 1997).
- (6) **Não viemos para nos esconder** (Edição 9, junho de 1998).
- (7) **Aconselho todos a se assumirem** [...] (Edição 45, junho de 2001).
- (8) Pelo sim ou pelo não, **desejo a todos que leram esse depoimento um Feliz Dia de Sair do Armário!** (Edição 63, dezembro de 2002).
- (9) **E vamos todos sair desse armário apertado qualquer dia desses.** (Edição 67, abril de 2003).
- (10) **Voltar para o armário nunca mais** (Edição 80, maio de 2004).
- (11) **Homossexuais ou não, precisamos ter coragem de ser. Talvez aí esteja o grande sentido de nossas vidas: aprender a ser a si mesmo** (Edição 80, maio de 2004).

(12) Se historicamente homossexuais acostumaram-se a viver escondidos, **está mais do que na hora de mostrar a cara**. Sem medo. E sem carão, por favor (Edição 89, fevereiro de 2005).

(13) Faço aqui o **convite para quem ainda está no armário: venha se soltar** [...] (Edição 92, maio de 2005).

(14) **As pessoas**, independente se são artistas ou não, **deveriam sair do armário para ser felizes. Isso faz bem para a vida delas** (Edição 136, janeiro de 2009).

Nessa rede de formulações-reformulações, assumir a própria homossexualidade é enunciado de uma posição de sujeito favorável à assunção. Nessas formulações de 1 a 14, convida-se, sugere-se, intima-se a assumir a própria homossexualidade, de modo que, da posição de sujeito, enunciam-se tanto a necessidade e os benefícios de *assumir-se* como a necessidade de que este incentivo ocorra, em resposta ao que acontece amplamente na sociedade: o enrustimento.

Na formulação 1, assumir-se equivale a ser livre, e quando a liberdade é relacionada à assunção, inevitavelmente cria-se uma dicotomia: se assumir-se é ser livre, enrustir-se corresponde a não ter liberdade, e, de certo modo, é retomada aqui toda uma memória da clausura que é muitas vezes imposta aos homossexuais. Em 2 e 3, discursiviza-se a importância ou a “extrema importância” de ser assumido, ou de tornar-se assumido. Na formulação 4, o indivíduo homossexual é chamado a falar de si mesmo. Falar de si, nessa formulação, é confessar-se, reatualizando o dispositivo pelo qual o homem, dentre outras possibilidades, passa a ser interpretável socialmente, conforme Foucault (1976), a partir do modo pelo qual vivencia sua sexualidade, sexualidade esta conhecida a partir justamente do movimento da confissão e de seus diversos modos de incitação.

Na formulação 5, fazer o “outing” significa assumir a própria homossexualidade. Nesta formulação, assumir-se homossexual é uma prática que deve ser realizada durante todo o tempo, “de janeiro a dezembro”, e retoma, apontando como problemáticas, de certo modo, as práticas de assumir-se em momentos específicos, como no Carnaval, onde “tudo se permite”, ou na Paradas de Orgulho L.G.B.T. etc.. Em 6, ninguém deve esconder seus gostos, seu modo de vida. E em 7, aconselha-se que todos devem se assumir. Entre fazer o *outing*, assumir-se e não se esconder não há diferença substancial. Em todas as três formas, o que é discursivizado é a norma de confessar, de não ocultar verdades sobre si, de fazê-las sabidas, porque assim tornam-se úteis.

Em 8, o dia de “sair do armário” é um dia feliz, de modo que viver dentro dele implica dias tristes, um cotidiano infeliz. O “armário”, em 9, é um lugar apertado, funcionando como metáfora que reatualiza a pouca liberdade experimentada por quem vive “no aperto” de ocultar-se. Em 10, um dia experimentada a vida “fora do armário”, nunca mais será retomada a prática de esconder-se.

Na formulação 11, assumir a própria vida, incluindo a sexualidade, é discursivizado como ter coragem de ser si mesmo. Não assumir, então, é sinônimo de pouca coragem: só os bravos assumem; os frouxos escondem. Há aqui um efeito novo, uma “perfuração” da memória discursiva do sentido de bravura, visto que ela está sócio-culturalmente associada ao homem-hétero, e, apesar disso, bravo aqui é o que assume inclusive sua homossexualidade. Em 12, novamente ocorre o incentivo para que se assuma. A necessidade de assumir, neste caso, é posta como o necessário ato de “mostrar a cara”. Em 13, funciona um convite para “se soltar”, ou seja, assumir-se para vivenciar a liberdade que é acessível somente àqueles que vivem “fora do armário”. Em 14, viver “dentro do armário” não é viver bem a vida: a “saída do armário” é condição para a felicidade. Desse modo, ser feliz implica viver com liberdade, e sem liberdade não se vive de fato. Para que se viva feliz, então, é preciso assumir-se a si mesmo, que é assumir a própria vida. Assumir significa não esconder, porque esconder implica ser preso, que corresponde a não ser livre, em não ser feliz, em não ter vida genuína.

O “armário” é bastante produtivo em *G Magazine* e materializado de diversas formas como vimos. Funciona como metáfora para a ocultação da homossexualidade, ocultação que é sintoma da inculcação de uma norma que regula a sexualidade por meio de um movimento que marca a homossexualidade como diferença, instituindo, assim, como padrão o seu oposto, a heterossexualidade.

A discursivização sobre o assumir a própria homossexualidade ou sobre “sair do armário” não se restringe às seções como o editorial, as entrevistas, reportagens etc., onde foram encontradas as formulações-reformulações da rede de 1 a 14. Essa posição favorável à assunção e desfavorável ao “armário” encontra-se em funcionamento identificada também em anúncios publicitários, no entrecruzamento do verbal com o imagético, como veremos a seguir:



Figura 20⁴⁵

A figura 20 trata de um anúncio de reabertura de um clube, cujo público alvo são homens homossexuais. Observamos que as cores vibrantes que predominam no anúncio dão o tom de festividade à propaganda, bem como algumas formas semelhantes a estrelas no canto inferior-direito, causando efeito de iluminação festiva, exatamente por ser tratar de uma reinauguração. O tom vermelho, por sua qualidade de cor quente e por associação a outros estabelecimentos cuja luz de cor vermelha serve como identificação dos “serviços” prestados, mobilizam uma memória que remete ao sentido de luxúria ou à possibilidade de prazer sexual. No entanto, mais que as cores selecionadas para o anúncio, interessa-nos o efeito entre a imagem dos armários ao fundo e a formulação “Armário é lugar pra roupa”.

O que está materializado na discursivização desse anúncio é a representação de uma festa de reinauguração que deve ser frequentada por homens que tenham homens como objeto de desejo sexual. Só por ser uma festa declaradamente para gays, o “armário” já perderia, em parte, o seu efeito de ocultar, visto que o público convidado deve se identificar com o lugar, o que quer dizer que a ida ao evento é uma prática de confessar-se homossexual e de integração ao grupo maior de outros afins em relação à sexualidade. No entanto, não são discursivizados, por exemplo, os casos de homens homossexuais que só “assumem” sua homossexualidade em casas como a do anúncio, que funciona, nesse caso, como uma extensão do “armário”, já que não implica, fora dali, lidar de forma explícita com a própria homossexualidade. Assumir é, no anúncio, estar na festa promovida pelo clube, de modo que o “enrustido” é o que não vai,

⁴⁵ *G Magazine*, novembro de 2007.

produzindo este efeito de sentido justamente pelo silenciamento de práticas que exigem algum tipo de exposição, mas não, necessariamente, engajamento político, a exemplo do que dissemos acerca de lugares frequentados por homens que desejam homens, mas que, fora deste ambiente autorizado, dissimulam suas práticas homoeróticas.

No anúncio, identificamos um funcionamento discursivo semelhante ao funcionamento do desafio que se faz constantemente a homens quando sua masculinidade, aqui confundida com o sexo e sexualidade, é posta à prova: faça/diga/venha se for homem. No anúncio, porém, ficaria assim reformulado: venha se for assumido. Notamos que ser “homem” e ser “assumido” são duas formas discursivizadas como valorizadas.

Dizer que “armário” é lugar para roupa significa que outras coisas que, por ventura, estejam “dentro do armário”, estão em lugar inapropriado. Como se trata de um anúncio antecipado para homossexuais, ocorre a reatualização linguístico-imagética do enrustimento como prática comum entre a comunidade homossexual, bem como da posição da qual se enuncia que é recomendável assumir a homossexualidade, ou seja, “sair do armário”. Funciona no anúncio, assim, a mesma posição de sujeito que funciona na rede de formulações-reformulações de 1 a 14. Fora do “armário” é o lugar da liberdade. Ser livre é ser feliz e motivo de festejar. No anúncio, então, produz-se esse efeito de sentido: a festa ocorre fora do “armário”, e os assumidos, portanto, podem festejar.

A respeito do que dissemos sobre alguns lugares que funcionam como extensão do “armário”, como os clubes, nos quais alguns homens assumem a homossexualidade por não serem censurados, Sedgwick (2007) observa que a saída do “armário” não implica assunção em todas as situações, isto porque há momentos em que, considerando o que amplamente circula sobre uma posição extremamente contrária à homossexualidade, assumir ou fazer-se reconhecer enquanto indivíduo homossexual pode resultar em perdas. Segundo a autora,

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou

direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida (SEDGWICK, 2007, p.22).

A autora defende que mesmo uma pessoa assumida lida com outras pessoas das quais não sabe avaliar se sabem ou não de sua homossexualidade, o que gera uma situação de desconforto e de ocultação, em alguma medida. Há ainda, como vimos, o conflito entre o que se deseja e o que talvez se faça inacessível a partir da declaração “eu sou gay”. A autora afirma, ainda, que o “armário” não é uma exclusividade dos homossexuais, mas que este grupo específico é por ele caracterizado porque, para muitos gays, esta é a característica fundamental da vida social.

4.2 Efeitos de sentido do assumir

Nas edições da revista, algumas formulações se repetem acerca do assumir-se, de modo que é possível observar alguns efeitos de sentido desse assumir-se. A seguir, apresentamos algumas *frases-síntese* que indicam efeitos de sentido do *assumir-se* nas formulações-reformulações identificados em *G Magazine*:

I - Assumir é ter prazer em viver:

(15) “Os enrustidos e os esnobes ficaram do lado dela. Já **os assumidos** e as Drag Queens, **que têm prazer em viver**, ficaram do meu” (Edição 3, dezembro de 1997).

(16) **Viver fora do armário é maravilhoso, é viver de verdade** (Edição 106, julho de 2006).

II - Assumir é ter coragem:

(17) Com 53 anos e homossexual assumidíssimo, **Trevisan acredita no poder do desejo individual e na coragem de levar a vida fora do armário, no melhor estilo outing** (Edição 5, fevereiro de 1998).

(18) Para tanto, **é preciso coragem para abrir armários e gavetas** e se livrar do mofo e do pó acumulados e, assim, criar espaço para o “eu renovado” que está por vir (Edição 146, novembro de 2009)

III - Assumir é ser macho:

(19) **Para ser veado você tem de ser muito macho socialmente, tem de enfrentar uma cultura inteirinha pra poder botar a cabeça para fora. Isso é uma coisa da qual eu tenho muito orgulho. Me orgulho de ter**

conquistado a minha homossexualidade, inclusive socialmente (Edição 5, fevereiro de 1998).

(20) **Macho não é aquele** que gosta de fazer sexo com mulher, mas **aquele que gosta de si mesmo, que se impõe e, se não saiu do armário ainda, está louco pra sair** (Edição 6, março de 1998).

IV - Assumir é ser verdadeiro:

(21) Mas não tenha medo, não. **A verdade é muito melhor. E, na medida que as minorias forem se libertando dos armários, mulheres, gays, negros, amarelos, gordinhos, baixinhos e outros, você verá quanta gente maravilhosa é gay também e está louca para contar** (Edição 9, junho de 1998).

(22) **Não há indivíduo verdadeiro sem que assuma aquilo que é, ainda que enfrente situações adversas.** Amadurecer não é fácil. Nem crescer (Edição 78, março de 2004).

(23) **“Só não aceito os que escondem sua homossexualidade e vivem na mentira”.** Senadora Heloísa Helena, do PSOL, na revista da Folha edição 684. Ponto pra ela! (Edição 97, outubro de 2005).

V- Assumir-se é louvável:

(24) **Parabéns para o que assumem, mesmo com mais sofrimento, preconceitos...** (Edição 21, junho de 1999).

(25) Já Luiz Mott é mais severo: **“Fico revoltado! Enquanto na França 70% dos gays são assumidos socialmente, aqui, 90% vivem enrustidos** (Edição 123, dezembro de 2007).

VI - Assumir é ser feliz

(26) Pelo sim ou pelo não, **desejo a todos que leram esse depoimento um Feliz Dia de Sair do Armário!** (Edição 63, dezembro de 2002).

(27) **Devo lhe dizer que, como tantos outros homossexuais escondidos no armário, você está plantando para si um futuro infelicíssimo** (Edição 74, novembro de 2003).

(28) **As pessoas, independente se são artistas ou não, deveriam sair do armário para ser felizes. Isso faz bem para a vida delas** (Edição 136, janeiro de 2009).

VII - Assumir é ser digno:

(29) **Ora, indignidade é, mais do que tudo, ficar dentro do armário sem respeitar suas próprias necessidades enquanto pessoa** (Edição 95, agosto de 2005).

(30) Para mim, **o passado de ninguém é desabonador por causa da sua homossexualidade, e sim por causa do seu enrustimento** (Edição 98, novembro de 2005).

VIII - Assumir é descobrir-se/conhecer-se:

- (31) **Sair do armário equivale a descobrir um novo continente, tanto dentro de nós quanto na sociedade** (Edição 89, fevereiro de 2005).
- (32) **Reprimir-se é negar a essência!** (Edição 90, março de 2005).
- (33) O emocionante relato de um leitor que **descobriu**, ao longo dos anos e com a ajuda da G Magazine, **a delícia de ser quem se é** (Edição 106, julho de 2006).
- (34) **Sair do armário é conhecer-se** (Edição 107, agosto de 2006).

IX - Assumir é ser livre:

- (35) Nessa alegria só não há lugar para o enrustido que ainda está no armário. Esse não vai às Paradas ou, se for, fica nos cantinhos fazendo-se de curioso, o que é uma pena, pois ao menos nesse momento deveria experimentar o gostinho que tem **a liberdade interior, que só os assumidos sabem como é** (Edição 92, maio de 2005).
- (36) Faço aqui o **convite para quem ainda está no armário: venha se soltar [...]** (Edição 92, maio de 2005).
- (37) **Mas, assim como assumir a homossexualidade é uma atitude libertadora, sair de outros armários (ou tirar os esqueletos deles) é igualmente um ato de liberdade** (Edição 107, agosto de 2006).
- (38) **Ao dizer ao mundo quem somos, vivenciamos uma das experiências mais intensas e libertadoras possíveis à humanidade [...]** (Edição 144, setembro de 2009).

X - Assumir é ter amor próprio:

- (39) **Sair do armário, como todos sabemos, é um ator de amor a nós mesmos** (Edição 110, novembro de 2006).

O que estamos denominando de *frases-síntese* indica os efeitos de sentido do *assumir-se*, nas formulações-reformulações de 15 a 39. Esses efeitos têm valor positivo. No efeito “assumir é ser macho” ocorre desestruturação na memória discursiva sobre o que seria “ser macho”. A “macho”, além do sexo biológico, associa-se sócio-culturalmente uma série de posturas e atitudes que, socialmente aceitas, caracterizam o homem como masculino, marcando a diferença com mulher e feminino. Ser macho, na memória social, significa ser homem heterossexual e masculino, o que implica comportamentos que demonstram coragem, valentia etc., demonstrando uma confusão entre sexo, gênero e sexualidade. Em *G Magazine*, no entanto, substitui-se esta associação imediata que socialmente se faz entre ser macho e ser hétero, desestabilizando o logicamente estável. Ocorre uma desestruturação-reestruturação na memória, isto porque “todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações

sócio-históricas” (PÊCHEUX, 1983a, p. 56). Na desestruturação-reestruturação da memória discursiva, ser macho é gostar de si mesmo e é também ter coragem de, mesmo diante de muitas dificuldades, assumir-se homossexual. Assim, “ser macho” se aproxima de “ser corajoso”, o que não deixa de estar associado ao que culturalmente se estabelece como pré-requisito para ser reconhecido como macho, visto que a coragem seria um desses critérios; a diferença é que, na discursivização da revista, ser macho não está relacionado com a heterossexualidade compulsória do indivíduo. Ser macho aqui, sobretudo, se opõe a ser frouxo, assim como vimos anteriormente no contraste entre a bravura e frouxidão.

Enfim, há um suporte dado pela memória, mas com possibilidade de fissura desta mesma memória. Observamos, então, que o sentido de macho se dá não só pelo que se diz agora acerca do que significa ser macho, mas, necessariamente, o sentido se produz em relação a tudo o que antecede o acontecimento. Na formulação 2, há uma retomada explícita sobre a associação entre ser macho e ser heterossexual, o que pode ser explicado pelo fato de que para que haver sentido, como afirma Orlandi (2007) é preciso que ele, o sentido, exista antes numa memória, que pode ser perturbada, produzindo um novo sentido. Daí que o sentido novo de “ser macho” é possível a partir dos sentidos “anteriores”.

Em “Assumir é ser verdadeiro” funciona o sentido de que assumir-se é viver a própria verdade, de modo que esconder a homossexualidade é viver na mentira. Do mesmo modo que vimos anteriormente, a dicotomia entre assumir-enrustir correspondendo à liberdade-cárcere, agora também os antônimos funcionam marcando um mesmo lugar favorável à assunção: “assumir-se é ser verdadeiro” demarca necessariamente o seu oposto, isto é, “enrustir-se é ser mentiroso”. A verdade de si aqui, neste caso, retoma o recorrente discurso, em que a homossexualidade é contra a natureza, não sendo, portanto, uma forma de ser fidedigna, mas antes um desvirtuamento do/no modo de viver. A retomada se dá justamente para negar este outro sentido. Nessa lógica, dizer que a homossexualidade é natural é retomar a não naturalidade, ainda que seja exclusivamente para negá-la. Outra vez, destacamos: o que se diz é margeado por uma série de “não-ditos” que significam em seu silêncio, e isto é também memória, pois o sentido é relacional e o silêncio se configura, segundo Orlandi (1992), como estrutural.

Para que se enuncie, pois, que viver a própria homossexualidade é viver a verdade de si é preciso que se contra identifique com a posição de anti-natureza e se identifique com a posição da qual se pode dizer que a homossexualidade é natural. Não se trata de um apagamento, porque a homossexualidade como natural é formulada justamente como uma resposta ao discurso contrário, discurso outro, isto é, aquele que atribui à homossexualidade o lugar de não natural. Esses discursos são produzidos na tensão entre o lembrar e o esquecer de uma memória discursiva, na qual se encontra o funcionamento da posição da qual se pode enunciar a homossexualidade como anti-natureza e a posição da qual se pode enunciar a homossexualidade como natural.

Em “assumir é ser verdadeiro”, assim como em “assumir é descobrir-se/conhecer-se” percebemos o funcionamento do dispositivo da sexualidade que Foucault (1976) já havia descrito, e que tem como característica o sexo sendo tomado em um duplo movimento de extrair a sua verdade e também de extrair, por ele, a verdade do homem. A questão da sexualidade nas formulações agrupadas pelo efeito de sentido que nomeamos por meio das *frases-síntese*, tanto a de ser verdadeiro quanto a de se conhecer, é justamente um efeito deste indivíduo que se descobre e faz-se descoberto, que encontra a sua verdade por meio do modo com que se subjetiva enquanto sujeito de desejo.

Da mesma forma, **assumir-se** tem o efeito de ser louvável, de dignidade, e **reprimir-se**, o efeito de ser revoltante e de ser indigno. Em ser “digno” e “louvável”, ocorre outra vez o deslocamento de um discurso que circula socialmente acerca da homossexualidade como uma prática infame, desonrosa, que é atravessado por discursos dos domínios religioso e jurídico. Para que seja possível dizer que assumir a homossexualidade é honroso e louvável, é preciso contraidentificar-se ou mesmo desidentificar-se, no sentido de Pêcheux (1975a), com o lugar da qual ela é dita como motivo de desonra.

Observamos, sobretudo, que os efeitos de sentido identificados e apresentados no que chamamos de *frases-síntese* são respostas a outros efeitos de sentido ou discursos que circulam socialmente, mas que não têm lugar no periódico. Alguns contra-discursos são, no entanto, retomados por via de uma memória como motivação para que se enuncie de uma posição contrária. Negar o outro, neste caso, é afirmar o próprio lugar.

Os efeitos de sentido são produzidos na mesma posição da qual se associa à assunção da homossexualidade aspectos positivos, valores reconhecidamente bem vistos socialmente. As formulações abaixo indicam a regularidade deste funcionamento:

(40) Assumir é um verbo muito poderoso. A gente assume algo e se torna responsável por isso. Podemos assumir uma dívida, um filho, uma atitude. São sentidos muito assertivos, que buscam um resgate de uma parte de si mesmo que precisa ser integrada ao ego. Assim, assumir sua homossexualidade significa simplesmente tomar posse de algo que estava relegado a segundo plano (Edição 78, março de 2004).

(41) Na vida, a gente tem que assumir tudo: o corpo, o trabalho, a família. Em resumo, levantamos bandeira de tudo o que a gente é, inclusive na cama (Edição 84, setembro de 2004).

(42) Mas, assim como assumir a homossexualidade é uma atitude libertadora, sair de outros armários (ou tirar os esqueletos deles) é igualmente um ato de liberdade. Dizer a verdade não é apenas moralmente correto. Assumir seus limites, prazeres, gostos pessoais ou defeitos traz alívio, reduz o estresse, clareia a mente e facilita as relações humanas. Se arde a princípio, cura no final. Sair do armário é algo muito mais cotidiano do que imaginamos. Sair do armário é conhecer-se (Edição 107, agosto de 2006).

Nas formulações de 40 a 42, “assumir” é algo que se faz cotidianamente e que tem valor social positivo. Em 40, assumir é algo poderoso porque significa trazer para si a responsabilidade de algo, como uma dívida, um filho, uma atitude. Nessa formulação, discursiviza-se sobre integração ao “ego”, como se a “coisa” assumida fosse algo que estivesse em falta. Podemos identificar um discurso atravessado pelo saber do campo da psicanálise em funcionamento. A falta no “ego”, então, dar-se-ia pela censura realizada por esta instância psíquica. Assumir a própria homossexualidade seria resultado dessa censura superada. Assumir a homossexualidade é dar importância a algo que estava relegado a um segundo plano. Estar relegado é não ser considerado, referindo-se ao enrustimento. Os enrustidos relegam a própria homossexualidade a segundo plano, causando um rompimento no “ego”, que é a reformulação do que já vimos no capítulo anterior quando analisamos as formulações que tratavam, por exemplo, de homofobia internalizada.

Em 41, mais uma vez, discursiviza-se sobre o quão natural e bem vista socialmente é a assunção, seja do corpo, do trabalho, da família. Assumir aqui é sinônimo de levantar bandeira, sendo importante e esperado também que se assuma, isto é, que se levante a bandeira do que se é “na cama”, uma metáfora que remete à maneira como se experiencia o desejo sexual, como se vive a sexualidade.

Em 42, o assumir como ato libertador reaparece. Na discursivização dessa formulação, assumir a verdade de si é moralmente correto e socialmente necessário com implicações no convívio com o outro, e ainda que “arda” a princípio, “sara” depois. Este jogo entre “arder” e “sara” remete às dificuldades enfrentadas por quem assume sua homossexualidade; o sara corresponde também ao “alívio” que necessariamente vem em seguida. Discursivizar as dificuldades, ainda que estas sejam mostradas como superáveis diferencia, de certo modo, a formulação 42 das outras duas: 40 e 41. No entanto, a aproximação que nos permite agrupá-las em rede é justamente o fato de a “saída de armários”, isto é, assumir-se frente à sociedade, ser discursivizado como algo positivo, e em 42 como algo cotidiano, sendo ainda sinônimo de autoconhecimento, no mesmo sentido das formulações 31 a 34.

Observamos, então, que essas três formulações, de certa forma, são reformulações de formulações que vimos anteriormente, cujos efeitos de sentido apresentamos no que chamamos de *frases-síntese*. Verificamos ainda que a assunção da homossexualidade pode ser deslocada de um lugar de risco, isto é, de um lugar sob rigoroso efeito normativo, se houver investimento na naturalidade que é assumir. O assumir é discursivizado como um ato cotidiano. Sendo o assumir natural, sendo este ato bem visto socialmente, assumir a homossexualidade é moralmente aceito e esperado, em oposição ao discurso em que a homossexualidade é motivo de vergonha, e deve ser ocultada, pois ofende os bons costumes.

A formulação abaixo, materialidade do gênero anúncio publicitário, é uma reformulação das formulações anteriores. A esta formulação, no entanto, nos deteremos mais, porque julgamos produtivo verificar o entrecruzamento do linguístico com o imagético para que se crie esse efeito que é regular em *G Magazine*. Observemos:

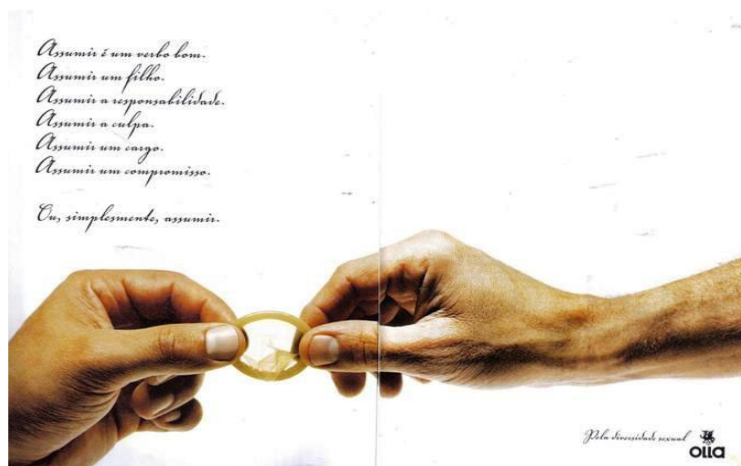


Figura 21⁴⁶

Sobre um fundo branco, do anúncio publicitário apresentado na figura 21, lê-se: “Assumir é um verbo bom. Assumir um filho. Assumir a responsabilidade. Assumir a culpa. Assumir um cargo. Assumir um compromisso. Ou, simplesmente, assumir”. Abaixo da formulação linguística, cortando horizontalmente a parte média-inferior do anúncio, a imagem de duas mãos, de homens diferentes, que se “comunicam” pelo elo formado pelo preservativo. No canto inferior direito, a formulação “Pela diversidade sexual” e a logomarca do preservativo para homens.

Conforme Achard (1983), a repetição conduz à regularização, ou seja, à organização em séries por meio de relações de sentido. Baseados nisso, podemos dizer que há regularização, e que há, por isso, em alguma medida, estabilidade acerca do uso da palavra assumir. Ratificando isso, observamos que em todas as formulações materializadas no anúncio, o verbo assumir é relacionado à conduta edificante e de comprometimento (Assumir um filho; Assumir a responsabilidade; Assumir a culpa; Assumir um cargo; Assumir um compromisso), o que justifica a conotação positiva associada à palavra assumir (Assumir é um verbo bom). “Verbo” aqui poderia ser substituído por “ato”, de modo que “assumir” é uma ação positiva.

O verbo assumir, na primeira formulação, é substantivado e tem um funcionamento sintático de sujeito numa oração nominal cujo núcleo do predicativo do sujeito indica o efeito de sentido positivo das demais formulações. Nestas, o verbo assumir é transitivo direto, e apresenta, em sua predicação verbal, respectivamente, os

⁴⁶ *G Magazine*, julho de 2007.

objetos diretos “um filho”, “a responsabilidade”, “a culpa”, “um cargo”, “um compromisso”. No jogo do verbal e não verbal do anúncio, o objeto do “simplesmente assumir” é dado pela formulação imagética de duas mãos de homens e um preservativo, que lhes serve como elo.

Por meio da retomada de uma certa “memória do assumir”, que é benévola, discursiviza-se que “assumir” é uma postura de comprometimento, seja com os outros, seja consigo, e considerando o local no qual o anúncio está posto, um periódico destinado a um público gay, aqui é bom também assumir-se gay (Ou, simplesmente, assumir), possível de ser lido também, como já foi dito, pela complementação imagética das duas mãos que assumem um compromisso no mesmo instante em que vincula-se à prática de relacionar-se sexualmente utilizando o preservativo, que acaba por delimitar quem pode ser sujeito do enunciado materializado nesta peça publicitária.

“Simplesmente assumir [-se]” homossexual, assim como “Assumir um filho”, “Assumir a responsabilidade”, “Assumir a culpa”, “Assumir um cargo” ou “Assumir um compromisso” é um conselho que é dado. Da posição de sujeito identificada, anuncia-se que se deve assumir a própria vida, assumindo as suas responsabilidades, e aqui, dentre outras, a sua homossexualidade. Enuncia-se, da posição encontrada no anúncio: assuma-se gay, simplesmente, porque assumir é bom.

A posição de sujeito, da qual se enuncia o convite à assunção, justificando que assumir é bom, funciona num jogo a partir do qual se recorda a conotação moralizante atribuída ao “assumir”, incluindo neste grupo o assumir-se gay. No anúncio, a fim de que o sujeito assuma sua homossexualidade, há, para não chamarmos de idealização, em certa medida, um esmaecimento do ponto nodal que normalmente faz com que homens gays optem por permanecerem no anonimato de suas sexualidades: a resistência da sociedade.

Ainda que varie a formulação, isto é, o modo linguístico ou imagético de materializar, a posição de sujeito é a mesma, de modo que podemos dizer, com base em Foucault (1969), que se trata de um mesmo enunciado nas formulações-reformulações.

4.3 Assumir-se: um ato “solidário”

Além de a assunção estar relacionada a um modo edificante e por isso recomendável de lidar com a própria homossexualidade, identificamos um outro efeito

de sentido, até certo ponto diferente do que verificamos nas formulações anteriormente analisadas. Observemos:

(43) **Se todos os galãs da TV que são homossexuais assumissem, isso facilitaria muito pra aquele pobrezinho que não consegue assumir** (Bananaloca, edição 5, setembro de 1997).

(44) Seria lindo se esta questão [que **homossexuais famosos saíssem do armário**] se resumisse a uma simples obrigação... (Edição 4, janeiro de 1998).

(45) **Quanto mais revelarem que o homoerotismo foi uma experiência interessante em suas vidas, mais colaboração para a diminuição do preconceito e para uma maior tolerância. E também para que mais gays saíssem da gaveta**, pois imagino que cerca de 95% dos homossexuais brasileiros ainda estão na gaveta... (Edição 45, junho de 2001).

(46) **Que os famosos tenham maior consciência em fazer seu outing para dar um exemplo positivo** (Edição 52, janeiro de 2002).

(47) **Esconder a cabeça na areia, feito avestruz só vai piorar a vida da comunidade e comprometer o futuro de jovens homossexuais depois de nós** (Edição 67, abril de 2003).

(48) E que fique a declaração de Gilberto Biesek: **“Dei a minha cara para bater, paguei um preço altíssimo, mas tenho certeza de que o exemplo que eu dei vai servir para que muitos gays façam o mesmo e não tenham medo de lutar pela dignidade”**. Assim seja! (Edição 71, agosto de 2003).

(49) Conheço muito enrustido da minha geração que amarelou. **Acredito que parte das dificuldades que sofremos hoje se deve à omissão dessa gente que não se aceita e nunca lutou por aquilo que é** (Edição 80, maio de 2004).

(50) Por outro lado, eu também vejo **uma montanha de gente que trabalha em ambientes favoráveis ou que ocupa cargos inabaláveis não tendo coragem de se assumir. Eu acho isso péssimo, sobretudo para os jovens homossexuais, porque eles nunca terão modelos positivos da homossexualidade** (Edição 103, abril de 2006).

(51) Saí do jantar com a certeza de que é preciso mesmo lutar pela presença de representações positivas dos gays na mídia e de que também **se faz urgente que outros homossexuais inteligentes, talentosos e bem-sucedidos que podem se assumir sem danos para suas vidas e públicas assumam, falem abertamente de suas orientação sexual, para que as novas gerações gays e lésbicas possam crescer com menos culpa, mais auto-estima e repertório cultural para reclamar pelos seus direitos**. Torço para que isso aconteça, embora respeite e entenda quem prefira a escuridão dos armários fechados (Edição 104, maio de 2006).

(52) **Ao se assumirem cada vez mais cedo e de maneira positiva, sem tantos traumas, nossos “adultos de amanhã” promovem maior visibilidade e aceitação. Essa atitude corajosa, com certeza, repercutirá entre a geração seguinte e a outra... E assim por diante** (Edição 106, julho de 2006).

(53) Mas também sabemos que a maioria recorre a essa prática [a prostituição] porque a sociedade não aceita a androginia e as dificuldades na hora de arrumar emprego são muitas. **Mas também sabemos que, sem referências pra formar seu próprio ideal profissional e sem perspectivas no mercado de trabalho, é difícil para uma jovem trans deixar de acreditar que seu destino está fadado às calçadas da vida.** [...]Mas, além

de leis, o que **precisamos é que trans bem-sucedidas saiam do armário e mostrem que são profissionais respeitadas**. Justamente o que elas não querem fazer! (Edição 108, setembro de 2006).

(54) É certo que cabe a cada homossexual – e só a ele – decidir se quer ou não **sair do armário**, mas, ele não pode ignorar que **essa decisão, dependendo de qual seja, tem um impacto positivo ou negativo na luta incessante dos grupos gays por uma existência digna e mais feliz** (Edição 119, agosto de 2007).

(55) A principal emissora de TV italiana, a RAI, tem **um apresentador gay assumido**. [...] Ele declarou também que **seu outing serve para ajudar quem ainda “vive no armário”, sofrendo em silêncio** (Edição 121, outubro de 2007).

Na formulação 43, a assunção não tem efeitos benéficos só para o próprio homossexual, mas é, antes, discursivizada como um ato de solidariedade com outros que ainda não se assumiram. Observamos que a condição de “galã de TV” funciona como metonímia para homens famosos, reconhecidos e respeitados, com razoável ou boa condição financeira. Este lugar de “galã”, então, funciona como facilitador para a “saída do armário”. Dessa maneira, que o “galã” saia do armário, considerando a sua situação favorável e seus status na sociedade, funciona em sua significação como um ato de compaixão com o outro discursivizado como “pobrezinho” justamente por não ter como “sair do armário”. Aqui vemos então outra vez a memória sendo “perfurada”, porque não é o homossexual quem é digno de pena, como sustenta, em certa medida, um discurso religioso, por exemplo; “pobrezinho” é aquele que não assume e que não pode assumir a própria homossexualidade porque não tem status na sociedade.

Dar ao outro as condições para que ele saia é discursivizado como motivo suficiente para que o “galã” assuma a própria homossexualidade. Em 44, semelhante ao que ocorre em 43, é discursivizado que a assunção de famosos deveria ser uma “simples obrigação”. Observemos o “simples”, que aparece silenciando as dificuldades encontradas inclusive pelos famosos. Não é novidade alguma que a homossexualidade é considerada motivo de reprovação também para os famosos, atores, cantores, enfim, celebridades, pois muitas vezes a homossexualidade resulta em perdas contratuais, reprovação do público etc.. No entanto, as dificuldades que levam inclusive os famosos a optarem pela dissimulação da homossexualidade são “esquecidas”, silenciadas para que se chame de “simples” o ato de assumir-se.

Na discursivização das formulações 43 e 44, a assunção não faz bem só para a própria vida, porque dá ao indivíduo que se assume maior liberdade e conseqüentemente felicidade. Mas a responsabilidade do assumir-se geralmente é

atribuída aos homossexuais que de alguma forma ocupam lugar de destaque na sociedade. Se eles assumirem a sua homossexualidade, os demais poderão fazê-lo sem problemas.

Na formulação 45, reformulação do que estava nas duas anteriores, discursiviza-se que revelar que experiências com o homoerotismo foram interessantes funciona como facilitador para que outros gays possam sair “da gaveta”. Aqui há a mudança do objeto de metáfora, mas o funcionamento é semelhante ao do “armário”. Mott (2000) utiliza a “gaveta” em substituição à metáfora mais comum que é a do “armário”, mas com o mesmo efeito de clausura, de pouco espaço.

Em 46, por sua vez, discursiviza-se que fazer o “outing” é dar exemplo positivo, exemplo que deve partir dos famosos. Assumir-se aqui é mostrar-se consciente do efeito positivo que a própria assunção enquanto indivíduo famoso tem na vida de outros que, por não serem famosos, podem ser mais temerosos em relação à (não) aceitação da sociedade. O indivíduo “galã” ou “famoso” é interessante no movimento justamente por conta da abrangência que sua assunção tomaria, tendo em vista que estas pessoas são focos das “lentes” midiáticas em seu poder de potencializar o alcance e a velocidade da circulação das notícias.

Em 47, discursiviza-se sobre o “outing”. Aparece aqui a retomada da preocupação e do compromisso que há entre fazer o próprio “outing” como facilitador para “outings” alhures. 47 é diferente das anteriores, no entanto, porque discursiviza que os grupos mais beneficiados pelo “outing”, ou mais prejudicados pelo enrustimento, são os membros de uma “geração futura”. Há, assim, uma preocupação com o porvir, com o futuro dos iguais. Em 49 e 50, também se ataca o enrustimento como forma de posicionar-se favoravelmente à assunção, e em 49, parte dos problemas enfrentados por homossexuais é discursivizado como resultado da não assunção de outros homossexuais de gerações anteriores. Em 50, a preocupação com os jovens homossexuais novamente é retomada, acentuando a importância de um exemplo positivo que pode ser dado por gente bem estabilizada financeiramente, com condições apresentadas como favoráveis. Em 48, o “preço altíssimo” que se paga por assumir-se é dito, mas diz-se também o quanto necessária é a exposição de um que se assume considerando as saudáveis consequências na vida de outrem. Em 46, assumir a homossexualidade é discursivizado como um passo para a **luta** por dignidade, relacionando-se ao que pode ser observado na formulação 49, e ao que vimos na formulação 19 de rede anterior, na qual assumir-se é

discursivizado também como uma conquista. Em 51, a preocupação com as gerações futuras de homossexuais aparece novamente, e são também ditos os ganhos para estas gerações futuras caso aconteçam os exemplos positivos de homossexualidade: menos culpa, mais auto-estima, mais gana e maiores condições para reclamar direitos. A melhoria no devir depende do que se faz agora, é o que se discursiviza.

Em 52, uma sutil diferença em relação às outras formulações. Nas anteriores, a assunção de outros homossexuais é facilitada pelo exemplo positivo de outros homossexuais famosos, mais velhos, enfim, de gerações anteriores. Em 52, no entanto, já são novas gerações de homossexuais que perpetuam o ciclo discursivizado em outras formulações. Aqui percebemos, de certa forma, o que Foucault (1976) havia dito acerca do movimento que faz do sexo uma questão de bio-poder⁴⁷, isto é, a preocupação com a geração futura. Operados e considerados alguns deslocamentos e distanciamentos, aqui também o sexo, e mais precisamente a sexualidade, isto é, o modo como se lida com a sexualidade é também uma questão “pública”, uma vez que tem implicações em gerações posteriores, devendo, por isso, ser regulada.

Na discursivização de 52, assumir-se cedo dá para jovens a função de exemplo positivo para uma outra geração posterior à sua. É um funcionamento que se repete, mas o efeito benéfico tem sempre como alvo a geração seguinte, seja o exemplo dado por maduros, por famosos, ou por jovens que se assumem pelos outros ainda mais jovens. Nesta formulação ainda, assumir-se, ou mais precisamente assumir-se “o quanto antes” é um ato de coragem, reformulando o “assumir-se é ser corajoso” da lista de *frases-síntese* apresentada anteriormente e exemplificado nas formulações 17 e 18.

Na formulação 53, o exemplo positivo como necessário é discursivizado outra vez, mas com a especificidade de se tratar de transexuais. Em 53, assumir-se enquanto transexual bem-sucedida é importante para que as “trans” jovens vejam outra possibilidade de carreira que não a de prostituição, aqui referida pela metáfora da “calçada”. Observamos ainda que este efeito de falta de perspectiva e prostituição se produz pelo silenciamento de quaisquer outras razões que possam levar à prostituição, como a vontade, o prazer, a vingança, ou um caminho mais “fácil” de renda, de modo que a prostituição é discursivizada como a última das opções e as pessoas que se prostituem, discursivizadas apenas como vítimas de um sistema maior de exclusão,

⁴⁷ Ver Foucault (1976), *História da Sexualidade I. A vontade de saber*.

quando sabemos, basta lembrar o caso de Raquel Pacheco, a Bruna Surfistinha, que outros caminhos, e não necessariamente a falta de algum, podem levar também à prostituição.

Na formulação 54, discursiviza-se este duplo e contrário efeito de sentido que resulta do ato de assumir-se ou enrustir-se. Esse efeito, positivo ou negativo, é dito como positivities ou negatividades para a luta, colocando o ato de assumir-se como ato de militância, como já havia sido materializado em 48 por meio do “lutar”. Em 55, novamente o “outing” é discursivizado como exemplo positivo para quem está no “armário”, e sofre, por isso, silenciosamente. O “armário”, como em outras formulações, é metáfora para a pouca liberdade e para a falta de expressão discursivizadas como características na vida de enrustidos.

Ainda que haja a reatualização de *frases-síntese* tais como “assumir é ter coragem” ou de outras já mencionadas anteriormente, o que se produz nesta rede específica é um efeito de cuidado para com o outro, de ver o outro homossexual, em condições menos favoráveis, como um semelhante que precisa de apoio. Organizamos a rede de 43 a 55, então, para mostrar o funcionamento do efeito de sentido de “solidariedade” que é produzido como uma das formas desta posição de sujeito enunciar o lugar favorável à assunção, e também de mostrar a utilidade da assunção.

Esse efeito de solidariedade parece necessário na comunidade homossexual também pelo fato de, segundo alguns autores, como Fry (1985) e Mott (2003), este ser um dos poucos, ou o único grupo de minorias que encontra na própria família, e às vezes sobretudo nela, atos de violência e incompreensão. Não são raros os casos de pais que expulsam de casa os filhos homossexuais depois de a homossexualidade ter-se tornado conhecida. Infelizmente, não são tão incomuns assim casos de homicídios cometidos pelos próprios parentes para pôr fim à vergonha que é ter um filho ou algum outro parente homossexual, fazendo funcionar o conhecido “prefiro um filho morto a um filho viado”, conforme salienta Mott (2003).

Ocorre, então, uma resignificação do sentido da família como lugar de suporte e apoio culturalmente cultivado por nós, que passa a funcionar como mais um lugar de escárnio da prática homoerótica/homoafetiva. Na falta deste suporte esperado, que seria realizado pela família, por serem, muitas vezes, os primeiros a deflagrarem a irracionalidade do preconceito, há um abandono do indivíduo que fica sem o apoio que, culturalmente, conferimos às atribuições familiares.

Com o abandono da família e de alguns “amigos”, o homossexual ridicularizado e sozinho precisa de um exemplo positivo de um homossexual feliz e bem sucedido, que possa fazer respeitada sua sexualidade. Então, é nessa ausência de exemplos familiares, por conta do afastamento ainda comum, que outras “vitrines” de comportamento devem ser erigidas, e têm um grande efeito positivo, conforme a discursivização que acompanhamos nesta rede, se estas forem modelos respeitáveis, inclusive nos modos por meio do quais vivenciam o desejo por um outro mas de mesmo sexo, para servirem de exemplo aos outros que sofrem pela incompreensão social acerca da sua homossexualidade.

Que as pessoas, dando destaque às famosas e bem quistas socialmente, assumam é também uma forma de naturalizar a homossexualidade como apenas mais uma forma de lidar com o desejo sexual, e fazer perceptível que ser homossexual em nada interfere em outras atividades realizadas, que podem, no caso dos famosos, por exemplo, ser reconhecidas e admiradas por inúmeras pessoas, sem que este mérito seja roubado pela sexualidade do indivíduo. É um modo, em suma, de dizer: “Vejam, vocês me admiram, reconhecem o meu talento e agora quero chamar atenção para o fato de eu ser homossexual. Ser homossexual é tão normal quanto ser heterossexual. Assuma-se também. Por que se negar o direito de livremente viver a sua sexualidade”? Este é o enfrentamento de valores que é discursivizado como benéfico para os homossexuais de maneira geral, e, sobretudo, como determinante para que os “armários” passem mesmo a ser lugar “pra roupa”, e nada mais.

Além do discurso filantrópico que associa a assunção de alguns indivíduos em situação econômico-social mais confortáveis a uma forma solidária de lidar com os iguais a si, mas em situações menos favoráveis ao “assumir-se gay”, percebemos o atravessamento de um discurso autoritário, mas também pedagógico, que funciona sub-repticiamente no silêncio do atravessamento semântico, isto é, na opacidade da língua.

Notemos que, no que se apresenta sob a forma de um discurso “filantrópico”, de cuidado com o outro, há um jogo de sentidos que funciona na dominação dos homossexuais, mais uns que outros, devido à especificidade do público ao qual ele é dirigido – famosos, celebridades etc. –, e na sujeição destes homossexuais a práticas que devem considerar emergencial o bem-estar de outros homossexuais. Silencia-se, destacando-se a “solidariedade” – a valorização da coletividade, que é um discurso democrático –, o imperativo que põe alguns no lugar de detentores de formas de

solução, o que lhes põe automaticamente numa situação de cobrança ético-social. Cria-se, assim, um “grande olho” que observa e julga o outro caso este outro não aceite o chamamento a esta ordem.

Percebemos o atravessamento de um discurso autoritário que funciona justamente valorizando o grupo em detrimento das individualidades. Deste modo, trata-se do discurso da “ditadura da maioria”, revolvido por um discurso que circula entre os homossexuais, que dissimula o autoritarismo desta prática, a qual consiste em cobrar do outro uma determinada postura, atribuindo a este outro o peso das dificuldades sociais enfrentadas por homossexuais, bem como a permanência dessa desigualdade. O efeito de autoritarismo, isto é a própria ditadura do “revelar-se” é obliterada na aparente transparência urgente do que se chama de solidariedade.

4.4 Assunção como confissão: efeitos do mesmo dispositivo

Foucault (1976) contesta a chamada hipótese repressiva, segundo a qual, a partir do século XVIII (era vitoriana), o poder age de forma repressiva e a sexualidade foi “encerrada”, reprimida e obrigada a se manter oculta, escondida. O autor não defende, com isso, que a interdição do sexo seja uma ilusão. Mas argumenta que “a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna” (p. 17).

O autor defende, dessa forma, que, ao invés de uma repressão da sexualidade, o que houve foi uma colocação do sexo em discurso e uma explosão discursiva a respeito da sexualidade. Mostra que houve modificação nos discursos nos séculos XVIII e XIX: falou-se menos da monogamia heterossexual, questão de interesse dos discursos ligados à moralidade e à Igreja; e mais das sexualidades periféricas. Com isso, mostra que o poder não se exerce na forma da repressão e da proibição, mas na forma dos controles sociais. O autor se afasta, assim, da concepção jurídica de poder que funciona no dispositivo da aliança e que se dá pela imagem do poder enquanto lei, enquanto soberania, para analisar “o sexo sem a lei e o poder sem o rei” (FOUCAULT, 1976, p.101), no que denominou de dispositivo da sexualidade, cuja produção de saber estava ligada a quatro conjuntos estratégicos: a histerização do corpo da mulher (mulher histórica); a pedagogização do sexo da criança (criança onanista); a socialização das

condutas de procriação (casal malthusiano); a psiquitrização do prazer perverso (adulto perverso).

Daí afirmar que a sexualidade não é algo contra o qual o poder luta, mas o nome dado a um dispositivo historicamente constituído e apoiado por saberes e poder, que funciona conforme políticas de discurso específicas. A explosão dos discursos sobre o sexo tinha uma intenção: uma sexualidade economicamente útil. Enquanto despertava o olhar da demografia, da economia, também chamou a atenção da pedagogia com a sexualidade das crianças, da medicina com a sexualidade feminina, e um ramo específico, a psiquiatria e suas perversões sexuais. O que antes era de domínio eclesiástico, a necessidade da confissão da carne, passa a ser confessada de outras formas e em outros lugares especializados, de maneira que “a ‘carne’ é transferida para o organismo” (Foucault, 1976, p.128). Por meio de dispositivos de escuta, observações, interrogações, formulações, os quais não são apenas métodos de vigília, vê-se, segundo o autor (1976), surgir o prazer de ouvir e o de contar, em um alargamento da necessidade de confissão. É o sexo em sua dupla petição: cabe ao homem extrair a verdade do sexo, enquanto cabe ao sexo dizer a verdade do homem sendo tais verdades extraídas por via do exercício constante do confessar-se.

O autor argumenta que a vida e as subjetividades são objetos do biopoder, o qual se dá na forma de agenciamentos concretos constituindo uma tecnologia do poder para o qual o dispositivo da sexualidade é um dos mais importantes. A verdade do sexo, nas sociedades ocidentais, segundo Foucault (1976), se dá, sobretudo, pela *scientia sexualis*⁴⁸. Por meio deste dispositivo, o sexo não é entendido como finalidade em si, mas é pensado cientificamente e tem como característica a confissão. É essencial para este dispositivo que do sexo se extraia mais do que simplesmente prazer; trata-se, segundo Foucault (1976) do “saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber”

⁴⁸ De acordo com Foucault (1976), historicamente, há dois procedimentos para a produção da verdade do sexo: *ars erótica* e *scientia sexualis*. A *ars erótica* é um mecanismo de produção da verdade do sexo comum em sociedades orientais, como a China, Japão, a Índia, Roma e nações árabes-mulçumanas. A verdade, neste procedimento, é extraída do próprio *prazer enquanto prática e experiência*, ou seja, o prazer é levado em consideração em si mesmo. Este saber do sexo recai sobre a prática sexual para aperfeiçoá-la e melhorar seus efeitos. Trata-se, em suma, de um autoconhecimento do corpo e do próprio sexo que tem como efeito a majoração do gozo. As sociedades ocidentais, a princípio, não possuem *ars erótica*, mas constroem a verdade do sexo por meio da *scientia sexualis*, marcada pelo desenvolvimento de técnicas que fazem dizer a verdade do sexo, diferenciando-se da arte de iniciação, tendo o mecanismo da confissão como procedimento. Conforme o autor, “a confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder” de modo que a sociedade ocidental tornou-se “uma sociedade singularmente confessanda” (FOUCAULT, 1976, p. 67).

(p.87). O que somos, escreveu o autor, é colocado em relação ao sexo (menos o sexo-natureza que o sexo-história, sexo-significação e sexo-discurso). Como isso, o homem é incitado a confessar durante todo o tempo as maiores intimidades, e o sexo, desde a penitência cristã, é assunto privilegiado nessas confissões, que são uma forma de controle, isto é, de disciplinar os corpos atribuindo a eles uma normatização. Este controle, que é classificatório, acabou por categorizar algumas formas de viver a sexualidade como desviantes, e dentre os “homens perversos” estava o homossexual. Assim, confessar a homossexualidade era também uma forma de entender e regular esse “desvio”.

Hoje, assumir-se homossexual é uma forma de continuar praticando essa confissão, com a diferença que não é mais para se disciplinar corpos no sentido de fazê-los economicamente úteis, como no século XIX. Os corpos homossexuais em *G Magazine* são expostos a uma norma que só difere por ser invertida em relação ao que se fazia: se antes a confissão da própria sexualidade era um forma de controle e disciplina, agora confessar-se gay é também para se afirmar nesse lugar. Há, pois, um efeito diferente. Conforme Foucault (1976):

[...] não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como **uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes**. É essa distribuição que é preciso recompor, como o que admite em coisas ditas e ocultas, em enunciações exigidas e interditas; com o que supõe de variantes e de **efeitos diferentes segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que esse encontra**; com o que comporta de **deslocamentos e de reutilizações de fórmulas idênticas para objetivos opostos**. Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que **o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento de poder, e também obstáculo de uma estratégia oposta**” (FOUCAULT, 1976, p.111-112).

Em *G Magazine*, o autoconhecimento relacionado à assunção da própria homossexualidade, em termos assim como era quando as diferenças sexuais foram cunhadas, também implica uma utilidade. A diferença é que essa utilidade agora diz respeito especificamente às questões de interesse da comunidade homossexual, que quer, dentre outras coisas, auto afirma-se. Ocorre, então, uma estratégia diferente de um mesmo discurso, conforme nossos grifos. Esse auto-reconhecimento, no entanto, é uma forma de se enquadrar na norma anterior que divide a heterossexualidade da homossexualidade.

Ocorre, no periódico, a incitação de que se assuma, e há a inculcação de uma disciplina que tem resultado quando todos os homossexuais confessam-se, isto é, assumem sua própria homossexualidade. Ser assumido, no entanto, é discursivizado, dentre outros efeitos, como ser livre. Esta liberdade, então, é efeito produzido pela ordem do assumir que é materializada na revista, e é efeito dessa *scientia sexualis* que não pára de se fazer e que caracteriza, conforme Foucault (1976), o modo ocidental de viver e saber (d)o sexo. Trata-se, assim, de uma liberdade dissimulada, atravessada por um discurso autoritário, porque é mais uma forma de agenciamento, de governo ao qual os corpos são expostos.

Se enrustir ou fingir ser heterossexual é estar preso à norma da heterossexualidade compulsória que alimenta o heterossexismo, e isto é “combatido” discursivamente em *G Magazine* por meio de formulações enunciadas a partir de posições contrárias ao enrustimento, isto é, favoráveis à assunção, por ser ilegítimo negar a própria liberdade de viver, ter de assumir, necessariamente, é também estar sujeito à sexualidade enquanto dispositivo⁴⁹ e seu efeito regulador.

No que se apresenta na transparência aparente de um discurso libertário, há, antes, controle/regulação/disciplinarização, de modo que o agenciamento que se dá tem como condição e efeito uma necessária identificação em relação à maneira como se lida socialmente com a sexualidade, o que implica, inevitavelmente, para ser sujeito deste discurso, inclusive enquanto prática discursiva, estar sob efeito de uma ordem, “a ordem do assumir”.

A partir de Foucault (1976), consideramos que dizer sim à própria homossexualidade não é negar o poder, isto é, não é exatamente um ato libertador; é antes seguir a linha do dispositivo da sexualidade. O autor já havia dito que a única forma de fazer do poder algo tolerável é mascarando-lhe uma parte, daí se aceitar de forma normalmente pouco conflituosa que o poder seria apenas o que impõe limites à liberdade. Mais especificamente, o autor já havia formulado sobre a ironia do dispositivo da sexualidade: “é preciso acreditarmos que nisso está nossa ‘liberação’ ” (FOUCAULT, 1976, p. 174).

⁴⁹ Ver Foucault (1976), *História da Sexualidade I. A vontade de saber*.

4.5 Assunção e militância

Nas formulações 19, 48, 49 e 54, é discursivizada a importância da relação entre o assumir-se e o engajar-se em lutas do grupo L.G.B.T.. Essa relação, no entanto, extrapola as quatro referidas formulações como observaremos na rede de formulações-reformulações abaixo:

(56) Mas, principalmente, **saíam dos armários para que realmente a homofobia passe a ser coisa do passado**. Isso não fica bem no ano 2000, né, não? (Edição 6, março de 1998).

(57) **[Sair do armário] Ajuda na desmistificação [da homossexualidade], com certeza** (Edição 27, dezembro de 1999).

(58) **Adeus, armários. Cada vez mais gays e lésbicas expõem sua história – e intimidade – em revistas e TVs, colaborando para a diminuição dos preconceitos e para a evolução dos costumes** (Edição 33, junho de 2000).

(59) Para a **nova consciência gay** que borbulha Brasil afora, fica claro que – ao decidir o próprio voto – o que conta realmente é o comprometimento do candidato com as causas GLBT, suas disposição de defendê-las publicamente por meio de apresentação de propostas concretas que combatam a discriminação, na prática em todos os níveis. **Cabe agora eleitor livrar-se do rótulo de alienado e sair do armário também na hora de votar** (Edição 36, setembro de 2000).

(60) Aliás, acho **que, se todos os homossexuais que conheço que ainda estão no armário decidissem sair, seria mais fácil conquistar a cidadania plena** (Edição 38, novembro de 2000).

(61) **A visibilidade das minorias fará grandes mudanças!** (Edição 40, janeiro de 2001).

(62) [...] **para lutar, é preciso acreditar e achar justa a causa. O outing é uma forma de luta? COM CERTEZA! Quem o faz é por sentir a injustiça de estar sendo ou de estar vendo um irmão ser discriminado de todas as formas, e muitas vezes até ser morto. Mas na maioria das vezes somos muito acomodados. Sei que dá medo, mas é preciso vencê-lo mais do que nunca, pois será a visibilidade das minorias que fará a mudança!** Isso vale para tudo, mas fica aqui um desejo meu e, tenho certeza, de muita gente: **Que 2001 seja o ano do outing consciente e maduro!** (Edição 40, janeiro de 2001).

(63) **Quanto mais revelarem que o homoerotismo foi uma experiência interessante em suas vida, mais colaboração para a diminuição do preconceito e para uma maior tolerância [...]** (Edição 45, junho de 2001).

(64) Por seu caráter coletivo, ela constitui um ato político de primeira grandeza: **assumir-se homossexual a céu aberto é um gesto de afirmação de grande alcance social, cultural e psicológico. [...] Para a multidão homossexual que sai às ruas é fundamental a visibilidade, ponto fim à clandestinidade que só gera problemas** (Edição 47, agosto de 2001).

(65) **Se tirarmos a cabeça da areia e olharmos de frente para o mundo, com certeza seremos mais dignos e respeitados. A receita é abrir as portas e, gradativamente, sair do armário [...]** (Edição 64, janeiro de 2003).

(66) No entanto, a partir do movimento “saindo do armário”, **significativos têm sido os avanços no sentido de emprestar maior visibilidade e assegurar mais respeitabilidade aos vínculos homoafetivos** (Edição 65, fevereiro de 2003).

(67) **Somente a nossa visibilidade poderá nos ajudar. Quando tivermos coragem – todo nós – de mostrar a nossa cara, de cobrar nossa cidadania, poderemos vislumbrar algo diferente** (Edição 67, abril de 2003).

(68) A gente pode, sim, ser respeitado como a gente é! Para mim, a **Confiança e a Credibilidade que queremos ter dos outros nascem em você, e essa força, essa verdade, põe-se, fica estampada no seu rosto como um mérito, e não dentro do armário, como um segredo insano** (Edição 69, junho de 2003).

(69) **Sair da clandestinidade e dar visibilidade a nossa sexualidade são condições imprescindíveis para a construção de uma sociedade democrática e livre** (Edição 73, outubro de 2003).

(70) **Lutar por cidadania começa em reconhecer nossa homofobia, aceitar nossa identidade e não se camuflar. Você concorda?** (Edição 93, junho de 2005).

(71) **À medida que homossexuais vão tomando coragem de mostrar a cara e de usar sua voz, a homofobia encolhe aos seus próprios limites de irracionalidade** (Edição 132, setembro de 2008).

Na formulação 56, assumir tem efeitos positivos na diminuição da homofobia que vigora. Em 57, de forma semelhante, a “saída do armário” é uma aliada para a desmitificação da homossexualidade. Na formulação 58, assumir-se é discursivizado como modo de expor as próprias histórias. Esta exposição tem efeito positivo no sentido de que colabora para que preconceitos diminuam, permitindo, dessa maneira, a evolução de costumes, o que de outro modo significa que é preciso ser visto para, mais que ser lembrado, ser respeitado.

Já na formulação 59, “sair do armário” tem um outro efeito de sentido, ainda que também resulte em efeitos benéficos para a causa homossexual. “Sair do armário” na hora de votar é o que se discursiviza, e com isso se diz que o candidato escolhido pelos homossexuais deve ter comprometimento com as causas L.G.B.T.. Não ser alienado, nessa formulação, é expressar por meio do voto a necessidade de ter, na esfera política-partidária, representantes e defensores das questões relacionadas aos homossexuais. Assim, nessa formulação, “sair do armário”, mais que tornar a própria homossexualidade conhecida, é mostrar-se cidadão utilizando o direito de voto em prol da comunidade L.G.B.T.. Assumir-se, então, é também mostrar-se engajado nas questões políticas, e, mais precisamente, mostrar-se atuante em relação à eleição de representantes da voz dos homossexuais na esfera política.

Na formulação 60, “sair do armário” também resulta em ganhos de cidadania, porque funciona como agente facilitador para “a cidadania plena”. Em 61, esses ganhos são discursivizados como “grandes mudanças”, e o assumir-se como forma de obtenção de visibilidade. A formulação 62 discursiviza o “outing” como forma de militar, e que mesmo havendo o medo da exposição e de suas consequências sociais negativas, o medo deve ser superado para que haja visibilidade. Assim como em 61, a visibilidade das minorias resulta em mudanças e é um ato que demonstra consciência e maturidade.

Na formulação 63, retoma-se alguns dos ganhos referidos em outras formulações com maior especificidade. Trata-se de, sendo o homoerotismo revelado, colaborar para a diminuição do preconceito e para que haja mais tolerância. Na formulação 64, o “armário” é discursivizado enquanto forma de clandestinidade que gera problemas. A posição contrária, isto é, assumir-se, é importante, de modo que a Parada de Orgulho Gay é discursivizada como forma de “assumir-se a céu aberto”, sendo, assim, a visibilidade das Paradas é importante para pôr fim aos “armários”.

Assumir, em 65, ou seja, “tirar a cabeça da areia” para ver o mundo é condição para que o respeito e a dignidade, que são anseios e motivos para a causa L.G.B.T., sejam alcançados. Em 66, alguns desses avanços são discursivizados já como resultados da saída do “armário”. A maior visibilidade e maior respeitabilidade às relações homoafetivas são, portanto, alguns desses resultados positivos que são possíveis com o fim da clandestinidade de homens que se trancafiavam em “armários”. Em 67, esta visibilidade é discursivizada como ato de coragem confirmando que este é também, como apontamos antes, um efeito de sentido regular no periódico.

As formulações 68, 69, 70 e 71 também discursivizam a assunção como um ato de militância. Em 68, a aceitabilidade da homossexualidade pela sociedade deve partir do próprio homossexual, sendo o “armário” discursivizado como um modo insano de esconder-se. Em 69, a visibilidade da sexualidade é discursivizada como imprescindível para que se tenha uma sociedade democrática e livre. Na formulação 70, são ditos os primeiros passos para que se lute por cidadania: auto-reconhecimento, inclusive da própria homofobia internalizada, auto-aceitação e assunção. Em 71, o **assumir-se** é novamente discursivizado como um ato de coragem e há reatualização da insanidade do “armário” no dizer de 68. Na formulação 71, discursiviza-se que a visibilidade faz com que se explicita a irracionalidade que sustenta a homofobia, sendo, por isso, importante para a causa L.G.B.T. a visibilidade, que serve como arma na diminuição do

preconceito. Trata-se, neste caso, de mostrar que a razão do preconceito é, pelo menos parcialmente, arbitrária e irracional. A visibilidade, assim, é uma estratégia para denunciar o funcionamento irracional do comportamento homofóbico, pois quanto mais vistos os homossexuais, isto é, quanto mais visibilidade o grupo tiver, mais se mostra a irracionalidade do preconceito.

Nas formulações de 56 a 71, discursiviza-se o ganho e a perda social que se relaciona ao ato de assumir-se ou enrustir-se, respectivamente. Se vimos em redes de formulações-reformulações anteriores que assumir é discursivizado como ato de “solidariedade”, nessa rede esse efeito continua aparecendo, mas a assunção é dita sobretudo como modo de lutar a favor das causas L.G.B.T., como um ato de militância.

4.6 Considerações finais

Discursivizado como modo de mostrar o prazer em viver, de ser corajoso, de ser macho, de ser verdadeiro, de ser motivo de louvor, como modo de ser feliz, de ser digno, de ter auto-conhecimento, de ter amor próprio, de ser livre, e ainda como modo de ser “solidário”, consciente e, por fim, militante, o que ocorre em *G Magazine* é um agenciamento do corpo, de forma que o indivíduo, por meio da prática da assunção, se constitui como sujeito moral da política L.G.B.T., logo como um sujeito militante.

A militância, de forma mais ampla, tal como é discursivizada na *G Magazine*, é objeto de observação e análise do capítulo seguinte, mas já neste destacamos o investimento para que tal moral seja constituída e que os indivíduos sejam dela sujeitos através da prática do assumir-se, discursivizada como tão importante para as questões concernentes à luta de homossexuais pelo direito de viver, sem a necessidade de esconder a sua sexualidade e pela briga política para que sejam disponibilizados para este grupo os mesmos direitos acessíveis a outros.

5. O ATIVISMO EM *G MAGAZINE*: UM CONVITE/UMA INTIMAÇÃO À MILITÂNCIA

Vimos, no capítulo anterior, que o assumir-se homossexual em *G Magazine* apresenta regularmente alguns efeitos de sentidos que foram listados anteriormente em forma de *frases-síntese*, e demos destaque ao efeito de militância que enrustir ou assumir acarreta. Neste capítulo, extensivo ao efeito ativista observado desde as redes de formulações-reformulações de capítulos anteriores, mais especificamente analisaremos o modo como a militância é discursivizada na revista, e por meio de quais outras práticas de si os indivíduos homossexuais podem tornar-se sujeito moral dessa política gay ativista.

5.1 O movimento gay do Brasil: um breve histórico

O modo militante é incentivado no meio homossexual, e, sobretudo depois do evento “mítico” de *Stonewall*. Segundo Fry (1985), a Rebelião de *Stonewall*, ocorrida em 28 de junho de 1969, corresponde, para os homossexuais, ao que foi a Tomada da Bastilha para a Revolução Francesa. A disputa entre homossexuais que frequentavam o bar “*Stonewall Inn*”, bar gay localizado no conhecido gueto gay estadunidense de Christopher Street, e a polícia estadunidense que queria interditar o estabelecimento, resultou em uma disputa que durou todo um fim de semana, e, na ocasião, os homossexuais ali reunidos gritavam expressões que soavam como resistência e palavras de ordem como “Poder Gay”, “Sou bicha e me orgulho disso”, “Eu gosto de rapazes” etc.. Alguns envolvidos neste evento, posteriormente, organizaram-se para a criação da Frente de Libertação Gay, que criou, por sua vez, o jornal *Come out* (Assuma-se), que, em seu turno, passou a circular incentivos ao assumir-se homossexual e, conseqüentemente, à saída da clandestinidade que resultaria num modo militante de vivenciar, de certo modo, determinado pela homossexualidade e seus desdobramentos. De acordo com Fry (1985), uma parcela relevante, para a época, da população acatou essas palavras de ordem para sua vida cotidiana, de modo que a assunção da homossexualidade passou a caracterizar o grupo na busca necessária por visibilidade.

Ao evento de *Stonewaal* atribuímos o caráter de mito porque, como sabemos, este único evento não teria propiciado a explosão do incentivo à militância se não

houvesse também outras condições de possibilidade. Podemos dizer mais: a própria rebelião é uma resposta à censura da polícia justamente como efeito de condições de possibilidade que permitiram tanto a censura quanto a reação. No entanto, na necessidade de um evento fundante, a rebelião de *Stonewall* ocupa esse lugar ideal de origem da luta homossexual por seus direitos, tanto que esta data, 28 de junho, ficou conhecida como o dia internacional do orgulho gay conforme dissemos antes.

No Brasil, conforme Zanatta (1996-1997), dois acontecimentos foram importantes para a explosão de grupos gays organizados que surgiram na década de 80. Um deles foi a criação do *Lampião da Esquina*, cunhado em 1978, que foi, como dissemos em capítulo anterior, o primeiro jornal gay brasileiro a se vincular mais diretamente à questão do “esclarecimento” e da militância, como observa a autora. O *Lampião*, reiterando o que já dissemos antes, circulou até julho de 1981, cessando suas atividades na 37ª edição. O segundo acontecimento fundamental foi a formação, em São Paulo, no final da década de 70, no mesmo ano de criação do *Lampião*, do Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, que, posteriormente, vai adotar o nome *Grupo Somos de Afirmação Homossexual*.

Segundo Zanatta (1996-1997), o *Somos* é considerado o mais ativo de todos os grupos gays organizados, e já no final do primeiro semestre de 1979, agrupava quase uma centena de associados. O *Somos*, assim como fora o projeto do *Lampião da Esquina*, nasce da necessidade da formação de uma identidade grupal, apresentando-se como resposta à necessidade de maior conscientização, tanto individual quanto social, no que diz respeito à sexualidade.

As histórias do *Lampião* e do *Somos* se cruzam, inclusive porque havia membros que eram tanto colaboradores do periódico quanto organizadores do *Grupo*, a exemplo de João Silvério Trevisan, que já mencionamos. Além disso, como observa Zanatta (1996-1997), o *Grupo Somos* utilizou o lugar de circulação propiciado pelo impresso *Lampião* para incentivar, em outros lugares do Brasil, a criação de novos grupos gays de reflexão e militância. A resposta, conforme observação da autora, é positiva, uma vez que se viu, na década de 80, o aparecimento de diversos grupos em variados rincões brasileiros.

Em 3 de fevereiro de 1980, em São Paulo, ocorria o I Encontro Brasileiro de Homossexuais, e, na edição 22, de março do mesmo ano, o *Lampião* trazia a seguinte lista de grupos gays organizados no Brasil já naquela ocasião, sob o título “Escolha aqui

sua turma”: *Somos* – Rio de Janeiro, *Auê* – RJ, *Grupo de Atuação e Afirmação Gay* – RJ, *Somos* – Sorocaba, *Beijo Livre* – Brasília, *Eros* – São Paulo, *Facção Lésbico/Feminista* – SP e *Libertos* – Guarulhos.

Na edição 25 do *Lampião*, de junho de 1980, à lista dos grupos organizados foram acrescentados mais três nomes: *Terceiro Ato* – Belo Horizonte, *Grupo Gay da Bahia* – Salvador, *Grupo de Santo André* – Santo André. Na edição 26, outros dois grupos novos: *Fração Gay da Convergência Socialista* – SP; *Grupo Outra Coisa-Ação Homossexualista* – SP. Quatro novos grupos apareceram na edição 27: “GOLS” - ABC - *Grupo Opção à Liberdade Sexual* – Santo André, *GATHO* - *Grupo de Atuação Homossexual* – Olinda, *NÓS TAMBÉM* – João Pessoa e *Auê* – Recife. Na edição do mês de setembro, de 1980, o grupo *Banda de Cá*, de Niterói, também passa a fazer parte da lista dos grupos gays organizados no Brasil conforme materialização no *Lampião*. Além destes, enquanto o jornal circula, de acordo com Zanatta (1996-1997), ainda surgiram os seguintes grupos: *Coligay* – Rio Grande do Sul, *Grupo Terceiro Mundo* – RS, *Coletivo Alegria Alegria* – SP e *Terra Maria: Opção Lésbica* – SP. Como observa MacRae (1990), entre o final de década de 70 e início dos anos 80, houve uma grande proliferação dos grupos de militância homossexual, e, conforme o cômputo de Zanatta (1996-1997), considerando que o *Lampião da Esquina* também seja um grupo militante, entre abril de 1978 e fevereiro de 1981 surgiram, no Brasil, cerca de 22 grupos homossexuais ativistas.

O fechamento do *Lampião da Esquina* resulta na desorganização do movimento, isto porque o impresso funcionava como zona de convergência das “vozes” dos grupos gays de todo o Brasil. Segundo Zanatta (1996-1997), o movimento entra em refluxo, e os enfrentamentos internos bem como a perseguição repressiva fazem com que os grupos se desorganizem, pondo em dúvida suas formas de atuação. Os grupos maiores e mais organizados, a exemplo do Grupo Gay da Bahia (G.G.B.), no entanto, mantêm suas atividades, inclusive participando de eventos acadêmicos. Em 1981, no encontro anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o G.G.B., segundo a autora, lidera um abaixo-assinado contra o parágrafo 302.0 da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, que classificava o “homossexualismo” como desvio e transtorno sexual.

A relação entre a saúde e o movimento homossexual não para de se fazer, inclusive porque, em meados dos anos 80, mesmo depois do “homossexualismo” ter

sido abolido enquanto transtorno sexual pelo Conselho Federal de Medicina, houve uma forte associação entre a AIDS, que explodia, e os homossexuais. A AIDS foi chamada, segundo Zanatta (1996-1997) de “peste rosa”, “peste gay”, “câncer gay”, dentre outros nomes que problematizavam menos a própria doença que os homossexuais a ela largamente associados. Conforme a autora, as dificuldades internas, bem como o pânico causado pela AIDS e a associação aos grupos chamados “de risco” fizeram com que o movimento homossexual, em grande parte, se fechasse, prostrado. No entanto, a diminuição e o enfraquecimento, comenta a autora, não significou o fim da militância gay no Brasil, tendo como exemplar ponto de resistência o já referido G.G.B., que na década de 90, junto com o surgimento de novos grupos militantes organizados, voltaram ou começaram com novo fôlego, principalmente atuando no que diz respeito à AIDS e suas vítimas, reiterando, então, o que dissemos acerca da associação entre a militância gay e saúde.

A relação entre a imprensa gay e a militância, desaparecida desde o fechamento do *Lampião*, reapareceu com o lançamento da *SuiGeneris*, como dissemos em capítulo anterior, em janeiro de 1995, mesmo ano que surgiu também a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (A.B.G.L.T.⁵⁰). Depois da *SuiGeneris*, outras revistas surgiram, como a *G Magazine*, associando-se, ao longo de sua constituição, à questão do ativismo.

5.2 Lutar é a palavra de ordem

A luta é discursivizada em *G Magazine* em seções variadas, e, como vimos em capítulos anteriores, mesmo quando discursiviza-se sobre a homofobia ou o assumir-gay, a questão da luta é atravessada como necessária para que o movimento homossexual tenha força e que seus integrantes não encontrem em sua sexualidade a razão de subtração de seus direitos.

Na rede apresentada a seguir, podemos observar o efeito de sentido que se produz associando a militância à questão da luta, e como esse efeito é marcado na materialidade das formulações-reformulações. Vejamos:

⁵⁰ Segundo o site da A.B.G.L.T. , hoje a associação é uma rede nacional de 237 organizações afiliadas, sendo a maior rede L.G.B.T. na América Latina.

(1) No fundo, nós **temos de pegar nas mãos a responsabilidade social e histórica e levá-la adiante sem depender do preconceito**. Isso é uma maneira de vencê-lo (Edição 5, fevereiro de 1998).

(2) Acho muito **importante para o gay se envolver com o movimento. E temos obrigação de lutar por uma sociedade mais aberta, menos machista, homofóbica, hipócrita** (Edição 7, abril de 1998).

(3) O projeto da União Civil proposto ao Congresso Nacional pela deputada Marta Suplicy até hoje não foi votado, dia após dia sabemos de algum caso de homossexual assassinado, e que as Forças Armadas expulsa oficiais gays, e **o que temos feito? Muito, mas devemos fazer mais** (Edição 15, dezembro de 1998).

(4) Sempre acreditei que não bastava **sonhar**; sonhar é muito importante, nos dá gás para continuar caminhando, mas **não basta. É necessário atitude e ousadia** (Edição 19, abril de 1999).

(5) Então é **necessário que brigemos por nossos direitos, o de expressar livremente o nosso afeto, e sermos respeitados plenamente. A construção da cidadania é estabelecida passo-a-passo, depende de cada um de nós** (Edição 19, abril de 1999).

(6) **O preconceito está aí e tem de ser banido se quisermos lutar por dias melhores. E o trabalho deve começar em casa** (Edição 36, setembro de 2000).

(7) Acho que o mundo está enlouquecido demais. Mas **não podemos ficar parados, não! Temos de lutar por leis que defendam o ser humano gay** desses imb... (*Ops!*) (Edição 51, dezembro de 2001).

(8) **Que todos tenham consciência e lutem por seus direitos** (Edição 52, janeiro de 2002).

(9) **Acho comodismo e covardia deixar para os outros/as a responsabilidade da luta que cabe a cada um/a de nós. E a luta só será legitimada se a comunidade participar dela** (Edição 56, maio de 2002).

(10) **Atrevimento é o que falta às bichas e sapatas para romperem com a lógica subserviente sob a qual se colocam no dia-a-dia. Vamos deixar de ser coniventes com tudo isso, não permitindo que nossa cidadania seja controlada pelo outros, porque, sem bichice, não tem mundo melhor** (Edição 59, agosto de 2002).

(11) Novo Código Civil nasce ultrapassado e discriminatório. [...] Igualmente é **preciso que os interessados nessa matéria lutem por mais visibilidade, que mostrem ser cidadãos que pagam impostos, que têm direitos e que esses direitos devem prevalecer** (Edição 66, março de 2003).

(12) **Não adianta ficar dependendo de alguns poucos “líderes”** que vão contestar injustiças e mudar as leis – sob pena de nos expormos à manipulação de alguns aproveitadores(as). **Gostemos ou não, cada um de nós homossexuais precisa ensinar a sociedade a respeitar nossa maneira de amar** (Edição 67, abril de 2003).

(13) Ora, **papai ou mamãe não lutarão para mudar esse quadro. Seremos nós, donos dos nossos destinos, visando à plena realização cidadã da comunidade homossexual** (Edição 69, junho de 2003).

(14) Somente artistas gays de cinema, teatro e televisão beijam na boca publicamente. Vamos jogar essa vontade nas ruas, nas praças, ou seja, lá onde

for. **Vamos gritar por liberdade e correr atrás dela. Estamos vivos e com vontade de amar e ser amados e também de mostrar esse amor. Temos que mudar esse quadro** (Edição 69, junho de 2003).

(15) Cor, etnia, religião, política... enfim, são muitas as diferenças entre os homens, mas uma delas é fundamental: **a orientação sexual. Lutar para que essa diferença não seja motivo de preconceito é dever de todos e, se cada um fizer a sua parte, viveremos melhor** (Edição 75, dezembro de 2003).

(16) **Precisamos de liberdade, dignidade e amor-próprio, pois temos direito de viver de acordo com a vocação do nosso amor. Coisas que ninguém nos dará de graça** (Edição 81, junho de 2004).

(17) **As trans deveriam acordar e ir à luta pelos seus direitos, e ousar mudar**, para, num futuro, deixar de viver às custas de clientes sem rostos [...] (Edição 82, julho de 2004).

(18) Em todos os tempos e lugares, **oprimidos se rebelaram contra a ordem repressora**. Isso quer dizer que **a liberdade precisa ser conquistada mesmo contra a lei**, pois está acima da ordem injusta (Edição 93, junho de 2005).

(19) **É preciso envolvimento para que as políticas destinadas ao nosso segmento sejam efetivadas** (Edição 112, janeiro de 2007).

(20) **Vamos todos ajudar para que a discriminação contra GLBT vire crime** (Edição 117, junho de 2007).

(21) **O que precisamos é [d]a mobilização da nossa comunidade da mesma forma que está sendo feita pelos opositores** [sobre a aprovação da lei que criminaliza a homofobia, em tramitação no Senado] (Edição 130, julho de 2008).

Na discursivização da formulação 1, o indivíduo homossexual é interpelado a trazer para si a responsabilidade de lidar com a cultura e a sociedade, enfrentando o preconceito. Para ser sujeito dessa prática, faz-se necessário subjetivar-se como homossexual militante, sendo a militância tomada como ato de enfrentamento do preconceito. “Pegar nas mãos” funciona, no silenciamento característico da memória discursiva, em contraste a “lavar as mãos”.

Na formulação 2, discursiviza-se que é importante para o homossexual engajar-se à causa. A luta por uma sociedade “mais aberta”, “menos machista, homofóbica, hipócrita” é discursivizada como obrigação, indicando, assim como no capítulo anterior, o atravessamento de um discurso autoritário. Na formulação 3, fazer algo em prol do direito de uma coletividade homossexual é também um dever. Aqui também funciona o discurso autoritário, que, em nome do coletivo, enfraquece ou inviabiliza a vontade individual.

Na formulação 4, discursiviza-se sobre o contraste entre “sonhar” e “agir”. O sonho, nesse caso, refere-se a uma sociedade ideal, que não segrega. Faz-se o contraste, todavia, porque essa sociedade sonhada não existirá sem esforço, de modo que sonhar “não basta”; é preciso, antes, “atitude e ousadia”, inclusive para que o sonho seja uma concretização possível. Na formulação 5, identificamos o efeito de sentido em que os indivíduos devem entender que é necessária a briga pelos direitos negados que impedem os homossexuais de serem plenamente respeitados, e, mais que isso, devem pôr em prática essa briga, sujeitando-se, portanto, a esse “manual” de conduta. Se em 4 discursiviza-se sobre uma sociedade ideal, em 5, sobre construção da cidadania, e para que a cidadania seja erigida, cada homossexual tem de ser recrutado, tornando-se peça fundamental para que os ganhos sejam alcançados.

Na formulação 6, o efeito da luta “por dias melhores” vincula-se à derrocada do preconceito, num trabalho que começa “em casa”, isto é, atuando com o que ocorre mais perto. Em 7, os homossexuais são convocados a lutarem por leis que defendam os iguais a si no que diz respeito à sexualidade. Na formulação 8, lutar pelos seus direitos é um indício de consciência. Os que não lutam, portanto, vivem uma espécie de alienação. Nessa formulação, silencia-se, entretanto, que a luta obrigatória discursivizada é também ideológica, e, por isso, em certa medida, dissimuladora, ou, se quisermos, alienadora.

Na formulação 9, os homossexuais que não lutam acabam deixando a responsabilidade que lhes cabe a outros, sendo, portanto, considerados acomodados e covardes. Novamente, a luta é discursivizada como necessariamente uma batalha de todos, de modo que sua legitimação depende da participação da comunidade, correspondendo aqui a cada homossexual. Não engajar-se é ser responsável pelo fracasso da luta travada pelos “corajosos” integrados ao movimento.

A formulação 10 retoma o que estava na formulação 4, quando se fala da necessária “ousadia”. No caso de 10, a “ousadia” é chamada “atrevimento”. Ser atrevido, nessa discursividade, é deixar de ser subserviente a quem quer controlar a cidadania dos homossexuais. Ocorre, porém, a dissimulação de que ser um homossexual “atrevido”, conforme efeito de sentido da formulação, é também ser controlado pela ordem de engajar-se ao movimento. A formulação 10 é marcada pela expressão “sem bichice não tem mundo melhor” que produz um efeito de sentido em que o movimento, os espalhafatos são necessários para que sejam vistas e quiçá atendidas as reivindicações.

Na formulação 11, o efeito é de que a visibilidade é importante para que os direitos que são negados aos homossexuais sejam-lhes garantidos. Há, nessa formulação, um contraste entre os deveres que devem ser cumpridos por qualquer cidadão, independente de sexualidade, e os direitos que são negados justamente com base no que não é considerado quando da arrecadação tributária – a sexualidade.

As formulações 12 e 13 assemelham-se. Nas duas, discursiviza-se que a responsabilidade da luta cabe a todos os homossexuais e não a um grupo de alguns representantes, como no caso de 12, ou ainda a “papai ou [a] mamãe”. A formulação 12, que discursiviza negativamente a dependência de alguns raros líderes que tomariam a luta por todos os homossexuais, operam também o discurso pedagógico e o discurso disciplinar, indicando que cabe à comunidade homossexual ensinar a sociedade a respeitar a homossexualidade. Nessa formulação, o ensinamento que deve partir dos homossexuais para a sociedade independe de sua vontade. Goste ou não goste, o homossexual deve ensinar o mundo a respeitá-lo. Aqui observamos, então, o que é comum ao discurso autoritário, isto é, uma “ditadura da maioria”, que se fortalece ao enfraquecer os indivíduos, ou melhor, suas vontades individuais.

Em 12, é discursivizada a sexualidade como “maneira de amar”, logo, discursiviza-se a afetividade numa relação homossexual, ocorrendo a contraidentificação com o discurso em que as relações entre pessoas do mesmo sexo são exclusivamente libidinais e desprovidas de afeto. Falar de afetividade é fazer da relação entre homens algo natural, visto que envolve amor. Nesse caso, dever-se-ia falar em “homoafetividade”. Em 14, há mudanças a serem feitas que dizem respeito à liberdade de mostrar afeto em público. Nesse caso, o beijo condensaria o carinho que é vetado aos homossexuais em ambientes públicos. A demonstração da afetividade é, assim como em 12, discursivizada como amor. O cuidado lexical marca ainda que é presumida uma “elevação” espiritual do amor em contraste com a “baixeza” pagã do sexo.

Na formulação 15, a luta pela diminuição do preconceito é discursivizada, como já vimos em outras formulações, como de responsabilidade “de todos”. O pronome indefinido, entretanto, refere-se, sobretudo, aos homossexuais tomados em sua totalidade, e não exatamente a todas as pessoas. A participação de cada homossexual é um dever e não uma opção; uma vida melhor, isto é, sem preconceito contra gays, é justamente condicionada pelo efetivo engajamento de cada um. Há, assim, tanto uma imposição quanto uma cobrança, funcionando na regulação dos homossexuais. Em 16,

discursiviza-se a liberdade, a dignidade e o amor-próprio como conquistas. A forma individual e própria que cada um teria de assegurar tais elementos, no entanto, é regulada, funcionando nesse controle uma espécie de “manual de militância”, de modo que ser militante é se identificar com aqueles pré-requisitos, e, necessariamente, pô-los em prática. Apesar desta subserviência ao modo estabelecido de ser homossexual-militante, fala-se em uma liberdade necessária. Na formulação 16, a homossexualidade é discursivizada como “vocação do nosso amor”, marcando um posicionamento que já discutimos, mas que se faz no contraste entre amor e sexo.

Semelhante ao que acontece em 4 e em 10, na formulação 17 fala-se em ousadia, que significa ir à luta e lutar pelos direitos. Posicionar-se como militante é dito como “acordar”, reatualizando o sentido que vimos anteriormente de que engajar-se no movimento gay corresponde a não ser alienado, como se quem milita estivesse livre do processo de alienação.

Na formulação 18, discursiviza-se sobre oprimidos e repressão, indicando que em todos os tempos os oprimidos rebelaram-se contra a ordem repressora. Essa formulação é atravessada pelo discurso marxista no que tange à divisão da sociedade de classes em “opressor” e “oprimido”, produzindo o efeito de que a liberdade deve ser conquistada. Novamente, silencia-se, entretanto, que a liberdade esperada implica uma subserviência a uma ordem que regula os homossexuais, disciplinando-os e transformando-os a fim de formar militantes. Na formulação 19, o que é comum à rede é que a efetivação das políticas destinadas à comunidade homossexual depende do envolvimento de cada homossexual. Em 20, discursiviza-se sobre a participação de cada homossexual para a aprovação da PLC 122/2006, que criminaliza a homofobia. Em 21, mais uma vez, os homossexuais são chamados   mobilização para garantir o que lhes   de interesse próprio, ou o que assim lhes é apresentado, e no caso, a criminalização da homofobia. Nessa formulação, a organização do grupo gay   necessária também porque os opositores do PLC122 são discursivizados como organizados. Organização resulta em fortalecimento.

Na rede, de modo geral, a questão da luta L.G.B.T. organizada aparece como determinante para que as reivindicações do grupo sejam aprovadas. Esse sentido de necessário engajamento com a causa L.G.B.T. verificamos também por conta de alguns lexemas específicos, que comumente remetem a lugar de embate. Por exemplo, a “luta”, seja como verbo, seja substantivo, tem 9 ocorrências na rede de formulações-

reformulações acima. Além de “lutar”, “brigar” também aparece funcionando no mesmo campo semântico da primeira. Ainda “banir” (o preconceito deve ser banido), “rebelar” (Em todos os tempos e lugares, oprimidos se rebelaram contra a ordem repressora) e “conquistar” (a liberdade precisa ser conquistada) são selecionadas como indício do tom ativista que as formulações produzem e reproduzem. Em todas as formulações, notamos o efeito de enfrentamento, de disputa, e esse sentido bélico está inscrito na língua.

Além do sentido de enfrentamento, que é comum em qualquer discurso militante, percebemos a recorrência de um discurso autoritário no modo como os homossexuais são chamados a se constituírem enquanto sujeitos do que chamamos de moral político-militante. Em toda a rede de formulação-reformulação, de 1 a 21, percebemos a incitação ao engajamento dos homossexuais na luta e o chamamento para que não se deixe para alguns poucos a responsabilidade de lutar pelos direitos que deveriam ser comuns a todas as pessoas, independente de sexualidade.

Esse efeito injuntivo foi observado no funcionamento de cada uma das formulações que formam a rede de 1 a 21, mas alguns elementos e sequências linguísticas podem ser descritos mais minuciosamente. Ressaltamos que não seria necessária tal análise, mas, por ser um dos elementos que contribuem para o todo significativo, resolvemos, ainda que brevemente, elencar e comentar alguns dos componentes linguísticos que ajudam na produção do efeito de injunção.

Em “temos de pegar a responsabilidade”, “temos obrigação de lutar”, “temos que mudar esse quadro”, “temos de lutar”, “o preconceito [...] tem de ser banido” observamos uma função conativa, e isto se dá pela seleção de alguns lexemas que sozinhos ou em conjunto de outros produzem esse sentido. As formas verbais sequer estão no modo imperativo, mas produzem um efeito semelhante no que diz respeito à ordem que tais formulações fazem funcionar. O mesmo ocorre com “É necessário atitude e ousadia”, “é necessário que brigemos”, “é preciso que os interessados [...] lutem”, “É preciso envolvimento” etc..

5.3 Muito além de um Carnaval fora de época: a Parada de Orgulho Gay como luta e resistência

Dentre muitas práticas por meio das quais, em *G Magazine*, o homossexual pode-se subjetivar no lugar de político-militante, a participação na Parada de Orgulho Gay tem destaque no periódico tal como acusa a recorrência com que se discursiviza acerca disto. Esta regularidade pode ser vista na rede de formulações-reformulações abaixo:

(22) Dia 25 de junho de 2000 acontece a **4ª Parada Gay de São Paulo**. [...] **Será que todos devemos participar? Gente, é lógico! Chega de ficar esperando que, por obra e graça da bondade alheia, ou do divino, tudo será resolvido! Nem pensar, vamos à luta deixando nosso carinhoso protesto nas ruas** (Edição 33, junho de 2000).

(23) Assim, também, ser **homossexual significa necessariamente parte da bandeira de ter esta vida e personalidade**. [...] **E a Parada do Orgulho Gay é hoje a melhor forma de lutar comunitariamente pelo direito à nossa sexualidade. Tomar parte nela não é um favor, mas uma obrigação que temos para conosco mesmos**. Eu vou estar na Parada, dia 17 de junho, com alegria de ser eu mesmo. **Espero encontrar você lá. E juntos comemorarmos o orgulho de termos chegado onde estamos** (Edição 45, junho de 2001).

(24) Trata-se de um evento cuja importância extravasa os limites da comunidade guei. **Estamos lutando em duas frentes: contra o machismo endêmico da sociedade brasileira e a favor da diversidade amorosa**. De fato, **a Parada de Orgulho GLBT está levando adiante uma luta rara neste país: milhares de pessoas indo às ruas reivindicar seu direito de amar** (Edição 47, agosto de 2001).

(25) Portanto, **vamos lutar, brigar pelos nossos direitos de cidadãos, botar a boca no trombone, aparecer nas Paradas, contestando assim velhos paradigmas controlados pelo medo de ser feliz** (Edição 56, maio de 2002).

(26) **Éramos 700 mil na Avenida Paulista**, em São Paulo, na última vez em que **comemoramos o nosso Orgulho**. Setecentos mil, todos diferentes. Portanto, **vamos começar a pensar que formamos uma força, uma força única**, e que somos iguais em nossa diferença (Edição 60, setembro de 2002).

(27) Então, **vamos às ruas de nossas cidades e, sobretudo, na Av. Paulista, em São Paulo, no dia 22 de junho, mostrando nossa cara à luz do dia, numa das mais importantes Paradas Gueis de todo o planeta. Vamos revelar ao Brasil o legítimo orgulho do nosso amor. Nos vemos por lá!** (Edição 69, junho de 2003).

(28) Em se tratando do direito de amar, nós não queremos menos do que TUDO. Politicamente, esse TUDO começa com a legalização da parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo. Daí a **extrema importância da comunidade homossexual comparecer maciçamente em 20 de maio, a céu aberto, na 9ª Parada GLBT de São Paulo**. [...] **Seu amor precisa de você para compor os dois milhões de pessoas esperadas este ano na maior Parada GLBT do planeta. Até lá, em nome do nosso amor!** (Edição 92, maio de 2005).

(29) **Depende de nós que a Parada de Orgulho GLBT de São Paulo e as inúmeras outras que pipocam pelo Brasil ampliem o espaço dos direitos conquistados pela comunidade homossexual. Por isso, a gente tem encontro marcado na avenida Paulista, em 17 de junho, e em todas as avenidas por onde reivindicaremos o nosso amor** (Edição 105, junho de 2006).

(30) **Nunca esquecendo de dividir e somar com outros que, como nós, sofrem com a discriminação, para cada vez mais ampliarmos nossas conquistas coletivas. Saíamos em todas as paradas e manifestações** (Edição 106, julho de 2006).

(31) **Em vez de nos perguntarmos se teremos, no futuro, um mundo de tolerância e respeito à homossexualidade – arco-íris dia após dia –, devemos agir no presente, conquistar ou construir, agora, a tolerância e o respeito que os outros nos devem. De que maneira? A participação nas paradas gays [...] já é um bom começo...** (Edição 116, maio de 2007).

(32) **Saiamos então às ruas clima de festa. Mas também de reivindicação dos nossos direitos. Só assim a igualdade plena um dia chegará. Nos vemos na Parada!** (Edição 128, maio de 2008).

(33) **Participe da Parada LGBT de sua cidade ou região. Colabore com a organização e ajude a promover a visibilidade e a cidadania LGBT** (Edição 132, setembro de 2008).

Na formulação 22, a Parada Gay é discursivizada como forma de luta e protesto, e que, por se tratar de uma forma de enfrentamento, solicita a participação de todos homossexuais. A participação na Parada aponta posição de sujeito ativa em relação às causas gays, mas também uma forma de se mostrar lúcido de que os pontos reivindicados pelos homossexuais não serão entregues “por obra e graça da bondade alheia, ou do divino”. Ir à Parada, assim, significa estar engajado na militância e, por isso mesmo, é uma forma de mostrar-se lúcido; o seu oposto, isto é, a não ida, indica imobilidade e alienação. Já dissemos, mas reiteramos: o modo de conceber e formular militância e alienação estão exatamente de acordo com o que pode e deve ser materializado no periódico.

Na formulação 23, participar da Parada do Orgulho Gay é novamente uma forma de ser ativista, e, nesse caso, a melhor maneira de lutar comunitariamente pelos direitos negados com base na homossexualidade dos indivíduos. A ida não é um favor, mas uma obrigação que se tem com todos os homossexuais, incluindo si mesmo. Aqui, observamos também um discurso autoritário funcionando em sua imposição acerca dos modos de militar. Conforme o poder-saber que regula a formulação, ir à Parada é um compromisso que deve ser assumido, e é uma forma de mostrar-se orgulhoso, tanto da própria homossexualidade, negando o discurso no qual ela é formulada como

vergonhosa, quanto dos ganhos até então adquiridos, inclusive o direito de ir às ruas tornar público esse orgulho sem maiores represálias.

Na formulação 24, a Parada de Orgulho L.G.B.T. é também uma forma de luta, sendo, neste caso, mais específica em relação ao seu oponente: o machismo. Combate-se o machismo mostrando-se favorável à “diversidade amorosa”, e a forma de reivindicar em massa o “direito de amar” é por meio da participação nas Paradas. Aqui, como em formulações de redes anteriores, o “amor” é selecionado para fazer referência ao direito de viver a própria sexualidade, e traz consigo um efeito de positividade considerando a homoafetividade e não exclusivamente as relações fortuitas de prazer sem apego emocional. Em 25, ir às Paradas é “colocar a boca no trombone”, como forma de contestar “velhos paradigmas”. O medo de enfrentar empecilhos erigidos contra os homossexuais é, em 25, dito como medo de ser feliz, e sendo assim, o enfrentamento significa como condição necessária para a felicidade, felicidade esta que é esperada por todos, de modo que, se é um anseio comum, também a militância deveria ser uma prática para todos os homossexuais, visto que condiciona o acesso à felicidade.

Em 26, a união da diversidade homossexual em um evento como a Parada Gay é sinal do que pode ser forte se coeso. Assim, a diversidade comum entre indivíduos quaisquer, e que por isso também é vista na Parada, deve ser esmaecida para que “uma força única”, comunitária, portanto, seja possível. Em 27, o orgulho atribuído a quem vai à Parada é novamente discursivizado, e a forma verbal “vamos” funciona como ordem, como marca linguística de uma memória transversa, isto é, de um discurso autoritário que atravessa a formulação. Diz-se, ainda, acerca de “mostrar a cara à luz do dia” num contraste entre o ato de ocultar-se, de estar no breu, e o de mostrar-se; é a visibilidade dos homossexuais possível por meio das Paradas.

Na formulação 27, o orgulho da sexualidade, novamente, é discursivizado como orgulho do amor entre indivíduos do mesmo sexo, assim como ocorre em 28. A ida à Parada Gay deve, então, ser feita em nome do “amor” sentido verdadeiramente, mas socialmente vetado. É uma luta nobre, portanto, visto que é uma luta por um sentimento igualmente nobre, o amor. Dizer amor tem efeito na identificação dos homossexuais com a luta, visto que é mais louvável ou socialmente mais elevado lutar por amor que pelo direito ao sexo, ainda que a dissociação absoluta entre eles pareça-nos problemática.

O “amor” também aparece em 29, de modo que a Parada é uma forma de reivindicá-lo. Nessa formulação, a responsabilidade do sucesso das Paradas no que diz respeito à ampliação de direitos conquistados é inteiramente dos homossexuais, e o pronome – nós⁵¹ – é inclusivo, devendo servir de identificação a todos os homossexuais. Ainda em 29, a ida a Parada é discursivizada como um compromisso assumido, que implica, portanto, responsabilidade e dedicação em seu cumprimento. Em 30, ir a manifestações semelhantes às Paradas ou às próprias é discursivizado como uma forma de ampliar as conquistas coletivas, o que implica pensar na coletividade, de modo semelhante ao que foi dito em capítulo anterior acerca de um discurso apresentando como de solidariedade. Mesmo na ideia de “dividir e somar com os outros”, há uma imposição subsequente que se quer reguladora dos modos de praticar o que se apresenta como amor ao grupo, ou seja, por meio da participação nas Paradas.

Na formulação 31, a participação nas Paradas, assim como é comum à rede de formulações-reformulações, é um começo (um bom começo) de ação, que resulta em conquista e construção da tolerância e respeito para com os homossexuais. Nessa formulação, a sociedade é dita enquanto devedora (a tolerância e o respeito que os outros nos devem), já que deve direitos aos L.G.B.T.. Dessa maneira, considerando que se trata de uma dívida, a cobrança dos homossexuais para reparação funciona como legítima, visto que este grupo foi lesado e a reivindicação diz respeito à retaliação dos direitos confiscados.

Em 32, os homossexuais são convocados a reivindicarem seus direitos, visto que é uma festa de orgulho também. Esta reivindicação a céu aberto é a forma de chegar à “igualdade plena”. Por fim, em 33, a participação na Parada, com as formas verbais (Participe, colabore, ajude) funcionando com efeito imperativo, é discursivizada como forma de promover a visibilidade e também a cidadania dos homossexuais, de modo que participar do evento é também ocupar o papel de promotor de visibilidade e da

⁵¹ Sobretudo nas formulações-reformulações deste capítulo, o pronome *nós*, considerando “toda a série que se refere à primeira pessoa do plural, a saber, *nós, nos, nosso*, bem como a desinência verbal de primeira pessoa do plural” (Indursky, 1997, P66) é recorrente e funciona de maneiras diversas, de modo que se fosse outro o nosso trabalho, o “nós” seria uma possibilidade de acesso ao *corpus* discursivo da militância em *G Magazine*. Destacamos, ainda assim, a possibilidades de trabalhos futuros a considerar o “nós” no discurso da militância gay brasileira materializada em periódicos para homossexuais.

cidadania. Inevitavelmente, ainda que não esteja materializado linguisticamente, o oposto serve para os homossexuais que não participarem do evento.

Em toda a rede, e este é o motivo de termos agrupados essas formulações-reformulações, vê-se o efeito de militância vinculado à participação na Parada de Orgulho Gay. Afirmar que a ida à Parada é um ato de ativismo, de clareza, de integração ao movimento L.G.B.T. funciona em oposição ao que se diz, mas certamente de modo diferente do que possibilita o poder-saber que regula a rede e a *G Magazine* de forma geral, acerca da pouca importância que teriam as manifestações como as Paradas, visto que seriam, sobretudo, um modo escandaloso de diversão, que fere os bons costumes e a moral da família cristã, e que não passaria de um Carnaval, mas de um Carnaval fora de época, o que poria a manifestação como deslocada de um lugar no qual ela deveria caber, que seria justamente o Carnaval, com suas plumas, brilhos e paetês, sendo, sobretudo, festividade e não movimentação política.

Ainda que nem todos homossexuais se identifiquem simbolicamente com a ida à Parada de Orgulho Gay, ainda que não comunguem com a ideia de que ela funciona como ato militante, concordando antes que seja mesmo um “Carnaval fora de época”, sem ganhos e importância políticos, então, em *G Magazine* ocorre este agenciamento dos homossexuais, que é um investimento para que todos se identifiquem com a causa.

5.4 Mais práticas de militância

Além da ida à Parada Gay, há diversas outras formas de militar. Organizamos, na rede abaixo, formulações que materializam modos de ativismo diversos da rede anterior:

(34) **Vá à luta. Agora temos um espaço para denunciar situações de discriminação sexual em todo o Brasil** (Edição 16, janeiro de 1999).

(35) **Precisamos acreditar mesmo em nossos direitos; seja na política, votando em quem fará algo por nós; seja nos filiando a grupo de defesa de nossas causas [...]** (Edição 30, março de 2000).

(36) **A G Magazine é um verdadeiro ‘tapa’ na cara dessa sociedade hipócrita que sempre tentou nos ignorar. [...] onde estão os anunciantes que nos entopem de marcas e etiquetas e não têm coragem de anunciar na nossa G? Estão esperando o quê? Um boicote?** (Edição 31, abril de 2000).

(37) **Então a própria comunidade homossexual precisa se organizar para se ajudar. Junte-se a um grupo de luta pelos direitos homossexuais. Não existe superação da culpa sem amor-próprio e sem solidariedade** (Edição 54, março de 2002).

(38) Enquanto segmento social visível e atuante, **precisamos exigir do município aquilo a que temos direitos, como leis, espaço de discussão e presença política.** [...] **É uma forma de dizer como meu amigo: sim, eu sou aquilo que sou, portanto, vou exigir o que me negam. É importante que a comunidade homossexual compareça. Ninguém vai conquistar seus direitos se cada qual não o fizer. Espero vocês lá, para trocarmos ideias e solidariedade** (Edição 57, junho de 2002).

(39) Que nos próximos anos a gente possa ser muito e muito felizes juntos! Mas lembrem-se, meu amores, **escolham com muito carinho os candidatos em outubro e tenho certeza de que, mesmo a nossa luta pela diversidade e liberdade não sendo mágica nem rápida, nossa vitória virá** (Edição 60, setembro de 2002).

(40) Se você sofre, **procure um grupo de liberação homossexual na sua cidade. Se não houver esse grupo, junte alguns amigos e comecem pelo menos a discutir os problemas, para se sentirem senhores(as) da própria história** (Edição 67, abril de 2003).

(41) **E vamos dar audiência a quem tem coragem de olhar de frente a diversidade da criação divina, levando ao público um conteúdo importante a todos os homens de boa vontade, sejam héteros ou homos** (Edição 94, julho de 2005).

(42) Em vez de nos perguntarmos se teremos, no futuro, um mundo de tolerância e respeito à homossexualidade – arco-íris dia após dia –, **devemos agir no presente, conquistar ou construir, agora, a tolerância e o respeito que os outros nos devem.** De que maneira? [...] **a compra da *G Magazine* na banca sem se preocupar com o que o vendedor vai dizer já é um bom começo...** (Edição 116, maio de 2007).

(43) **Cada vez que a publicidade de um produto, programa de televisão, celebridade ou estabelecimento comercial ofende a dignidade da comunidade GLBTT, os homossexuais reagem com um boicote seguido de um ato simbólico público.** [...] Por que, no Brasil, apesar do recorde de público da Parada Gay de São Paulo, nós, homossexuais, não conseguimos cidadania via consumo? [...] **Naqueles lugares, os homossexuais assumem sua orientação sexual não só para si, mas publicamente, o que lhes permite sustentar uma “cultura gay” não clandestina nem refém do medo e que se expressa publicamente o tempo todo** (Edição 119, agosto de 2007).

(44) **Diga não à discriminação. Peça aos senadores de seu estado que votem a favor do projeto de Lei nº 122/2006** (Edição 119, agosto de 2007).

(45) **Venha dar uma força!! Você merece!! A ABGLT precisa de voluntários para ajudar a promover a cidadania e defender os direitos GLBT** (Edição 124, janeiro de 2008).

(46) **Nós queremos você! - A ABGLT precisa de voluntários no cumprimento de sua missão de promover a cidadania e defender os direitos do GLBT. Entre em contato e saiba como colaborar** (Edição 125, fevereiro de 2008).

(47) **Precisa-se de 1500 “mosqueteiros”.** [...] **Cadastre-se como “mosqueteiro” da ABGLT e se manifeste nos meios de comunicação e no Congresso Nacional** (Edição 132, setembro de 2008).

(48) **Clique contra a homofobia. Dedique 30 segundos do seu tempo e ajude a transformar a discriminação homofóbica em crime. Acesse o site**

e assine o abaixo-assinado virtual a favor do PLC 122/2006. A meta é um milhão de assinaturas. **Colabora já com a sua!** (Edição 136, janeiro de 2009).

(49) **É fundamental que o PLC 122 seja aprovado**”, decreta Toni Reis, presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Cabe a todos nós também fazer o que pudermos para colaborar.** Não sabe como? Um dica fácil e rápida: **acesse o site www.naohomofobia.com.br e demonstre seu apoio à aprovação da lei** (Edição 142, julho de 2009).

Na formulação 34, ir à luta é denunciar a discriminação sexual, e esta é uma prática por meio da qual o indivíduo homossexual se subjetiva na posição de homossexual militante. Em 35, as práticas de votar em candidatos a cargos políticos que sejam favoráveis às causas homossexuais, ou ainda por meio da filiação a grupos organizados que defendam os direitos dos L.G.B.T. são modos de subjetivar-se na moral político-militante.

Na formulação 36, boicotar o consumo de produtos e marcas que, apesar de serem consumidas pelo grupo gay, não anunciam em *G Magazine*, que funciona como representativo de periódicos dirigidos ao público homossexual, é uma prática de militância. Anunciar em *G Magazine* é um ato de coragem e de comprometimento com a causa, conforme a discursivização do periódico, ato este que se não vem naturalmente com o consumo realizado pelos homossexuais, deve vir forçosamente pela ameaça de boicote.

Em 37, ocorre a incitação para que um grupo organizado pró-gay seja formado, e esta iniciativa configura um ato de amor próprio, de solidariedade e de organização. Na formulação 38, a participação de cada um é fundamental para que os direitos negados aos homossexuais sejam conquistados. Nesta formulação, a participação em eventos de natureza política deve ser feita, e é discursivizada como ato de solidariedade.

Assim como na formulação 35, em 39 o voto é um momento de luta para que sejam garantidos direitos até então negados. A escolha, conforme discursivização da revista, tem de ser feita com muito carinho, significando aqui com muita atenção e cautela, porque desta escolha dependem os ganhos na luta “pela diversidade e liberdade”. A formulação 40, por sua vez, assim como em 37, também materializa um modo de ser militante por meio da associação a grupos homossexuais, ou ainda pela criação desses grupos. Em 40 há um enaltecimento do ato de criar um grupo organizado homossexual,

e os indivíduos que se identificam com essa questão e submetem-se a esta prática são discursivizados como “senhores da própria história”.

Semelhante à prática linguisticamente materializada na formulação 36, um boicote é também incentivado em 41, mas agora ao que diz respeito aos programas e às emissoras de televisão. A prática a qual os homossexuais devem exercitar, então, é a de valorizar emissoras e programas que tratem de conteúdos importantes a homens quaisquer, sejam hétero ou homossexuais. São, portanto, passíveis de boicote as emissoras e os programas que segregam ou diminuem os homossexuais. Nessa formulação, há a materialização de uma expressão própria dos domínios do discurso religioso cristão. Dizer “homens de boa vontade”, e acrescentar ainda que esses homens sejam heterossexuais ou homossexuais numa formulação que trata de emissoras e programas não homofóbicos significa uma referência ao boicote que deve ser feito às emissoras e programas religiosos que fazem menção à homossexualidade e aos homossexuais como pecadores, dignos de piedade ou desmerecedores das benesses do Divino. Ainda nessa formulação, quando se fala da diversidade da criação de Deus, fala-se do logicamente estabilizado, no sentido de Pêcheux (1983b).

Na formulação 42, a compra da *G Magazine* é já um ato de militância, uma vez que significa consumir simbolicamente um material direcionado a homens gays, e de modo natural, isto é, sem preocupar-se com o que o “vendedor vai dizer”. Ir à banca comprar o periódico é também uma forma de assumir-se, por isso esse ato de consumo é dito como “um bom começo” para a ação necessária em prol da conquista e construção de respeito e tolerância. É mais, portanto, que uma estratégia mercadológica para vender revista. Podemos dizer que a *G Magazine* funcione aqui abarcando as edições de modo geral, desde que destinadas ao público gay, de modo que ir à banca consumir revistas destinadas a público gay é que constitui uma prática mediante a qual se constitui sujeito de uma moral político-militante.

Em 43, assim como em outras formulações dessa mesma rede, o boicote a produtos e programas de televisão que ofendem a comunidade LGBT deve ser realizado como prática militante. Os homossexuais do Brasil são chamados a realizar essa prática de boicote. Além disto, o assumir-se publicamente é também um ato de militância, assim como foi visto no capítulo anterior, quando mostramos redes de formulações-reformulações nas quais a assunção da homossexualidade era discursivizada enquanto

postura esperada e necessária a cada homossexual, como uma forma de participar do movimento homossexual.

Na formulação 44, a prática militante a ser realizada pelos homossexuais a fim de se constituírem enquanto sujeito político-militantes do movimento gay é a de conseguir, entres os senadores de cada estado, aliados para a aprovação do projeto que criminaliza a homofobia, e, que, atualmente, está no Congresso para ser votado. Em 45, por sua vez, a prática de militância diz respeito ao trabalho voluntário a ser prestado à A.B.G.L.T. no que tange à promoção da cidadania homossexual e da defesa dos direitos dos L.G.B.T.. Nessa formulação, a ajuda a ser dada reflete também em ganhos para o próprio homossexual engajado (Venha dar uma força!! Você merece!!). As formulações 46 e 47 também discursivizam o engajamento à A.B.L.G.T. como prática a ser exercida pelos homossexuais. Ainda em 47, chamados “mosqueteiros”, põe-se em funcionamento a luta, a bravura, a hombridade e também o sentimento de união que há no ato de engajar-se, sendo a prática mais específica, tratando-se de manifestações em meios de comunicação e no Congresso Nacional.

Nas duas últimas formulações da rede, 48 e 49, a militância é feita ainda no que diz respeito à aprovação da P.L.C. 122, mas agora com a especificidade de se fazer por meio de acesso ao site “naohomofobia.com.br” e, lá, pela assinatura virtual do abaixo-assinado a favor da criminalização da homofobia. Em 48 chamamos atenção para o verbo “colaborar” no imperativo (colabora) seguido do advérbio “já”, que marca linguisticamente o modo como se dá a relação entre este “manual” de conduta militante e os homossexuais, isto é, por via de imposições, à força.

5.6 Considerações finais.

Além do conjunto de regras e valores propostos aos indivíduos, por “moral” entende-se também o modo como os indivíduos lidam com as regras e os valores propostos, isto é, “a maneira pela qual se submetem mais ou menos a um princípio de conduta, pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição, pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição” (FOUCAULT, 1983, p.). Além da moral e do modo como se lida com as regras e valores impostos, isto é, da “moralidade dos comportamentos”, há ainda o modo como cada indivíduo deve

constituir-se a si mesmo como sujeito moral, para que faça mais que operar como agente, mas que seja sujeito moral da ação.

No que diz respeito às formulações-reformulações das redes de formulações-reformulações deste capítulo, aos modos de constituir-se sujeito moral da prática político-militante, baseados em Foucault (1983), dizemos que a questão incide sobre o modo de sujeição, sobre o modo pelo qual os indivíduos homossexuais se relacionam com a obrigação de colocar em prática a moral político-militante. O autor diz que toda ação moral implica relação com o real no qual ela se realiza, mas também uma relação consigo mesmo, que é mais que a consciência de si, mas exatamente o que o autor chama de constituição de um sujeito moral, no qual o próprio indivíduo torna-se objeto de prática moral, determinando para si um modo de ser que “valerá como cumprimento moral dele mesmo [...], levando-se a se controlar [...], a se aperfeiçoar e a se transformar” (FOUCAULT, 1983, p.214).

A forma de discursivização da militância em *G Magazine* tem esta característica de formar militantes, de investir na identificação dos homossexuais com essa moral para que eles invistam-se neste lugar, e ali constituídos, assimilem como necessidade própria a obrigação de colocar em funcionamento, por práticas, a moral político-militante homossexual, de modo que sejam mais que operadores desta conduta, sendo, sobretudo, sujeitos morais da ação militante. Por fim, no que diz respeito, sobretudo, ao enunciado materializado em diversas formulações/reformulações deste capítulo, defendemos que a *G Magazine*, por meio da materialização que opera do discurso, funciona recrutando militantes entre os homossexuais.

6. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Muitos trabalhos já partiram do *corpus* empírico *G Magazine*, operando, para o acesso ao material, recortes diversos, que, no entanto, não possibilitam entender o processo de constituição e discursivização do próprio periódico. Atentando para esta falta, ou, de outro modo, percebendo essa questão que não fora respondida, a nossa proposta foi mostrar a discursivização da homossexualidade falada por e para homossexual.

O nosso trabalho vincula-se ao projeto temático *Constituição e Discursivização de Revistas no Brasil* cujas questões propostas giram em torno do modo por meio do qual ocorre a constituição de uma revista, e por meio de quais práticas os indivíduos se subjetivam para serem sujeitos dos enunciados ali materializados. O nosso problema, então, diz respeito exatamente a este modo particular de existência da *G Magazine*, que implica a pergunta: por meio de quais práticas de si os indivíduos ali se constituem como sujeito moral? Para responder a essa questão, o mergulho na história, que é já memória, da *G Magazine* foi um exercício interessante, porque nos permitiu verificar o que silenciava uma capa, na qual é estampada e enunciada a nudez, a qual, concordamos, é o chamariz do produto, mas, destacamos, não esgota, absolutamente, o periódico.

A necessidade de verificar o funcionamento interno, mas sempre externo, uma vez que ocorre no impresso, como entendemos, a materialização do que circula socialmente, deu-se devido ao fato de, amiúde, os trabalhos que se propõem a analisar *G Magazine* fazerem referência ao desejo, à nudez, à espetacularização do nu em torno da genitália, a um suposto ideal heteronormativo que seria materializado na revista. No entanto, falar outra vez sobre isto, parece-nos, é “chover no molhado”, e não dava conta do que tinha a *G Magazine* de diferente em relação a outros periódicos. Além disso, há muita gente empenhada em responder a esses outros problemas.

A questão que nos propomos, isto é, da diferença, da singularidade de *G Magazine*, não poderia ser respondida simplesmente pela análise dos corpos nus e do desejo, ou ainda do cuidado com o corpo linguístico-imageticamente ali materializados, mesmo porque, estes e outros funcionamentos, como bem mostrou Fonseca-Silva (2007a), aparecem, com regularidade, em periódicos diversos com público-leitor

também variado, mostrando, então, que não se trata do indivíduo, mas da posição de sujeito que deve ocupar cada indivíduo para ser sujeito deste ou daquele enunciado.

Como não poderia deixar de ser, para entender o funcionamento amplo do impresso, debruçamo-nos sobre todos os números de *G Magazine*, de 1997 até 2009, mesmo quando ainda chamada de *Bananaloca*. Uma vez que nos perguntamos acerca da diferença de *G Magazine*, a nossa verificação de toda a história/memória do impresso foi necessária, permitindo-nos, de modo diferente do que vimos em outros trabalhos, mesmo porque a nossa pergunta é diferente das que também propuseram os demais, identificar os lugares da diferença em *G Magazine* em relação a outros periódicos, que, de acordo com nossa análise, consistem na discursivização da homofobia, no incentivo ao assumir-se gay e na discursivização da militância como um discurso atravessado e re-atualizado nos dois primeiros, servindo-lhes, portanto, como nó. No que diz respeito ao que chamamos, no nosso trabalho, de memória, isto é, o discurso transversal re-atualizado em outros discursos, bem como a margem de outros discursos que ficam “de fora” da seleção necessária para que algo seja dito, nos empenhamos para identificar e comprovar, na materialidade das formulações, estes atravessamentos e “avizinhamentos”, que lidam com o silenciamento e seus sentidos.

É importante, como dissemos anteriormente, lembrar que não tivemos a pretensão de esgotar as possibilidades de análise a serem feitas em *G Magazine*, uma vez que a materialidade do periódico é rica e passível de trabalhos diversos, embasados em teóricos também variados, o que, certamente, resultaria em respostas diferentes sob óticas distintas.

A nossa questão, pois, é a diferença de/em *G Magazine*, e falar da diferença implica, necessariamente, compará-la com outras revistas, apontando também as semelhanças entre os impressos. Porém, por estarmos tratando da constituição de um periódico, seria impreciso compará-los com periódicos quaisquer, e por uma questão de tempo e responsabilidade, não poderíamos comparar a constituição e discursivização da *G Magazine* que fizemos com periódicos para os quais o trabalho de constituição e discursivização não tivesse sido feito.

Cogitar a diferença de *G Magazine* foi possível, então, por conta de trabalhos anteriores de constituição e discursivização de periódicos, e nos apoiamos nos estudos de Fonseca-Silva (2007a) com *Claudia*, *Nova* e *Playboy*, com as quais identificamos semelhanças em relação à *G* no que diz respeito à discursivização do cuidado com o

corpo e do desejo. Neste caso, em relação ao corpo, em nada as formulações encontradas em *G Magazine* se diferenciam das encontradas nos periódicos analisados pela autora, tendo em comum, portanto, o fato de serem atitudes legítimas amar a si mesmo, cuidar de si para si e também para agradar e seduzir o outro, não havendo limites entre beleza, saúde, prazer e bem estar.

Em relação à discursivização do desejo também levantamos, durante o percurso da pesquisa, a hipótese de que este seria o lugar da diferença em *G Magazine*. Ocorre, no entanto, ao contrário do que supúnhamos inicialmente, que o investimento no desejo e na sexualidade é um dos eixos da discursivização de *Nova* e aparece fortemente na discursivização de *Playboy*, como demonstra Fonseca-Silva (2007a).

No caminho percorrido para encontrar a singularidade de *G Magazine*, perguntamo-nos: estaria a diferença, então, em relação ao corpo materializado nos ensaios de *G Magazine*? Afirmamos que também não era este o lugar, e o trabalho de Kronka (2005) nos mostra, por meio da análise de ensaios fotográficos de periódicos diversos, que há uma afinidade no modo como os corpos se configuram para serem belos e desejados.

Destacamos que os efeitos de sentido produzidos sobre esses corpos também não são exclusividade dessa revista, sendo, no que diz respeito ao tipo físico, os corpos-capas de *G* semelhantes aos corpos dos ensaios e capas de outras revistas masculinas e femininas de público heterossexual. Ou seja, menos que uma fixação de que homens gays gostam exclusivamente daquele tipo de corpo, consideramos que a questão vincula-se ao que seja o belo, numa associação entre a saúde que se nota num corpo saudável, sinônimo, como vimos, de um corpo “sarado”.

Em relação aos discursos que diferenciam *G Magazine* de outros periódicos, identificamos três funcionamentos que dizem respeito à homofobia, ao assumir-se gay e à militância gay.

Sobre o primeiro deles, identificamos três formas de homofobia: a primeira é manifestada pela violência de enrustidos contra homossexuais; a segunda é demonstrada pela violência de homossexuais assumidos contra homossexuais; e a terceira é exprimida quando o homossexual assimila a homofobia e assume para si o papel de “vítima”. Em cada uma delas apontamos, de certo modo, o atravessamento de um saber psicanalítico, mas também o que mais nos interessa: um discurso militante.

A respeito do segundo ponto de diferença, nas edições da revista, mostramos que algumas formulações se repetem acerca do assumir-se gay, de modo que foi possível observar alguns efeitos de sentido do assumir-se. Apresentamos a seguintes *frases-síntese* que indicam efeitos de sentido do *assumir-se* identificados em *G Magazine*: i) Assumir é ter prazer em viver; ii) Assumir é ter coragem; iii) Assumir é ser macho; iv) Assumir é ser verdadeiro; v) Assumir-se é louvável; vi) Assumir é ser feliz; vii) Assumir é ser digno; viii) Assumir é descobrir-se/conhecer-se; ix) Assumir é ser livre; x) Assumir é ter amor próprio. Além dessas, mostramos o discurso autoritário dissimulado sob a forma de “solidariedade” e também a questão da militância que diz respeito à visibilidade, isto é, ao ato de “sair do armário”.

Sobre o terceiro ponto de diferença de *G Magazine*, mostramos que a luta é discursivizada em *G Magazine* em seções variadas. Apontamos que, dentre muitas práticas por meio das quais, em *G Magazine*, o homossexual pode-se subjetivar no lugar de político-militante, a participação na Parada de Orgulho Gay é recorrente. Além desta prática, sublinhamos que há diversas outras formas de militar apontadas por meio das redes de formulações-reformulações.

Daremos ainda, nestas últimas considerações, a devida importância à militância de que fala *G Magazine*, a qual significa uma necessidade de engajamento, que tem como razão de ser a adesão de homossexuais num movimento apresentado como frágil se não conta com o apoio e participação de cada homossexual, o que é já uma estratégia de convencimento, mas, antes de tudo, um modo de agir na captação dos corpos, de modificá-los por meio de uma disciplina, ou, de outro modo, de fazer funcionar a “docilização” do corpo. Há, então, como mostramos, o investimento na formação de militantes, ou, de outra forma, o recrutamento de militantes entre os homossexuais que têm de ser ativistas da causa apresentada como “própria”. A revista, então, no que diz respeito à discursivização da militância, funciona como um modelo ou guia de comportamentos, que incita a identificação dos homossexuais para serem sujeitos morais desse enunciado da política-militância gay e de práticas de si que se confundem com a execução destas condutas.

Ainda sobre questão da militância, que é, como comprovamos, o que relaciona os dois primeiros funcionamentos, mostramos que mesmo quando se discursiviza sobre a homofobia ou o assumir-se gay, a questão da luta é atravessada fortemente, apontando a

necessidade de engajamento para que o movimento homossexual tenha força e que seus integrantes não encontrem em sua sexualidade razões para subtração de direitos.

Defendemos os três funcionamentos que diferenciam a *G Magazine*, mas devemos, outra vez, sublinhar que estes funcionamentos discursivos, quais sejam o da homofobia, do assumir-se e da militância não são exclusividade de *G Magazine*, mesmo porque partimos do pressuposto de que a mídia, e no caso, a *G*, materializa o que circula socialmente, o que acarreta dizer que o que está neste periódico está em muitos outros lugares, e mesmo em outros suportes, a exemplo da discursivização do assumir-se, apontada por Kronka(2000) em *SuiGeneris*. A análise de como estes discursos que individualizam *G Magazine* são materializados em outros lugares, e mesmo em outros periódicos, por exemplo, em outras revista cujo público leitor seja também homem e homossexual, é um trabalho maior que pretendemos continuar desenvolvendo e que foi apenas iniciado nesta etapa.

Por fim, apontamos que o que há de mais relevante no nosso trabalho, ao que nos parece, é o fato de provar a discursivização regular – critério importante para que falemos da singularidade de *G Magazine* – de temáticas que não aparecem consideradas por quem se propõe a falar desse impresso, cuja ênfase recai normalmente no erotismo e em questões afins. Por isso, consideramos valiosa a nossa contribuição para quem quiser entender o modo como este periódico configura-se e apresenta-se ao longo de seu período de circulação, e, de modo mais distante e mais pretensioso, é um trabalho importante para quem interessar a maneira como a imprensa homoerótica brasileira discursiviza acerca da homossexualidade e sua respectiva militância.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N.C. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ACHARD, P. Memória e Produção Discursiva do Sentido. In: ACHAR, Pierre ET al. (org). *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999. Edição original: 1983
- BAUDRILLARD, J. L' **échange sybolique et la mort**. Paris: Galilée, 1979.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BORILLO, Daniel. Homofobia. In: LIONÇO, Tatiana.; DINIZ, Debora(Org.) **Homofobia & Educação:um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres; EdUNB, 2009. P.15-46.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p151-172.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009. Edição original:1981.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007a.
- _____. *Mídia e Lugares de Memória Discursiva*. In: Maria da Conceição Fonseca-Silva, Sírio Possenti. (Org.). **Mídia e redes memória**. 1 ed. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007b. p. 11-37.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Edição original:1969.
- _____. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007. Edição original:1971
- _____. **Vigiar e Punir**. História da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. Edição original:1975.
- _____. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007. Edição original:1976.
- _____. *A evolução da noção de “indivíduo perigoso” na Psiquiatria Legal no século XIX*. In: **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2006. p.1-25. Edição original:1978.
- _____. *Não ao sexo rei*. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007. p. 229-242. Edição original:1979.
- _____. *O uso dos Prazeres e as Técnicas de Si*. In: **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 192-217. Edição original:1983.

_____. **História da Sexualidade II.** Uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2007. Edição original:1984a.

_____. **História da Sexualidade III.** O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2005. Edição original:1984b.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras psicológicas completas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.v.VII. Edição original:1905.

_____. À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 2004. Edição original:1914.

_____. O Recalque. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 2004. Edição original:1915a.

_____. Inconsciente. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição original:1915b

_____. Pulsões e Destinos da Pulsão. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 2004. Edição original:1915c.

_____. Além do princípio de prazer. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição original:1920.

_____. O Eu e o Id. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 2007. Edição original:1923.

FRY, Peter. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980).** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

KRONKA, G. Z. **A homossexualidade nas bancas de jornal: a enunciação do “assumir-se” homossexual na imprensa especializada.** Dissertação (Mestrado em

Linguística), Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: < <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000206277>>. Acesso em: 25 maio. 2010.

_____. **A encenação do corpo:** o discurso de uma imprensa (homo)erótico-pornográfica como prática intersemiótica. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em: < <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000373829>>. Acesso em: 17 ago. 2009.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade.** Identidade Sexual e Política no Brasil da Abertura. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MONTEIRO, Marko Synésio Alves. **Masculinidade em revista:** um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: < <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000212795>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

MORIN, Edgard. **Cultura de Massa no Século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MOTT, Luiz. **Assassinato de homossexuais**. Manual de coleta de informações, sistematização e mobilização política contra crimes homofóbicos. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

_____. **Homossexualidade**: Mitos e Verdades. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

NASCIMENTO, Márcio Neman do. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?. In: *Athenea Digital*, 17, 227-239. 2010. Disponível em <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/662>. Acessado em: 7 jun. 2010.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v. 10, p. 7-28, 1993. Edição original:1984.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni. P, LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-33.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p125-150.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F e HAK,T(Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.p61-161. Edição original:1969.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009. Edição original:1975a.

_____; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F e HAK,T(Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.p163-252. Edição original:1975b.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997. Edição original:1983a.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57. Edição original:1983b.

POSSENTI, Sirio. Estereótipo e identidade: o caso nas piadas. In: POSSENTI, Sirio. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar edições, 2004a, p.155-166.

_____. Análise do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: Mussalim, Fernanda e Bentes, Anna Christina. (Org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Editora Cortez, 2004b, v. 3, p. 353-392.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**. Campinas, v.28, p.19-54, 2007.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. Representatividade homossexual em tempos de ditadura: algumas reflexões sobre o jornal Lampião da Esquina. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart. ; FERREIRA, Lucia Maria. A.(Org.) **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.279-296.

ZANATTA, Elaine Marques. Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80. **Cadernos AEL**. V.5/6, 1996-1997.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P35-82.

WELZER-LANG, Daniel (2001). A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos feministas*.2001. , 9(2), 460-482.